



uma publicação da Academia Volta-redondense de Letras (AVL)

2024 - ano 05 - número 07



<https://www.revistaarigo.avl.org.br/>

ISSN: 2764-1155

## **Revista Arigó**

ISSN: 2764-1155

Periodicidade: anual.

Contato: [revistaarigo@avl.org.br](mailto:revistaarigo@avl.org.br)

<https://www.revistaarigo.avl.org.br/>

Instituição responsável: Academia Volta-redondense de Letras (AVL)

Editor-Chefe:

José Huguenin

Editores associados

Camila Cabral, Fábio Elionar, Lourildo Costa, Lúcia Assis, Nikson Salem

Designer gráfico

Leonardo Ladeira R.

## **Endereço:**

Rua 14, nº 315 – Vila Santa Cecília

Volta Redonda-RJ

CEP: 27260-140

## **DIRETORIA DA AVL (2024-2025)**

Presidente: Jean Carlos Gomes

Vice-presidente: Débora Corsi

Secretário: Angela Alves Crispim

Tesoureira: Camila Cabral

Diretor Social: Thalita Wutke

Coordenação Editorial: José Huguenin



# Sumário

Editorial .....	4
Resenhas e biografias .....	5
Textos Literários (Verso) .....	22
Textos Literários (Prosa) .....	51
Ensaio e Trabalhos Acadêmicos.....	63
Relatos Historiográficos.....	119

# Editorial

Volta Redonda, dezembro de 2024

A *Revista Arigó (RA)*, em seu quinto ano, com dois números especiais, segue motivada pela sua missão de difusão da literatura de Volta Redonda e do Sul Fluminense, bem como a pesquisa acadêmica nacional. O ano de 2024 foi um ano de muitas conquistas. A **RA** foi indexada pelo **Latindex**, diretório de revistas científicas ibero-americanas e pelo **Miguilim**, diretório das revistas científicas eletrônicas brasileiras, do IBICT. Trata-se de duas grandes conquistas pois indica que estamos galgando padrões de excelência já reconhecidos por dois grandes agentes da publicação científica. Isso só nos motiva a continuar aprimorando a **RA** para alcançar padrões de qualidade ainda maiores. Vamos celebrar!

O Número 7, edição periódica da **RA**, ficou aberto para submissão de trabalhos de 01 de janeiro a 31 de agosto de 2024. A seção *Resenhas & Biografias* apresenta obras de autores e autoras da região Sul Fluminense e também personalidades ligadas ao universo das letras. Destaque para o artigo sobre José Luiz de Oliveira que completaria 100 anos em 2024. Vale mencionar o trabalho da Acadêmica Angela Alves Crispim que tem se dedicado a escrever sobre autoras e autores da região.

A produção literária em verso e prosa de autores e autoras da região Sul Fluminense está na seção *Textos Literários*. Aceitamos poemas, pequenos contos e crônicas. Os textos são submetidos pelos próprios autores, o que permite que a **RA** seja veículo de apresentação de obras contemporâneas.

Este ano não teremos o número especial da FLIM (Feira Literária de Mambucaba) mas os textos finalistas do concurso Literário da FLIM que a AVL ajuda a organizar há três anos estão publicados ao fim da seção *Textos Literários - Versos*.

A seção *Ensaios e Trabalhos Acadêmicos* teve um aumento na submissão de trabalhos. São abordados temas de literatura comparada e ensino.

A seção *Relatos Historiográficos*, que tem por objetivo registrar a rica história da região, tem um maravilhoso relato pessoal da acadêmica e poeta Regina Vilarinhos sobre a poesia de Volta Redonda. São aceitas submissões de artigos acadêmicos ou ensaios, baseados em pesquisas e estudos, relatos pessoais de eventos contemporâneos e passados.

Ao(À) leitor(a) entregamos este Número 7 que dá continuidade a esse projeto que tem como missão o registro literário e historiográfico da Região Sul Fluminense comprometido com a língua portuguesa e seu ensino e que em 2024 teve reconhecimento de sua qualidade e seriedade.

Boa Leitura!

José Huguenin  
Editor Chefe



*Resenhas & Biografias*

# José Luiz de Oliveira, sinônimo: GLAN - Grêmio Literário de Autores Novos

por Angela Alves Crispim

José Luiz de Oliveira, nasceu em 09 de outubro de 1924, na cidade de Guaraciaba, Minas Gerais e faleceu em Volta Redonda, em 07 de abril de 2010. Portanto, em 2024 completaria 100 anos de idade. Casou-se em 1947 com Alaide de Paula Oliveira e tiveram 5 filhos. Do seu segundo casamento em 1996, com Ana da Silva Oliveira, nasceu Josilene Silva de Oliveira.<sup>1,2</sup>

Em 1958, publicou o seu primeiro livro, um romance, intitulado “Preconceito de Cor”, onde também constou cerca de 60 poesias.<sup>1,2,3,4</sup>

Em 1975, fundou o GLAN – Grêmio Literário de Autores Novos.<sup>1,2,3,4</sup>

Foi correspondente de várias entidades literária no Brasil e no exterior, tais como: Academia Anapolitana de Filosofia, Ciências e Letras de Anápolis, Goiás; Academia Eldoradense de Letras, Eldorado, São Paulo; Academia de Letras e Estudos de Corumbá, Mato Grosso do Sul; Academia Petropolitana de Letras de Petrópolis, Rio de Janeiro. Membro efetivo da UPI – União dos Profissionais da Imprensa do Rio de Janeiro.<sup>1,2,3,4</sup>

Recebeu um título de honra de “Amicale de Club Intellectuel Français”, tornando-se acadêmico de honra de “La Fleur des Neiges”, título de honra de “La Rose,” Port-de-Bouc de France. Foi correspondente da revista “O Mensageiro da Poesia”, de Portugal.<sup>1,2,3,4</sup>

Em 20 de março de 1998, Dia do Poeta, o GLAN o agraciou com uma Menção Honrosa, recebendo uma placa de prata, pela divulgação da Literatura na Região.<sup>1,2</sup>

Este ensaio teve como objetivo principal, resgatar um pouco da história do importante trabalho executado por José Luiz, nome literário, em prol da literatura e dos escritores reconhecidos e/ou iniciantes de nossa região.

Este bravo mineiro, um eterno apaixonado, defensor da divulgação literária, tinha “aproximadamente 1,60 de altura, e um coração gigantesco”, possuía uma grande capacidade de fortalecer a amizade entre as pessoas que o cercavam. Sua ambição principal era “o amor às letras, às ideias e aos sonhos”, tornando possível a sobrevivência do GLAN em seus tempos mais difíceis, dizendo sempre: “O grêmio é uma família”.<sup>1</sup>

Com certeza, pode-se afirmar que José Luiz de Oliveira é um sinônimo para GLAN – Grêmio Literário de Autores Novos. Um está intrinsecamente relacionado ao outro.

O Sr. José Luiz, teve sua estreia na literatura volta-redondense com o livro “Preconceito de Cor”, em 1958. Em sua trajetória, desenvolveu um trabalho incansável para divulgar a literatura em nosso município, agregando em seu entorno autores com trabalhos publicados e reconhecidos e os iniciantes, aos quais incentivava sempre que publicassem seus escritos. Representou, a nossa literatura, como membro correspondente de entidades, no Brasil e no exterior.

Além de sua participação em várias das coletâneas em Volta Redonda e em Barra Mansa, também publicou: “Poesias Beija-Flor”, em 1998; o mini romance popular, “O Homem que se casou com a Cadelinha Branca”, em 2003; “Eu e Você – Crônicas e Poesias”, em 2004; “Poemas Bíblicos e Novos Temas Poéticos”, em 2009.

No livro “Poesias Beija-Flor”, pode-se observar o seu bom-humor e sensibilidade em vários momentos através de versos, como:

“Quando nasce uma criança,  
Tem perfume de jasmim.  
É uma nova vida que surge;  
Mais um pedacinho de mim.”<sup>1, p.12</sup>

“Nunca vi numa gaiola  
Um beija-flor aprisionado,  
Creio que ninguém prenderia  
Um pássaro tão delicado.”<sup>1, p.12</sup>

“Feliz fica a moça  
No dia que vai se casar.  
Depois vem a tristeza  
Se não tem casa pra morar.”<sup>1, p.20</sup>

“Esta sorte não é pra mim,  
Mas, se ela vem de Alá,  
Seguirei qual galo velho,  
belisca aqui, bica acolá.”<sup>1, p.23.</sup>

“O garimpeiro é um peão  
Como da indústria ou boiadeiro,  
Trabalha o dia todo  
E sempre está sem dinheiro.”<sup>1, p.29</sup>

“A pior coisa da vida  
É ter mulher mal-humorada.  
Está sempre de mal com a vida,

Não se conforma com nada.”<sup>1</sup>, p.34.

Em “Eu e Você Crônicas e Poesias”, podemos apreciar o seu lado cronista ao desenvolver duas histórias de amor, sonho e perda. Bem como, um conjunto de poesias novas e outras que recapitulam alguns momentos do livro “Poesias Beija-Flor”.

No mini romance “O Homem que se casou com uma Cadelinha Branca”, há uma mistura de conto romântico entremeado com suspense, onde a principal personagem tem habilidades especiais e quer descobrir o amor verdadeiro, testando com exigências estanhas a quem a pede em casamento.

Em “Poemas Bíblicos e Novos Temas Poéticos”, buscou transformar em poemas alguns momentos descritos na Bíblia Sagrada, dos quais destacamos:

“Adão foi o primeiro homem  
Que por Deus criado,  
Em uma estátua de barro  
O espírito da vida foi-lhe soprado.”<sup>2</sup>, p.11

“Noé abriu as portas da arca  
Mandou a todos desembarcar,  
Novamente habitaram a terra,  
Mas logo voltaram a pecar.”<sup>2</sup>, p.19.

“Dos doze filhos de Jacó  
José foi o escolhido,  
Por inveja dos irmãos  
Para o Egito foi vendido.”<sup>2</sup>, p.21.

“Lá do alto da montanha  
Moisés estava em pensamentos,  
Numa lápida de pedra lascada  
Escrevia os dez mandamentos.”<sup>2</sup>, p.38.

Além dos livros mencionados, poderemos encontrar sua participação numa grande quantidade de poemas, contos e crônicas publicadas nas Coletâneas de Contos e Poesias do GLAN, onde sua presença foi constante. Fazia parte de sua personalidade, sempre buscar e estimular a participação dos antigos e novos escritores nas coletâneas, dispendendo um enorme esforço, dedicação, determinação e muita coragem diante de todas as adversidades encontradas pelo caminho.



O escritor e o homem José Luiz de Oliveira, foram de fundamentais importância para muitos dos atuais autores em nossa cidade. Vários deles iniciaram sua vida literária a partir de publicações nas coletâneas do GLAN – Grêmio Literário de Autores Novos.

Vencendo todas as dificuldades inerentes à época, José Luiz conseguiu lançar, a duras penas, o seu primeiro livro “Preconceito de Cor”, que foi um marco para a literatura em nosso município, merecendo, por toda a sua luta constante e incansável, nosso respeito e admiração.

Seus trabalhos apresentam ideias singelas, românticas, de uma beleza incomparável pela simplicidade com que nos toca.

Ele completaria 100 anos em outubro. Seu corpo físico partiu antes, mas sua coragem, determinação e perspicácia, estarão sempre presentes na memória daqueles que tiveram a sorte de conviver e participar de sua trajetória.

#### BIBLIOGRAFIA:

- 1 OLIVEIRA, José Luiz, Poesias Beija-Flor.1998.
- 2 OLIVEIRA, José Luiz, O Homem que se casou com uma Cadelinha Branca. Mini romance – coleção popular. Editora Lenheiros, 2003.
- 3 OLIVEIRA, José Luiz, Eu e Você – Crônicas e Poesias. Editora a Voz do Lenheiro. Editora A Voz do Lenheiro, 2004.
- 4 OLIVEIRA, José Luiz, Poemas Bíblicos e Novos Temas Poéticos. 2009.

# Nuely Ferreira Arbex, uma química a espalhar o amor

por Angela Alves Crispim

Nuely Ferreira Arbex, nasceu em Lima Duarte/MG, em 19/09/1948 e faleceu em 01/05/2009. Residiu em Volta Redonda a maior parte de sua vida, mais tarde morou em Pinheiral por algum tempo. Teve dois filhos, Jonny Ferreira Arbex e Romilda de Oliveira Ferreira. <sup>1, p. 92; 3, 87p.; 5, p. 34.</sup>

Formada em Técnica em Química e no Curso de Ciências Biológicas, pela FERP. Lecionou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Volta Redonda, hoje UGB, nas disciplinas de Química e Bioquímica. Lecionou também, a partir de 1985, pelo Estado do Rio de Janeiro, química e biologia no Colégio Estadual Piauí. <sup>3, 87p.; 5, p. 34; 6, p. 81.</sup>

Escrevia desde os dez anos. Publicou em parceria com Ismael Gomes da Silva os livros “EU E VOCÊ”, em 1978, “NÓS DOIS JUNTINHOS”, em 1981 e SEARA DE ILUSÕES, em 1986. Participou do GREBAL – Grêmio Barramensense de Letras e do GLAN – Grêmio Literário de Autores Novos. Colaborou em diversos jornais do Estado do Rio e com o jornal “A Voz da Cidade”. Teve muitas de suas poesias e contos publicados nos jornais da região. <sup>1, p. 92, 2, p. 54; 7, p. 101.</sup>

Além de uma grande produção literária, estava sempre estimulando aos escritores para publicar os poemas, muitas vezes guardados em gavetas. Entretanto, o que alguns desconhecem, é que a Nuely Arbex desenvolvia um importante trabalho, e de muita relevância, na assistência social. Em seus projetos pessoais, preocupava-se em levar um pouco de bem-estar e carinho às pessoas em Asilos e às Mulheres Gestantes e seus Bebês carentes. Essa ação humanitária a fazia coordenar familiares e amigos diversos para captar recursos e fazer um atendimento aos mais necessitados.

Sua personalidade cativante, o seu carisma, sorriso aberto, com piadas e brincadeiras, conseguia arrebanhar alunos, amigos, conhecidos para se juntarem a uma luta, da qual muitas das vezes não tinham qualquer noção da profundidade do problema.

Este trabalho teve por objetivo principal mostrar a grande contribuição de Nuely Ferreira Arbex para a literatura de nosso município; trazer ao público uma face pouco conhecida por muitos do mundo literário e, que caracterizava o seu lado humano, bonito, amigo, sensível por ser uma pessoa muito especial.

A Nuely Arbex foi uma figura ímpar. Transitava com facilidade no meio dos escritores, professores, alunos e amigos. Fazia com que as pessoas se ligassem as suas lutas com facilidade. Das várias de suas participações nas coletâneas do GLAN, faremos menção a alguns de seus trabalhos para ilustrar toda a sua potencialidade como escritora de contos e poesias.

Na COLETÂNEA DE CONTOS E POESIAS DO GLAN, de 1983, apresentou o seu conto CRIME PERFEITO, em que tece a história de um casal ao trabalhar na descoberta de um veneno. A personagem descobre as traições do marido, fica revoltada e, num suposto acidente, consegue matá-lo, mas o arrependimento do ato a corrói interiormente.<sup>2, p. 55-63.</sup>

Em 1984, na IV COLETÂNEA DE CONTOS E POESIAS DO GLAN, apresentou três poemas e um conto. O seu lado romântico ficou muito evidente no poema REGRESSE, em seu verso “E desamparado, e com você distante / só a brisa me afaga mansamente. / E o luar frio como negro amante / beija minhas carnes gélidas serenamente.”. No poema SER AMANTE, demonstrou toda a sua sensibilidade e inquietude quando diz: “Ser amante é ser anjo, / descer ao inferno da vida / e subir aos céus num instante.”.<sup>1, p. 93, 94.</sup>

Na COLETÂNEA CONTOS E POESIAS, de 1980, do GLAN, em seu poema, vai a PROCURA, pede “Um sorriso simples para serenar / os meus anseios ou, quem sabe, um / beijo fraterno para enxugar / minhas lágrimas. Mas ah! / Eu pedi, muito realmente... / Eu queria UM AMIGO.”. Novamente sua essência romântica se mostrou em ALTAR PROFANO, ao afirmar: “E esse amor é suave e embriaga / como o vento, ou então, de repente, / é um barquinho frente a uma vaga / atrojadora, que o leva mansamente.”.<sup>8, p.106-107.</sup>

Em 1985, na COLETÂNEA DE CONTOS E POESIAS DO GLAN, publicou conto e poesias. No conto A EXPECTADORA descreveu os sentimentos dissonantes das pessoas que participavam de um velório até finalizar o enterro. No final nos surpreende ao revelar que, quem conta a ocorrência é a pessoa falecida. No poema CONTRA-SENSO, fala de um amor contraditório, “Eu sempre soube que meus braços tépidos / envolveriam seu calor e / nosso amor seria cálido como foi. / Mas também sempre soube que a noite / não poderia se apaixonar pelo dia e / o resultado é que eu o contaminei.”.<sup>4, p. 91-92, 217.</sup>

Na VIII COLETÂNEA DE CONTOS E POESIAS DO GLAN, de 1988, apresentou um pequeno conto intitulado COMPARAÇÕES, no qual tece comparações entre o personagem e o amor encontrado.<sup>5, p. 34.</sup>

Em 1989, foi a vez da IX COLETÂNEA DE CONTOS E POESIAS DO GLAN. Nela a Nuely participou com dois contos, NÃO ABRO MÃO e NÓS, e três poesias, PARTIDA, NÃO TE BASTAM? e SE ME TIRAM VOCÊ. Em PARTIDA, escolhemos o verso: “Partida, profanação / de um amor terminado. / É punhal no coração / que nos crava o ser amado.”. De NÃO TE BASTAM? o verso escolhido representa um alerta, “Não te bastam essas minhas mãos / tão tuas, feitas para acariciar / este teu corpo tão meu? Mãos que / se te fazem sofrer também te fazem vibrar?”.<sup>9, p. 38-39, 111-112.</sup>

Em 1994, na XII COLETÂNEA de CONTOS E POESIAS DO GLAN, participou com cinco poemas, entre os quais escolhemos CORREIO SENTIMENTAL. Nele podemos apreciar o seu lado romântico e humorístico no verso: “Preciso de alguém que não precisa ser bonito, / nem mesmo ter um metro e oitenta. / Não precisa ser um banco de cultura / e nem ter olhos verdes ou ser rico.”. Em APRENDIZADO há um conselho para se encarar a vida, “Guarda o teu soluço e tua ira, / tenta reavivar teu sonho, / reconstruir tua esperança. / Engole o teu pranto, tua dor, / esquece o amor desintegrado, / sai do mar de lamentações.”. Era isso que mais impressionava em Nuely, a sua força interior. A sua capacidade de lutar para vencer os embates que vida lhe impôs.<sup>6, p. 81, 85.</sup>

A XIII COLETÂNEA DE CONTOS E POESIAS DO GLAN, foi publicada em 1996. Nela encontraremos cinco poemas de sua autoria, dos quais escolhemos SURDEZ, por relatar uma verdade que enfrentamos em alguns momentos de nossa vida, representadas no verso: “O mundo está totalmente surdo / todos têm pressa, / ninguém nos ouve. / É bem verdade, que / muitas vezes, por pura / educação alguém finge / escutá-lo. / Mas na realidade a pessoa / está presente apenas de corpo, / sua alma está em outro lugar.”. Em RAPIDEZ, discorre sobre a inconsistência do tempo ao afirmar que “A vida é tão efêmera / como a chama da vela / exposta ao vento forte.”, no verso final do poema, como em uma previsão, conclui: “Porque, amanhã, quem sabe / Tudo acaba como num passe / de mágica e a vida fenece.”. <sup>7, p. 101, 103.</sup>

SEARA DE ILUSÕES, foi um livro de poesias e crônicas, publicado em parceria com Ismael Gomes da Silva, em 1986. Dos vários trabalhos apresentados por Nuely, escolhemos de INCONSEQUÊNCIA, o verso: “E de repente, você é gente, / é seiva correndo, é vida, / é sangue novo, ardente, / em minha veia combatida.”. Sua alma eternamente apaixonada, por tudo e por todos, transparece no poema SEM ADEUS, em que confessa: “Eu te amo assim, sem futuro e sem passado, / sem esperança, sem ódio, sem rancores. / sei que esse amor vive do pecado, / mas por isso mesmo é o maior dos amores.”. <sup>10, p. 43, 53.</sup>

No livro CRÔNICAS DE BARRA MANSA, do Grêmio Barramensense de Letras, de 1986, publicou a CRÔNICA DA VIDA, tecendo a história de um menino abandonado, que se autodenominou como Pedro Azarão. Nela expõe as possibilidades e mazelas a serem enfrentadas pelo menino ao crescer na rua. <sup>11, p. 104-105.</sup>

Nestes breves comentários, apresentamos alguns momentos dos trabalhos idealizados e publicados por esta grande mulher e escritora, que se atreveu a falar do amor, das conquistas, solidão, contradições e preocupações que invadem a mente, a alma e as emoções que imperam num coração sensível.

Os poemas apresentados demonstram claramente a paixão constante com que vivia, sua dedicação a família, aos amigos, alunos, colegas de profissão, às pessoas necessitadas. Escreveu sobre o amor, deu conselhos para se viver, enfrentar as dificuldades e aprender a sobreviver. Suas paixões, anseios, dúvidas, sutilmente ficaram registrados em seus poemas, demonstrando o quanto era sensível e perceptiva às realidades que nos envolvem no dia-a-dia. Seu lado humorista e crítico, aparecem em alguns de seus contos e versos, fazendo um alerta, ora sutil, ora claramente, para denunciar e provocar em cada um que o ler a visão de uma realidade diferente. Recebeu de quem a conheceu um amor verdadeiro, como retribuição a sua dedicação e cuidados com cada um que envolveu no seu abraço carinhoso.

Nuely, foi uma pessoa intensa em tudo que fazia. Estava sempre atenta e presente para aqueles que de sua ajuda necessitavam, quer com uma palavra amiga, um ombro para se apoiar, um aperto de mão, um conselho.

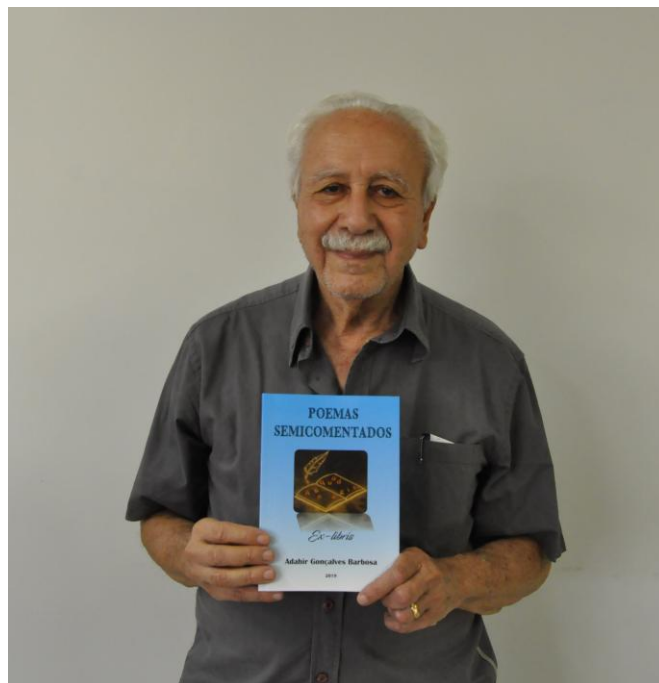
Era uma verdadeira guerreira, enfrentou muitas tempestades provocadas pelos vendavais da vida. De cabeça erguida, com coragem, suportou e procurou vencer a todos os embates que o destino a obrigou a enfrentar até o seu último momento.

#### BIBLIOGRAFIA:

- 1 ARBEX, Nuely Ferreira, Poemas: Regresse e Ser Amante. IV Coletânea de Contos e Poesias do GLAN – Grêmio Literário de Autores Novos, Editora Valença S.A., 1984, p. 92-94.
- 2 ARBEX, Nuely Ferreira, Conto: Crime Perfeito. Coletânea de Contos e Poesias do GLAN – Grêmio Literário de Autores Novos, Editora Valença S.A., 1983, p. 54, 55-63.
- 3 ARBEX, Nuely Ferreira, Homenagem. XXIV Coletânea de Contos e Poesias do GLAN – Grêmio Literário de Autores Novos, Nova Gráfica, 2009, 87p.
- 4 ARBEX, Nuely Ferreira, Conto: A Expectadora e o Poema: Contra-Senso. V Coletânea de Contos e Poesias do GLAN – Grêmio Literário de Autores Novos, Editora Valença S.A., 1985, p. 91-92, 217.
- 5 ARBEX, Nuely Ferreira, Conto: Comparações. VIII Coletânea de Contos e Poesias do GLAN – Grêmio Literário de Autores Novos, impresso pela R. M. de Sá, 1988, p. 34.
- 6 ARBEX, Nuely Ferreira, Poesias: Correio sentimental e Aprendizado. XII Coletânea de Contos e Poesias do GLAN – Grêmio Literário de Autores Novos, impresso pela R. M. de Sá, 1994, p. 81, 85.
- 7 ARBEX, Nuely Ferreira, Poesias: Surdez e Rapidez. XIII Coletânea de Contos e Poesias do GLAN – Grêmio Literário de Autores Novos, impresso pela R. M. de Sá, 1996, p. 101, 103
- 8 ARBEX, Nuely Ferreira, Poemas: Procura e Altar Profano. Coletânea de Contos e Poesias 1980, do GLAN – Grêmio Literário de Autores Novos, Editora Valença S.A., 1980, p. 106, 107.
- 9 ARBEX, Nuely Ferreira, Contos: Não Abro Mão e Nós e as Poesias: Partida e Não te Bastam?. IX Coletânea de Contos e Poesias do GLAN – Grêmio Literário de Autores Novos, Editora R. M. de Sá, 1989, p. 38-39, 111-112.
- 10 SILVA, Ismael Gomes e ARBEX, Nuely Ferreira, Poesias: Inconsequência e Sem Adeus, Livro Seara de Ilusões. Editora Valença, 1986, p. 43, 53.
- 11 ARBEX, Nuely Ferreira, Crônica da Vida. Livro Crônicas de Barra Mansa, do Grêmio Barramansense de Letras, Gráfica Gazetilha, 1986, p. 104-105.

# Os *Poemas semicomentados* de Adahir Gonçalves Barbosa

por Angela Alves Crispim



*Poeta Adhair Adahir Gonçalves Barbosa com seu livro Poemas Semucomentados*

Costumamos dar grande valor às obras dos autores renomados e esquecemos da “Prata da Casa”. Foi com muito prazer que li o livro de Adahir Gonçalves Barbosa, **Poemas Semicomentados**, *Ex-libris*, publicado em 2019, editado pela Gráfica e Editora Irmãos Drumond Ltda, Barra Mansa/RJ.

Em sua forma simples e direta de se comunicar, escreveu um belo poema estabelecendo o que é “*Cidadania*”. Claramente ele explica em sua primeira estrofe

*“Cidadania não é palavra oca / com que se encha a boca. / não é a mesma dos gregos e romanos: / hoje tem outro tamanho. / A cidadania de agora é uma conquista / do passado, sempre em evolução; / foi plasmada pouco a pouco, / com direito a análise, / reforma e periódica revisão”.*

Nesse poema explicita que os cidadãos/cidadãs tem direitos e obrigações.

Em seu poema “*Ser, Existir – Um Milagre*”, afirma que somos e existimos, oferecendo uma sábia perspectiva para se viver e enfrentar os embates da vida ao recomendar:

*“Mesmo que você não creia em nada, / você existe, você importa! / Você faz parte do dia e da noite. / Esqueça as dívidas e a filosofia vã! / Não faça da vida um açoite, / uma desculpa para esmorecer. / Vá em frente, mostre que é gente, / vá ao encontro do milagre de viver!”*

Ele nos dá um excelente conselho para seguirmos em nossa caminhada quando nos recomenda no poema “*Sorria (Você está sendo filmado)*” continuarmos de bem com a vida:

*“Sorrir é abrir a alma, / sulcar novos caminhos / e chamar as aves para os ninhos. / Sorrir é despertar flores / para enfeitar carinhos, / é da vida grandes alvares / a regalar-nos cada manhã, / longe do mal, / longe das dores.”*

O envelhecer é um momento complexo para todo o organismo vivo. Com o passar do tempo ele vai perdendo a jovialidade dos aparelhos e sistemas na sua capacidade de respostas, passando a enfrentar dificuldades antes não existentes. Pensando no envelhecimento e suas mudanças faz um desejo em seu poema “*Aos Idosos*”:

*“Que seja leve o fardo da velhice; / que se veja no idoso o espelho / onde refletimos a nossa mesmice. / Que vejamos no velho um guia, / aquele do correto e sábio conselho.”*

É tocante o seu poema “*A Agonia das Águas (Rio Paraíba do Sul)*”, ao refletir uma realidade vivida por aqueles que o conhecem, que residem por onde passa com suas águas, sendo emocionante os seus versos:

*“Vai, Paraíba e, na tua agonia, / leva a enchente das goiabas, as águas de março, / inunda as margens, transborda... Sai do teu berço / para vingar-se dos insensatos! / Incha o teu ventre, Paraíba, eleva tua voz, / livra-te dos vômitos e desejos / da insensatez humana, insubmisso e feroz!”*

Em “*Seixo Rolado*” os seus dizeres chamam a atenção, merecendo ser destacadas a primeira e quarta estrofes, pela verdade nua e crua e o lado poético que contém:

*“Fiz parte de uma montanha, / Rocha firme, fortaleza inabalável... / Fui desgastado pelos ventos, / Pela fúria das águas deslocado / E jogado na aspereza dos caminhos.”*

*“Já fui pedra bruta, rude por demais, / Agora grosseiro e tosco não sou mais: / Estou mais polido, sou seixo rolado, / fustigado pelo tempo inclemente / E moldado pelos contratemplos infernais.”*

Outro poema a chamar a atenção é “*Reciclagem*”, onde menciona que precisamos reciclar, meditar, colocar à prova os nossos valores, repensando os erros e acertos vivenciados em nosso caminhar. De forma elegante ele coloca em seus versos:

*“Precisamos, de quando em quando, / Fazer uma reciclagem pontual e geral: / Uma reparação de nossos enganos, / um repúdio ao fútil e ao desmando, / Uma transformação inédita, sem igual...”*

Seu comentário “*Explicitando Justiça*” traz à luz o primordial objetivo do seu símbolo, quando esclarece que “*A justiça é vendada para não olhar as pessoas com desigualdade, não enxergará se um réu é rico ou pobre, frágil ou poderoso, belo ou feio. Tem uma balança para equilibrar suas decisões. Tem uma espada para impor autoridade ao punir o mau, o culpado, e proteger o bom, o inocente.*”

E continua a explanação quanto a sua perda de identidade ao dizer: “*Contudo, privilégios demasiados às divindades acentuam as desigualdades, criando castas, afrontando e insultando os despossuídos deste país.*”. Comenta ainda, “*Da justiça vem o direito.*” E cita: “*A guerra é o fracasso do Direito.*” (Zaffaroni e Pierangeli) e a “*Justiça tardia nada mais é do que injustiça institucionalizada.*” (Ruy Barbosa).

No poema “*Coisas Imensuráveis*” fala sobre o reconhecimento, o mérito, a transcendentalidade e percepção imaterial em sua essência, ao fazer um alerta afirma que:



*“Há coisas imensuráveis, / Coisas intangíveis, imateriais. / Há sublimação dos sentidos / Há coisas que não retornam, jamais. / Há coisas novas e coisas dos tempos idos... / Existem as coisas transcendentais?”.*

Existe uma verdade interessante e real, expressa na indagação feita em seu poema “*Golpe ou Revolução?*” afirmando que somos vítimas, “*o derrotado será sempre o vilão*” e “*o vitorioso sempre o certo*”. Em suas ponderações escreve:

*“Revolução ou golpe? / Golpe é uma revolução que fracassou / E revolução é um golpe que deu certo... / É isto: / Tudo engana o peregrino que já passou / Vendo a miragem de uma flor no deserto.”.*

Em “*Momentos Efêmeros*” fala da ausência da matéria, espaço, tempo e da realidade teórica que torceu luzes e estrelas, ao afirmar que:

*“O tempo, essa ilusão fugaz, / Nos transporta alburess e algures / Noutra lugar, noutra parte, / Em alguma parte, em algum lugar... / Ou também não nos leva a lugar algum. / O passado é uma lição que prescreveu, / O presente, um momento efêmero, / E o futuro um presente que será passado... / Ou, por outro lado, um passado / Que já foi presente... / E a matéria ficou ausente, entende?”.*

Também se aventurou em escrever Haicais, uma forma de expressar ideias curtas e completas em apenas três versos, de onde extraímos alguns muito primorosos:

*“Dogmas e fatos são diferentes: / uns criam os obedientes, / outros criam descrentes.”*

*“Escrever é vital / para que você, talvez, / se torne imortal.”*

*“Não requer ciência: / qualquer coisa, boa ou má, / tem sua consequência.”*

*“Em literatura, / podes crer, o pior cego / é o que não quer ler.”*

*“Se alguém te logra, / lembre: veneno de cobra / é o soro da cura.”*

*“O momento passa, / o futuro é um presente / que logo esfumaça.”*

Recomendo, a quem tiver oportunidade, ler para apreciar os belos poemas e conjecturas traçadas nos semicomentários de nosso poeta Adahir Gonçalves Barbosa. Tenho certeza de que gostará.

## Sobre o autor

O escritor e poeta Adahir Gonçalves Barbosa, nasceu em Pirai/RJ, em 1936. Aos 5 anos a família mudou-se para Pinheiral/RJ, onde passou a residir até a presente data. Estudou nas Escolas Agrícolas de Pinheiral e Barbacena/MG e foi aluno do Príncipe dos Poetas Mineiros, Honório Armond, seu grande inspirador.

Começou sua carreira ao escrever poesias e alguns artigos aos 18 anos. Participou de diversas coletâneas, como as do GLAN – Grêmio Literário de Autores Novos de Volta Redonda e as organizadas pelo poeta Jean Carlos Gomes, através da PoeArt. Participou dos volumes 1 e 2 das Coletâneas de Poesias de Pinheiral, organizadas pelo poeta e professor Paulo Roberto André Nogueira, já participou de mais de 45 livros.

Também se dedicou à pintura em tela. É membro do GLAN e do GREBAL – Grêmio Barramansense de Letras. Ocupa a cadeira nº 41 da Academia de Artes, Ciências e Letras do Brasil, em Volta Redonda, organizada pelo Maestro Caraüra. É Membro correspondente da Academia Tupãense de Letras, Ciências e Artes (ACLAT – Tupã /SP).

# *desjeitos*, de Flávia Souza Lima

por José Huguenin



A poesia de Flávia Souza Lima nos fiska ao primeiro contato. Essa fiska não é feita com anzóis cobertos por chamariscos apetitosos aos peixes incautos. Não há espera ou dissimulação ou rodeios em torno dos poemas. Os poemas nos fiska como se fossem arpões lançados certeira. Brusca e violentamente somos envolvidos por uma atmosfera poética muito própria. Depois de fiskados, não queremos sair desta armadilha. Uma certa orfandade nos toma de assalto no exato momento que terminamos a leitura de *desjeitos* (Numa Editora, 2021).

O fazer poético da autora constrói avenidas largas que nos apresentam um *Itinerário* (pág. 41) de

*“palavras rasgadas  
emoções perfumadas  
canções esburacadas”*,

e bem no meio dessas avenidas surgem labirintos onde mesmo algo “... *que não fala, / fala alguma coisa.*” (*Nada não*, pág.19). As significâncias de silêncios e ausências materializam-se em um *Quarto de hotel* (pág. 81) e não se amanhece. É claro que nas avenidas entrecortadas podemos nos perder, tropeçar em paisagens de um litoral deslumbrantemente recortado, ter nossa vista embaçada por uma bruma espessa que sai de

*“... verdes ondas  
de pensamentos  
e brancas espumas...”*  
(*Trilba*, pág. 51)

Não é preciso, contudo, temer estar perdido nessa cidade real e poetizada, ou mesmo idealizada, onde se toma café da manhã às três horas da tarde e dilúvios não apagam incêndios criminosos (*Cronograma*, pág. 91). Lembre-se, estamos a caminhar nestas avenidas arrastados pelos poemas-arpão. Não estamos perdidos mesmo sabendo que “... o GPS do desejo / desatinou” (*Um sonho*, pág. 95).

A bússula da poeta mostra-nos flashes dos nortes de suas leituras de mundo e de vida. Toma emprestado do “*patrão*” Bandeira o verbo criado para “*beijar Teodora*” para, assim,

“... conjugar teadorar  
com um nome diferente  
- intransitiva e demoradamente”.  
(*Carpintaria*, pág. 101)

Nas cidades onde não nasceu e que não constam em sua certidão de nascimento (*Naturalidade*, pág. 143) está, talvez, se não o DNA de sua *poiésis*, o percurso trilhado que desemboca no mar de poesia que nos oferece. Embora diga através de um eu lírico

“Não tenho licença poética,  
pratico a atividade  
de forma clandestina  
e franciscana.  
(...)  
Mas ofereço (e colho)  
o enlevo dos que desejam  
juntar as mãos  
e apanhar peixes”  
(*Carlos*, pág. 146),

vos asseguro que a pesca de poesia é abundante.

O livro tem um projeto gráfico muito arejado e acolhedor, perfeito para as retinas cansadas de telas e bizarras que vemos/lemos sem querer nas redes que não descansam e não nos deixa descansar, embora tenha sido ela, a tela, uma ponte possível no tempo pandêmico da gestação do livro. Há outras joias nesta obra, como o prefácio do grande poeta e jornalista Christovam de Chevalier. A proximidade de ambos traz elementos nos ajuda a decifrar um pouco a poeta, se é que isso é possível. A apresentação de Calí Boarez resume bem tudo: “*Um livro para os fortes*”.

Não tenho dúvidas de que *desjeitos* é uma grande obra. Nela, a poesia não barganha com modismos, é “... *fiel / ao fiel / da balança*” (*Barganha*, pág. 40) da arte poética. A poeta versifica

“o que ofereço,  
amor,  
vale o quanto pesa”.  
(*Barganha*, pág. 40)

Só me resta dizer que, diante de seu peso poético, *desjeitos* não tem preço.



*Textos Literários*

Verso

# Flores simples e resilientes

Angela Alves Crispim

*Em Homenagem aos 100 anos de José Luiz de Oliveira,  
poeta e fundador do Glan-Grêmio Literário de Autores Novos.*

As flores mais simples ao nascer  
São as mais bonitas e singelas.  
Podem brotar em vãos de pedras,  
Terrenos arenosos, secos, alagados,  
Fissuras nos muros, nas paredes,  
Persistem e insistem para sobreviver.  
Mostram com alegria o seu colorido  
Numa força resiliente de teimosia.  
A desafiar às intempéries cresce  
Nos avessos das possibilidades.  
Flores simples e desbravadoras  
Ao abrir espaço num mundo hostil,  
Lutando e vencendo cada milímetro  
No difícil caminho para prosperar.  
Esta flor singela deu seus frutos,  
Que ultrapassaram a várias esferas,  
Levando muito longe os seus ideais  
No constante transcorrer do tempo.  
Em seu mundo silencioso e simples  
Brilhou, comoveu, aproximou  
Muitos elos desconhecidos e...  
Não imaginou que influenciaria  
Tantos caminhos, vidas e sonhos.

# Volta Redonda

Angela Alves Crispim

Papa-goiaba... arigó... metalúrgica...  
Num aglomerado, um pequeno arraial.  
Ao fincar as estacas de uma siderúrgica  
Substituiu as fazendas a nível nacional.

Uma pedreira numa segunda frente,  
Hoje esquecida quase completamente.  
Foi assim que começou a ocupação,  
Com imigrantes vindos de toda a nação.

Num acampamento se concentraram  
Aqueles que de longe chegaram,  
Foi construído o conforto e prosseguiu  
Aumentando-se mais, a vila surgiu.

Numa bela vista muito se construiu,  
E do laranjal muitas casas fluiu,  
Contornadas pela sessenta no regaço  
Forjados pela força dos punhos de aço.

Quem nasceu, cresceu ou chegou,  
Na certa rapidamente se empolgou  
Ao ver o povoamento se transformar  
De pequeno a grande e, ser o seu lar.

Santo Antônio a benzeu com glórias  
Para lutar e vencer toda uma história  
De crescimento e ser no dia presente  
Uma setentona brilhante e contente.



# Avenida Brasil

Ana Malfacini

Domingo.

Três da tarde.

Uma mulher bem vestida empurra um carrinho

de mercado.

Dentro, um gato

sentado.

Importante

Imponente

Majestoso

sobre uma almofada.

Epifania:

Minha vida é uma

Avenida Brasil

Acho que escrevi um poema.

# Pluviômetro

Flávia Souza Lima

notas de lavanda e café  
espalhavam-se gentis  
por entre  
dianas ellas billies  
west coast jazz  
folies sentimentales  
nas longas e úmidas manhãs  
daquele feriado  
de amar indefinido

•

curry tostado gengibre limão  
perfumes de comida boa  
impressos na blusa rosada  
tal a chuva na vidraça

•

nuvens carregadas  
pela tortuosa estrada  
movediça e maviosa  
de olhares palavras  
e restos de gestos  
raiva ilusão tormento

•

tudo seu -  
que ao relento  
realento

# O que fica (dancei)

Flávia Souza Lima

o resto que resta  
de mim  
entrou no táxi  
depois de dançar  
a noite inteira  
ao ar livre  
bateau ivre

agora  
o que sobra  
parte inteira  
na réstia  
das palavras  
ouro  
densidade  
caminho

falando nisso  
e de resto  
para onde vamos?

# Robe branco sobre pele

Flávia Souza Lima

não é reta a estrada  
nem a tua nem a minha  
curvas tem também  
o teu corpo  
que acomoda o meu  
indigente  
pacificado  
entregue  
à penumbra  
nua  
da mansidão

não é reta a estrada  
nem a tua nem a minha  
desvios e escuridões  
são também paisagem  
e podem até ser encanto  
raridade  
como aquele fim de tarde  
lambido de desejo  
sob o dourado do sol  
estilhaçado  
sobre o mar de Ipanema

reta a estrada não é  
nem a tua nem a minha  
linhas transbordantes  
de sentidos e vestígios  
convergentes  
em linho

*(sem título)*

Flávia Souza Lima

Vamos pensar na hipótese  
de um poema aparecer  
do nada  
qual um raio

estrondosamente imposto  
e dominasse o espaço  
do nada  
qual um medo

vamos pensar que o pretenso  
poema se esboçasse  
do nada  
qual um sorriso

silenciosamente surgisse  
estampado na paisagem  
do nada  
qual uma nuvem

ainda estou aqui  
chia o poema - este -  
querendo dizer algo mas  
a bem da verdade ele nada diz

# Um poema para o futuro

Elyane Lacerda

Escrevo hoje  
No passado presente  
Para que um Leitor  
Amante da nossa vida Vivente  
Pensante e Pandêmica  
Sinta a dor que aperta meu peito  
Desola meu ser  
Impede minhas retinas  
De abraçar...olhar...sentir...  
As mãos quentes dos amigos  
Nas noites  
Em que há tempos  
Sentávamos nos “pubs”... bares noturnos  
Dançávamos e falávamos lindos poemas  
Tempo passado  
Lembrado e sonhado ... Presente  
Tempo futuro  
Ainda não alcançado  
T E M P O  
Escrevo no sentido

A TEMPORAL  
Para que o homem de HOJE  
E o de AMANHÃ  
Tenha registrado em sua mente  
O TERROR de minha geração  
Cansada da Máscaras  
Que escondem o sorriso  
A alegria...  
Escrevo  
Para um ser FUTURO  
Porque no PRESENTE  
Somos robôs que se despem

Da alma  
Que se engajam na tristeza...  
Solidão que se inflama  
E arde em nossas entranhas  
TEMPO  
De valorização INTERIOR  
TEMOR  
Tempo presente  
SOMAR  
SONHAR  
Avaliar  
Observar  
AMAR sempre...  
TEMPO de Guerra  
Escrevo HOJE  
Para que o AMANHÃ  
Seja complacente  
Com nossas feridas  
Escrevo para a E T E R N A H U M A N I D A D E ...

# Pele morena

Elyane Lacerda

Foi na pele morena  
Que encontrei tesouros inigualáveis...  
Foi na pele morena  
Que sempre me amparei  
Nas aflições e nos prazeres  
A pele morena e sua força  
Não apenas na melanina  
Mas em sua bravura e coragem...  
A pele morena ...quente...misteriosa e ardente  
Meu peito explode de solidão  
Ouço sua voz  
Que ecoa em meu ser...não há perspectivas de rumos...  
Apenas pequenos portos inseguros...  
Meu peito explode de solidão  
Foi na pele morena  
Nos olhos negros e sinceros  
Nas mãos que sempre acolheram  
Sua pele morena quente...



# Acordei

Elyane Lacerda

Acordei...

Numa posição fetal...

O corpo todo enroscado , meio embrião...

Queria renascer, acordar e olhar para o mundo com olhos de esperança, gratidão e AMOR, tentei por várias vezes provocar o parto, esforcei-me bastante para expulsar-me daquele útero generoso que me acolhia sem medo e me fornecia a segurança de que tanto precisava naquele período de minha vida, onde nada mais me importava, a não ser a imensa solidão que me invadia. Era desolador o que pressentia, mas era necessário aceitar e respirar...

Tive medo de chegar à janela, e não avancei.

Tive medo dos carros, dos ônibus, dos monstros...da poeira...do asfalto!

Eu tive medo e voltei... Voltei para mim.

Lá fora tudo é muito escuro, me apavora! Lá fora mora o mundo, eu o temo, como temo a morte! Curvei-me como uma velha! Cansada de existir, de ver os carros...Os ônibus...Os monstros... A poeira.. O asfalto!

Fiquei angustiada, tive vontade de vomitar a Terra...Os pequeninos homens.

Voltei para o quarto, acendi a luz, e então me senti protegida dos carros...Dos ônibus...Dos monstros...Da vida...Da Morte!...

# Ausência

Shirley Leonardo

Hoje sou mãe de minha mãe  
E minha filha por assim dizer,  
Por vezes tem uns 4 anos,  
Em outros momentos, uns 5 aninhos ou mais.

Hoje, minha mãe é minha filha,  
Sorri-me docilmente,  
Mostra-me a língua quando lhe desagrado,  
Xinga-me com palavrões que não sabe mais os significados.

Hoje, estou na cozinha de sua casa,  
Ela pergunta-me o que estou fazendo,  
Respondo-lhe já sem tanto cuidado,  
Pergunta-me novamente pela terceira,  
quarta, quinta, sexta... vezes seguidas  
E continua a perguntar.

Olho com paixão para a minha mãe  
E quando o meu olhar encontra o seu,  
Procuro por aquela pessoa com quem  
convivi a vida toda, não a encontro  
O seu olhar é uma imensidão que não desvendo,  
Que me deixa perdida.

Do meu nome ainda se lembra, até quando?  
A minha referência que é essa senhora,  
Parou na memória que ela está a perder,  
A ser levada pelo tempo,  
Nela já não encontro mais a minha mãe,  
A mãe que em minha memória, inunda-me  
de saudade e torna-me fortaleza para cuidar-lhe.

Nem todos os dias são de sol,  
Nem todas as noites são silenciosas,  
Momentos lentos de lamentos repetitivos,

Enxurradas de impropérios não merecidos,  
Passos incertos pela casa que não reconhece mais,  
Um rosário de estórias fictícias, tão criativas!  
Tantas lembranças dos que partiram,  
Ainda vivos em suas memórias de vivências,  
Passado que agora é o seu presente.

E essa mente que desce ladeira abaixo...  
Mas nem tudo é um vale nebuloso,  
Lá no fundo com ou sem demência, ausência,  
O ser humano que hoje ela se tornou,  
Enxerga a vida sob um prisma simples,  
Ouve os ruídos sem uma definição plena,  
Sente as emoções de forma diferente,  
Caminha sem pressa de chegar,  
Vive como se tivesse acabado de nascer.

E ela ainda caminha,  
Ela ainda fala,  
Ela ainda se lembra dos nossos nomes,  
Ela ainda briga para banhar-se,  
Ela ainda mexe os ombros quando ouve uma canção,  
Ela ainda canta versos de músicas,  
Ela ainda gosta de tomar sol sentada na calçada,  
Ela ainda dá risadas quando menos esperamos,  
Ela ainda é tudo enquanto a sua estrada não finda.

Por mais que o mar banhe-me os olhos,  
Que a direção fique turva,  
Que o castelo desmorone incontáveis vezes,  
O remo está seguro nas mãos,  
A mãe perdera o rumo,  
Mas como mãe de minha mãe,  
Sou farol alto na rocha mais íngreme.

Concurso Literário da FLIM  
(Feira Literária de Mambucaba)  
coordenado pela AVL

Tema:

Quando o homem decidir reformar a sua  
consciência, o mundo tomará outro roteiro.

## Na Minha Obra (1o colocado)

Bárbara Emanuelle Nogueira de Carvalho

Um dia, um homem mandava em mim.

Quebrei minha parede e me reconstruí.

Foi assim que me conheci.

Num dia, eu vi o racismo dentro da minha mente.

Noutro dia, abri a porta da frente.

E enquanto pintava a sala, era apenas gente.

Como a gente...

Num dia, rangi os dentes diante de duas mulheres de mãos dadas.

Noutro, quebrei a homofobia a marretada.

Conceito aberto!

Um dia, não contratei um homem de 50 anos.

No outro, era eu.

Pisei um novo chão.

Um dia julguei uma criança fazendo birra.

No outro, eu era a mãe.

Há dias e dias...

Minha casa ainda não está perfeita.

Às vezes, um cano estoura.

Agora não me preocupo, só fico na espreita.

Se eu me reformei outrora...

Cada dia eu me reformo um pouco mais.

E o meu mundo?

Ele se refaz.

## Bugios roncam (2o Colocado)

Carlos Eduardo GIGLIO

bugios roncam  
e a manhã nasce cinza  
pássaros famintos perseguem a rede cheia de peixes  
o Força das Águas leva as crianças pra escola  
sem pensar no passado  
não sabe dos tumbeiros  
nem da rota dos tubarões famintos por carne preta  
vislumbro o passado e o futuro agora  
eles confluem em presente e dançam na chuva  
Exú joga sua pedra  
Oxóssi dispara a flecha  
o mundo tomará outro roteiro  
o poema chacoalha a consciência  
e um quilombo nasce  
Carolina vive  
sua letra salta dos cadernos  
e germina no meu peito  
os tambores dão o tom  
e anunciam novos afrofuturos  
que desdobram-se no horizonte  
em revoadas de sabiás  
e raias  
e borboletas reluzentes

## O homem quase invisível (3o colocado)

Vitor Maia da Silva

Pouco sabia do mundo,  
Não porque pequeno era,  
Já era adulto com barba e tudo  
Porém letrado não era.  
Não lia,não escrevia.  
Para ele invisível todo mundo o via.

Certa vez de vida resolveu mudar,  
E a consciência reformar.  
E todo pomposo à escola foi se matricular.  
Todo dia que aprendia,  
Uma nova palavra ele lia,  
Os livros para ele sua nova companhia seria.

Um novo mundo para ele se abriu,  
Aventuras ele viveu,  
Nem precisou sair de casa,  
Pois através dos livros novas culturas ele conheceu.

Para ele cidadão ele havia se tornado.  
Podia ser o que queria,  
Já que agora estava letrado.  
Sua maior alegria não era ler as letras em negrito,



E sim seu nome completo ter escrito.

Sua vida em diante tomou um novo roteiro.

Aquele pobre homem agora se sentia inteiro.

Dinheiro ele não tinha,

Sua maior riqueza não cabia no orçamento,

Pois estava transbordando de conhecimento.

## Procurei até achar (Finalista)

Beatriz Silva Drumond

Maria de Jesus vivia a procurar  
Um livro, uma revista, algo para se encantar.  
Pouco sabia ler, e mesmo assim quis escrever  
Sua história, sua realidade, sua verdade.  
Será que alguém quer ajudar uma catadora  
A se tornar uma escritora de verdade?  
Se não fosse sua sede, sua vontade,  
Seu sonho nunca se tornaria realidade.  
Realidade triste e avassaladora  
Reprimia sua história encantadora.  
Acreditava na mudança do homem,  
Mas o que poderia salvá-lo,  
Se a lei não constrói, só destrói  
Aquilo pelo que lutamos?  
Lutar pela educação é uma forma de não desistir.  
Desistir da educação é desistir do nosso poder.  
E o poder da educação é estar sempre  
À procura do saber.

## Tesouro (Finalista)

Gilsy Veríssimo Ferreira Pacheco

Romancista, poeta, catadora de papel,  
suas histórias foram tão fortes que dominaram o céu  
sim, o céu do mundo.  
Um mundo que rejeita a pele negra  
Mais se prostra as verdades contidas num caderninho sujo,  
Não, ela não era mendiga, era alguém que carregava um tesouro  
Que não tem cor de ouro, ele é preto!  
O tesouro da literatura peregrinava suja  
com sua companheira amarela.  
A fome tem cor, mais a literatura também tem.  
É a cor da paixão pelas letras, pela história.  
Que virou peça, virou livro,  
Virou poesia.  
Moradora de favela que vence a fome com sua escrita  
A tragédia da pobreza, da miséria, da tristeza.  
Que se transforma no tesouro da literatura  
Brasileira.

## Por um mundo menos desigual (Finalista)

Isac de Moura Pacheco

Para Carolina, seus dois meninos

e sua menina,

a vida veio sem roteiro,

com muita fome

e pouco dinheiro,

mas muita poesia.

A luta de cada dia

era por comida,

e dessa experiência

vem sua escrevivência,

como diz a Evaristo.

O mundo não seria isto

se houvesse consciência:

de classe,

de espaço,

de gênero,

de direito,

ambiental.

Nem precisava ser perfeito.

Bastava ser menos desigual.

## Prelúdio (Finalista)

Jamile de Souza Lisboa Anibal

Chorei ao me ver apenas como parte de um processo.

Para uma finalidade que talvez não veja.

Mas o desânimo não me chega,

me clarifica a ideia de amor.

Esse amor que tenho pensado me faltar

em completude.

Continuarei.

Cada vez mais.

Exaustivamente.

Enquanto tento enxergar beleza nesse hoje fraturado.

Tentando me assegurar o estado de querer-viver.

Doarei aquilo que mais preso:

Minha carne,

meu pensar.

Pois sei que o tamanho do Universo

não diminui a dor daquele que não ri.

Rumarei ao futuro possível,

por gente que ainda não veio.

É da raiz, falar de amor.

Reconhecer a minha dor,

a dos meus,

a de quem não vi.

Prepararei o jantar das dez.

Dormirei às oito.

Manterei a ideia viva.

Manterei as ideias prontas.

Viverei em prol do amor.

Talvez seja o suficiente para uma vida,

enquanto a vida lá fora

se afoga em horror.

## Brinquedo (Finalista)

João Gabriel Diniz Souza

O meu filho olha no meu olho, eu conheço a origem dessas dores

Não só conheço, como sou íntimo desse lixo sem flores

Mas ele terá dignidade, eu não quero que ele se ajoelhe

Em determinado dia, eu enfim ouvi o que disse ele:

“Pai, eu cansei disso, eu peço para poder ir embora

Os meninos se juntavam, essa era a pior hora

Por que eu era ignorado? Me tira dessa escola

Eu me perguntava ‘o que eu fiz para não poder jogar bola?’

As crianças brincavam e riam sempre, desde cedo

Eu não podia brincar, alguém estava lá para apontar o dedo

Eu não brincava, eu chorava, era uma criança com um medo

E quando enfim eu brincava, eu que era o brinquedo

Isso tudo acontecia e eu nem podia ficar bravo

Eu queria ser por ela amado mas o preferível é o padrão claro

Quanto mais sou gentil, mais a minha cova eu cavo

Sendo tratado como escravo, tratando ela como rosa e eu sendo o cravo

Mas pra ela amanhã é outro dia, ‘tudo bem’, aconteceu

Ela já estava lá com as amigas, mas e eu?

É muito fácil falar para eu ter força lá do seu 'Instagram'

Enquanto pra ela amanhã é outro dia, fazem dias que não sei se terei o amanhã”

Então meu filho desabou em meus braços, sem cinismo

Ali ele encontrou o conforto, cansado do pessimismo

Só ali encontrou alegria, mas não está certo isso

Ele podia encontrar alegria lá, se a alegria dos outros não fosse racismo.



## Reformar o quartinho da Consciência (Finalista)

Marcelo Rodrigo Bueno

Ah grato Carolina.... Core coração  
então mainha temém podia escrevinhá  
sobre mim sobre o que querer?!  
Querera quisera...  
Pára isso a sociedade!  
Época em que ela triste sonhava com eu e criança no colo  
teria que ver  
que preto merece viver  
ela morreu de dor de amor...E pobre mal podia reformar o barraco  
que pobre é quem não perceber  
que o lixo é luxo de quem descarta  
o que não precisa  
fazendo de lixeira  
a Gaia nossa nave  
nossa irmã  
Meu irmão foi adotado por outra família  
preta branca amarela vermelha  
eu sou um pardo eu sou um preto  
não sabia  
Pouco importa minha  
cor se reformar o quartinho tristonho e acender a lamparina consciência  
o sinhô vai re-escrever com amorrr desentorpecido do topor  
e ver qui u amô sangra tudo iguar, meu amô! É vermei...

## Sonho versus Realidade (Finalista)

Maria Alzeli Pereira da Silva

O sonho é grande. Mas a realidade bate à porta  
Desperta!  
Veja como é dura sua verdade  
Mas não deixa de sonhar!  
Vivi na pele nua e crua a veracidade que vem das ruas  
A crueldade sentida  
A fome afligida.  
Dói!  
A miséria que me ronda  
Constrói a minha consciência  
Pois a esperança permanece ao traçar o caminho da resiliência.  
Assim a catadora mudou para escritora  
Sem instrução ou ilusão  
Com três filhos a criar.  
Em lugar sem cor ou tom  
Esquecido com a cria  
Pelos que deveriam cuidar  
E não nos abandonar.  
Enfrento tudo isso  
Condições melhores devo procurar  
Pois sonhos não morrem  
Enquanto eu respirar.

Venho por essa terra  
Meu nome registrar  
Esperança para todos  
Nunca deixe de sonhar  
Pois o que é seu  
Um dia irá se realizar!  
Assim termino minha prosa  
Contando sobre minha vida graciosa  
Em busca de uma verdade tendenciosa  
Achando um lindo botão de rosa  
Na verdade dita por aqueles que procuram uma palavra amorosa  
Enquanto buscam uma vida virtuosa.

Prosa

# Luísa e Luís

Crônica  
Regina Vilarinhos

Era uma vez Luísa e Luís. Irmãos gêmeos, nasceram no final dos anos 60, estudaram em escolas públicas, sempre juntos, nas mesmas classes. Tinham muitos amigos, quase todos do mesmo colégio, do mesmo clube, do mesmo bairro. O pai era funcionário de estatal, a mãe era professora em dois turnos, em escola pública e em rede particular. Católicos, frequentavam uma igreja ali no bairro em que moravam.

Lá pelos anos 80, quando estavam no segundo grau (era assim que se denominava), os grupos de amigos se misturavam mais, eram de outros bairros e não tantos mais do mesmo clube. Mas, eram amigos: torceram por times diferentes, tinham gostos diferentes; uns tinham namoradas, namorados, outros se assumiram homossexuais, outros não namoravam. Enfim, eram jovens de classe média e cheios de muita paz e amor. Ouviam rock, mpb, samba, punk, clássicos, pop rock; faziam muitos churrascos, iam aos cinemas, trocavam livros. Luís não gostava de samba; Luísa não gostava de pop rock. Luís falava para a irmã como se comportar; ela mostrava para ele o dedo do meio. Riam. Sempre riam.

Aí, veio a vida adulta. Veio a faculdade, os amigos foram para outras cidades, países; leram muitos livros, muitos livros. Mandavam cartas uns para os outros, telefonavam alguns e ficavam uns bons minutos ao telefone. Luísa apaixonou-se por um barbudo, que fazia Engenharia Civil, na mesma universidade que ela. Luís foi estudar em BH e voltou com uma namorada, que estudou História com ele.

Os pais, idosos, estavam se aposentando, torciam para que ambos arrumassem emprego e foi assim que a cidade conheceu dois novos profissionais: uma engenheira e um professor de História.

No final dos anos 90, Luís e Luísa tiveram filhos, usavam a internet, enviavam e-mails, começaram a usar celular. Os amigos dos anos 70, uns tantos morando fora, começaram a se reencontrar virtualmente.

O Brasil e o mundo mudaram muito, muito, em 30 anos. Os tantos rumos de tudo mexeu muito com as pessoas. Agora, usavam as redes sociais. As fotos, os vídeos, os filhos, os jantares, as festas, os netos nascendo.

Até que, um dia, Luísa "quebrou" a regra e postou uma foto ao lado do seu cantor preferido. E com a hashtag "o melhor do Brasil".

Foi o bastante para que a Ana, amiga da faculdade, engenheira, comentasse: "Nunca imaginei que você tivesse tanto mau gosto musical." E com o emoji 🙄... houve uma chuva de comentários, de todos os tipos. Luísa e Ana responderam uma à outra e os amigos "botando lenha na fogueira".

Luísa e Luís, com quase 60 anos, vivem no mesmo bairro. Ela está na casa dos pais, com seu marido.

Os filhos e netos vão ao mesmo clube.

Luísa deixou de seguir a amiga, de longa data. Ana nunca mais procurou saber da neta de Luísa, a Júlia, que estava agora com 3 aninhos e que adorava os cavalos do sítio de Ana, que a avó mostrava pelo celular, no Instagram da "ex" amiga.

O cantor preferido de Luísa segue sua carreira internacional, vendendo milhões de CD 's, fazendo clipes ousados, inclusive gravou com o rapper mais famoso dos EUA.

# A aventura de ser mãe sem manual de instrução

Crônica  
Elyane Lacerda

Estive pensando sobre qual assunto escreveria essa semana, solicitei sugestões pelas redes sociais e amavelmente uma seguidora sugeriu esse tema, bastante interessante e digno de falarmos a respeito num momento em que estamos isolados de quem amamos e pela primeira vez passaremos o “Dia das Mães” de uma forma inovadora e informatizada, sem o contato físico que tanto gostamos, pois somos movidos pelo “carinho!”.

Nesses meses de reflexão, poderemos analisar nosso passado com mais profundidade, teremos mais observação com relação ao nosso próximo, e com certeza pensaremos mais antes de julgar qualquer atitude humana. Lembrei-me das mães com filhos “especiais”, que sempre foram excluídos pela sociedade, crianças que não se enquadravam nos padrões de normalidade... pessoas que sofreram demais com preconceitos inúteis, quando deveriam ser aceitas e incluídas em todos os grupos sociais, para que entendêssemos, o quanto somos diferentes e que isso nos tornaria ESPECIAIS na totalidade.

Todas as mães são muito especiais e até mesmo bobas porque estão sempre aplaudindo seus filhos, olhando e procurando encontrar os seus heróis de alguma forma, seja como for, mas serão sempre aplaudidos e esperados com glória!

Quando engravidamos pela primeira vez, não imaginamos que essa aventura seja tão intensa... quando eles nascem, olhamos e não acreditamos no milagre da natureza, foi assim que sempre percebi a natalidade... Que maravilha!

Mas não possuímos um “Manual de Instrução”, desta forma aprendemos com as experiências diárias e o instinto materno também nos domina.

Olhar para um ser que estava dentro de você, totalmente dependente e de repente conquista seu primeiro respirar... Tudo é novo e nos surpreende a cada dia que amanhecemos, aprendemos muito nesse período da vida, doamos amor infinitamente e assim somos emoção constante, mas não imaginamos que mais tarde... Esse ser tão frágil conquistará seus amores e seus sonhos profissionais... Tudo será muito pouco ao nosso redor, porque o vazio ocupará a casa, e o silêncio reinará, com certeza!

Onde estarão as risadas?

A vida passa a tomar novo rumo, precisamos nesse exato momento nos reinventarmos, não há mais escolha... as águas dos rios seguem.

Passamos parte de nossas vidas num processo de doação constante e não medimos esforços, somos realmente “Seres Especiais.” Saímos para nossa vida profissional todos os dias, mas conseguimos mesmo assim amparar nossos filhos e direcionar todas as tarefas da casa, não nos falta coragem NUNCA!

Pensamos sempre na educação que deixaremos na essência deles, na cultura para que saibam discernir sobre o peso de uma Grande Arte ou na análise de um filme, que consigam entender sempre as mensagens que ficam cravadas, que sejam seres pensantes e não apenas viventes do planeta Terra!

Digo sempre em meus escritos, que todas as mães são extremamente “bobas” porque estão sempre aplaudindo e até se emocionando com qualquer vitória dos filhos, somos “chatas” por pecarmos pelo excesso de carinho.

A verdade é que quando perdemos essa figura heroína, que nos trouxe ao mundo e nos amou em excesso, ficamos meio desnorteados pelas ruas e foi exatamente assim que me senti há alguns anos! Mais uma vez a vida não nos proporciona escolha, precisamos seguir como as águas dos rios...

Nesse momento em que o mundo vive um isolamento social, paramos e analisamos o valor de cada pessoa em nossas vidas, percebemos que não somos “nada” sozinhos, precisamos uns dos outros e assim aprendemos mais uma vez, que o verdadeiro Amor é Incondicional. Não poderemos abraçar, beijar, mas estaremos em sintonia constante através desse sentimento, que deixará o mundo mais humano, mais MUNDO!

As mães existem e sempre serão ETERNAS.

Nossos filhos crescem, vamos observando e aprendendo com eles, há uma grande troca de aprendizado, mas quando percebemos, já aposentamos e ficamos apenas com as boas lembranças, só nos resta caminhar e olhar para a frente, tendo a confiança de que fizemos o melhor que foi possível, apesar dos nossos defeitos, lutamos muito e agora podemos respirar aliviadas:

Deu certo!

Acredito que sempre dará certo, quando o Amor for reconhecido e valorizado. Somos na realidade, reflexo de nossas Mães. Elas estarão sempre nos orientando e nos amparando, através das lições que nos passaram durante a vida!

Quantas vezes nos assustamos, falando ou agindo exatamente como as nossas mães?

Deu certo!!!!

As MÃES existem e sempre serão ETERNAS...



# O velho mito da nova caverna

Conto  
Marcio dos Santos Medeiros

Prostrado no sofá, Édipo se cansa de sua tv. Tateia a almofada. Alcança seu celular. Distante das figuras que adornavam para lá e para cá, no fundo da caverna, as figuras faziam dancinhas, biquinhos e outras travessuras infantis e sem nexos.

A caverna, digo, o apartamento, era uma zona de conforto, digo, era forrado de todo conforto tecnológico e físico que se podia querer. Combinando com a meia luz, a melancolia preenchia o ar. Este Édipo também havia matado o pai, em sua figura, levando-o para ser esquecido num asilo que funcionou como depósito, e sua mãe era mais esposa que sua ex-esposa, que não aguentou acompanhá-lo em sua melancolia e procrastinação: saiu pela janela do apartamento como se fosse mágica, encontrou o chão como se fosse bala. Seu oráculo de Delfos, brandia cores como se fosse uma espada, sons como se fossem multidões, gritando em sua cabeça. Resolveu pegar o controle e desligar o oráculo no botão "power".

Não há mais praga, para este Édipo, todos os remédios estão no armário do banheiro: contra dor, contra tristeza, contra solidão, contra todos os males mundanos. É proibido sofrer. Édipo não fura os olhos, pois já está cego, pelas cores e pelas ordens das paredes da caverna. Hoje ele leva um recorte da parede no bolso. Antes, se comunicava com ele, hoje, cada vez mais frio, serve para ver o que as pessoas fazem. Falar, não mais. Este Édipo, cansado, trocou sua metáfora e vagou até encontrar a de Sísifo: empurra sua vida, do despertador da manhã à programação do despertador da manhã do dia seguinte, dia após dia, rolando sua pedra, das 07h às 23h.

# A revolução de um brasileiro médio

Conto  
Henrique de Paula Teixeira

Estava Roberto Bobão sentado numa mesa de bar a esperar o amigo Osvaldo Sem-noção. Pelos apelidos é possível imaginar que ambos já haviam acumulado uma grande quantidade de fracassos em vida, apesar de ainda estarem nos 30, o que nessa noite em particular inquietava o espírito de Bobão mais do que em outros verões.

O local estava cheio. Mesas de ferro enferrujadas não esperavam ali a mais alta cultura. O copo americano de vidro simbolizava o ambiente de pouca qualidade, pobre. Nesse submundo onde o pouco é muito e as pessoas tentam disfarçar a sensação de fracasso pessoal com álcool, muito álcool, chegou Sem-noção para dar a graça de sua presença. Antes, claro, foi obrigado a entregar “amigavelmente” alguns trocados para 4 pedintes que lhe abordaram no caminho, a pretexto de não querer ser agredido por nenhum deles pelas costas enquanto estava sentado.

— Boa noite, Bobão. Que olhar triste é esse?!

— E como estaria meu olhar, sinto vergonha de ser brasileiro.

— Por que vergonha?

— O governo é tão caótico que se torna incompreensível. Taxas absurdas, corrupção, leis inaceitáveis que atrapalham as nossas vidas. Até aí, tudo bem. Desçamos agora ao nível social. Parece que o mundo virou uma orgia só. As pessoas confundem realidade com fantasia. Acreditam que aquela vida de ostentação e luxúria na internet é correta e possível, restando para os pobres um tratamento pior que o animal, literalmente; se eu levantar da mesa e chutar um cachorro, é bem capaz de algumas pessoas tentarem me agredir ou gritarem comigo, mas se eu levantar e te der um soco, as pessoas só vão olhar quietas e depois seguirão suas vidas normalmente. Ninguém se importa...

Foi preciso parar de falar para receber do garçom aquela companheira leal de todo peito angustiada: a cerveja. Após um brinde, Bobão continuou:

— Entende o que quero dizer, Sem-Noção? Sinto-me humilhado e perdido. Tudo que planejo falha. As pessoas ao meu redor me dão conselhos que não fazem sentido e que nunca

pedi. Ontem mesmo cheguei com uma ideia de empreendimento para o meu pai e ele me disse para “desistir dessas bobearas”, “crescer”, “virar homem” e dez minutos depois chegou até mim e disse “você precisa ter mais iniciativa e pensar em alguma forma de ganhar dinheiro”, contradizendo ele próprio momentos antes. É só um exemplo, mas pode-se generalizar. Lembra daquela namorada que tive? Vivia dizendo que eu “não dava carinho e atenção suficientes”, e apesar de eu não compreender o que ela queria dizer, me esforçava cada vez mais, e quanto mais eu fazia, pior ficava. As pessoas parecem não compreender a si próprias, não sabem o que querem. Isso tudo é culpa da má educação que o governo nos oferece!

Novamente foram interrompidos. Dessa vez foi um motoqueiro com o cano de descarga furado para fazer um som alto que passou, cortando os carros na rua perigosamente.

— Viu só? Isso não pode ser normal. A sombra de um caos incompreensível rodeia minha mente o tempo todo. Esses dias fui pesquisar algumas coisas na internet. Os brasileiros tiram os piores lugares no PISA, que é um teste internacional de educação, desde a década de 80, em comparação com mais de 60 países. Antes de você chegar eu estava prestando atenção na comunicação das pessoas aqui no bar: um atropela a fala do outro como se fosse uma disputa, o assunto não tem substância, saem do nada e vão para lugar nenhum. Gritam! Soltam grunhidos! Isso parece mais uma comunicação pré-verbal! Não aprenderam a falar ainda!

Existia alguma sabedoria em Sem-noção mesmo ele sendo rapaz moço. Percebida a fragilidade dos nervos do amigo, usou da técnica terapêutica poderosíssima e infalível que todo brasileiro conhecia de berço: sorriu e fez gesto para que o amigo desse uma golada na cerveja gelada. Retomada a calma, ainda penduradas no céu às estrelas, quebradiças as calçadas, o Brasil continuava o mesmo. Calmamente Sem-noção ajeitou-se na cadeira, virou o copo, pediu mais uma ao garçom e palestrou:

— É verdade que se procurarmos motivos para nos envergonharmos encontraremos aos montes, e todos os dias surgem mais. Mas não vamos nos concentrar na parte ruim e sim na parte boa de ser brasileiro. O povo pode ter se esquecido dos grandes homens do passado, mas isso não muda o fato de que existiram e deixaram legado. Certa vez li a biografia do Barão de Mauá. Era um homem justo, inteligente e honesto. Em vida saiu da pobreza para talvez ser o homem mais rico do mundo em seu tempo. Construiu o cabo submarino de telégrafo que ligou o Brasil a Europa, tornou navegável o Rio Amazonas, criou o Banco Mauá, o Banco do Brasil, trouxe as ferrovias para o país e outros empreendimentos. Apesar de ter tido a chance, pela importância que tinha, de participar do governo, que sempre o atralinhava, ele recusou. Nunca foi político, sempre foi brasileiro! Criou toda a infraestrutura da qual nos servimos até hoje, e quem sabe disso? Ninguém!

— É disso que estou falando, Sem-noção. Ninguém se importa. Você mesmo tem uma inteligência acima da média e o que conseguiu com isso? Humilhação e desemprego... parece que essa sociedade foi feita para punir os bons e exaltar os maus.

— Roberto Bobão, seja homem! Você fica balbuciando coisas como se estivesse desesperado. Acha que não existem e não existiam vidas piores? Reclamar não resolve! Precisamos de um plano!

Uma garçonete ali perto ligou a tevê bem no início da disputa de futebol entre Flamengo e Vasco, um clássico! A atmosfera geral se alvoroçou e boa parte dos que bebiam começaram a prestar atenção ao jogo.

Bobão e Sem-noção perderam pelo menos 5 minutos em transe, olhando para o jogo enquanto eram tentados a participar daquele entretenimento, mas resistiram. Então Bobão voltou a falar:

— Já sei! Vamos convidar algumas pessoas que nós conhecemos que também estão acima da média. Vamos nos organizar, montar encontros mensais, estatutos, regras, iniciar uma revolução! Dessa vez do jeito certo! Acabar com essa elite que está aí!

Diga-se ao leitor que, apesar de não estar registrado nas linhas, é preciso mencionar que não pararam de ingerir cerveja dois minutos sequer, o que já tornava os gestos de ambos mais expansivos.

— Boa ideia, Bobão. Nós somos moralmente superiores. Consumimos livros. Temos algumas ideias empreendedoras. Sabemos investir nosso dinheiro. Essa massa comum que se distrai com uma tevê e álcool, caramba! Não deve ser tão difícil tomar o poder desses verdadeiros idiotas!

Brindaram novamente e começaram a fumar cigarros. Seus ânimos já estavam alegres. O plano parecia perfeito e eles pareciam mais que perfeitos. Foi então que entraram em detalhes quanto à moralidade alheia. Julgaram a libertinagem explícita da sociedade, de como os brasileiros se entregavam ao prazer ilimitado com facilidade, da ignorância do povo que não conseguia fazer o básico: organizar-se para enfrentar uma elite política corruptora... Quantos conselhos e sonhos! Quantas iniciativas e planos estratégicos bem elaborados para mudar o país inteiro e depois o mundo!

De repente veio o perfume doce entorpecer os sentidos de Bobão. Na mesa ao lado sentou-se um grupo de 4 mulheres de roupa curta. Eram lindas, ou seria o álcool? Enfim, naquele momento e para os olhos de ambos os amigos eram lindas.

Sem-noção, mais sábio e resistente às tentações do mundo do que o amigo, chamou-lhe logo a atenção:

— Não se distraia, Bobão. Estamos conversando sobre um assunto sério, o futuro do país. Isso aqui é mais importante do que qualquer prazer momentâneo com qualquer mulher! Olhe para mim. Se eu sou capaz de resistir, você também é. Temos que discutir sobre a nossa nova iniciativa. Pensei em tomarmos um lado mais liberal ou conservador. Acho que não preciso perder tempo explicando a parte ruim dos comunistas, não é?

— Claro. Eu já sei de tudo isso. Veja como sofremos nas mãos deles há anos, décadas. — Bobão voltou a se concentrar na conversa, mesmo com uma música de batidas fortes e incitação a lascívia reverberando por todo bar.

— Pois, bem! — continuou Sem-noção. — Podemos fazer da seguinte forma...

E lá se foi todo um plano muito bem concebido. Primeiro discorreram do recrutamento com detalhes profissionais: perfil dos recruta, nível de conhecimento literário, capacidade de comunicação, conhecimentos gerais, renda, tudo; depois, se eram de boa família, ou de boa índole, de preferência cristãos. Montada a equipe era o momento de tomar o poder. Primeiro, cursos especializados para ocupar postos de poder. Um deveria se formar em direito e virar juiz, outro professor universitário, outro jornalista, outro prefeito, e assim por diante. Concentrado algum poder nas mãos do grupo, era preciso escolher um território pequeno para dominar e depois expandir, algo como Ipiabas (distrito da vida de Barra do Piraí), por exemplo. O próximo passo seria fortalecer os laços entre os envolvidos e discipliná-los com regras e ajuda mútua dentro do grupo, indicações para postos de trabalho, empréstimos e por aí vai... enfim, daria um livro do tamanho do planejamento.

Estando prontos os detalhes, os amigos finalmente se sentiram capazes de fazer algo de benéfico e útil para a população brasileira. Por fim, Bobão deu um tapa na mesa e levantou o copo de cerveja dizendo:

— Vamos finalmente mudar de vida! Vamos começar agora!

Sem-noção concordou, mas algumas risadas atrapalharam o momento tão heroico e raro de um brasileiro decidido a fazer algo planejado e bom por pura virtude. As risadas eram da mesa ao lado, das quatro garotas. Elas olhavam para os amigos e pareciam querer chamar a atenção deles.

Bobão foi o primeiro a cair. Tão logo as viu, já ofereceu pagar uma cerveja e ir se sentar com elas, gastando todo o dinheiro que tinha pego com o agiota mais cedo para pagar a fatura do cartão de crédito.

Já Sem-noção, último remanescente do que havia de homem conservador, forte, decidido, sábio. Resistente ao futebol, ao dinheiro, ao prestígio, aos vícios... viu-se na posição de Hamlet, decidindo entre ser ou não ser, entregar-se ou não, eis a questão. Bravamente lutou

contra o próprio espírito e venceu, decidido a colocar o plano de melhoramento da sociedade em prática imediatamente! Olhou para as meninas na mesa e elas logo perceberam que aquele sujeito era diferente. Que não cairia com facilidade na lábia delas para ter uma noite de prazeres momentâneos. Feliz consigo mesmo, Sem-noção pediu a conta para a garçonete enquanto se preparava para ir embora e deixar Bobão, que já estava sentado na mesa das meninas.

Com o pagamento feito, finalmente era chegado o momento de caminhar rumo à liberdade e à justiça, porém uma quinta tentação, atrasada, chegava na mesa das mulheres. Uma morena encorpada de olhos claros, cabelo liso e longo, vestido curto, pernas à mostra e sorriso largo. Quem resistiria? A música, o álcool, o futebol, os prazeres, a mulher, qual brasileiro seria capaz de resistir?

Sem-noção entregou-se às mulheres. Todo o plano foi esquecido. Os prédios continuavam de pé, a lua ainda clareava a noite e o ar soprava como sempre soprou. Tudo no universo estava em seu devido lugar, principalmente o povo brasileiro.

# Reencontro

Conto  
Angela Alves Crispim

Lentamente Fernanda abriu o portão, passou pelo pequeno jardim, depois abriu a porta da casa e entrou. Sentiu uma onda enorme de saudade. Caminhou pensativa em cada cômodo, lembrando os momentos de intensa felicidade junto a Júlio. Voltou para a sala, respirou fundo e pensou:

- “Como enfrentarei mais esta noite, depois amanhã e todos os dias que se seguirão, antes de esquecer esse amor tão profundo?”.

Seu desespero crescera tanto que sentia no peito uma dor fina e insistente. Sabia da insônia, irritação, que iriam seguir e sentiu-se exausta, completamente cansada de tudo. Ao se sentar no sofá pensou em não mover qualquer músculo, até o pensar exauria o resto de suas energias.

- O que me resta?! Isto apenas?! Solidão e ressentimento? – indagou-se.

Do seu desesperado pedido de socorro ouvira como resposta o silêncio. Há muito deixara de se envolver profundamente com os homens, todos tão vulgares, sempre interessados apenas em seu corpo, sem ao menos entendê-la como pessoa, mulher. De repente apareceu Júlio e foi diferente. Ele surgiu de forma inusitada em seu caminho.

Foram bons os dois anos que passaram juntos... até que os pais dele entraram em suas vidas. E ao constatarem ser ela mais velha e possuidora de outro pior defeito: “Não era rica”, independente sim, bem de situação econômica, mas rica “não”. Engoliriam com alguma dificuldade a diferença de idade, contudo nunca a social. Pertenciam a aristocrática classe de ilustres industriais. Foram incapazes de ver como se amavam, fazendo de tudo, até que conseguiram separá-los. Júlio não aguentou a pressão e partiu, devotando-se a aventuras perigosas, arriscando a vida a cada instante, enfim conseguiu punir os pais por não o deixar seguir o caminho escolhido e num ato desesperado de vingança... morreu.

Não havia mais esperança para ambos, encerrou-se uma história e por que aquela pressão tão forte no peito, a ardência e cansaço crescentes. Estava se tornando insuportável, tentou se levantar e não conseguiu. Ficou quieta, lembrando-se das vezes em que se beijavam, trocando carícias e palavras carinhosas, rindo de tudo, bebendo vinho. Houve o alívio, a

angústia passou, seu corpo estava leve, solto, viu a porta se abrir e Júlio entrou lentamente, sorrindo como sempre a lhe oferecer as mãos. Ela esticou os braços para alcançá-las e conseguiu. Não sabia como, mas conseguiu e fugiu daquele mundo deixando para trás apenas os corpos, presos às convenções, ideias e preconceitos.





*Ensaaios &  
Trabalhos Acadêmicos*

# Fernando Pessoa por Roberto Piva: “tudo é símbolo e analogia” na “Grande Vida”

Diógenes Oliveira da Costa<sup>1</sup>

“[a arte] inventa, imagina, sonha e conserva entre ela e a  
realidade uma barreira intransponível  
de belo estilo, de método decorativo ou ideal”

Oscar Wilde

**RESUMO:** Este artigo busca estabelecer conexões entre o poema “Tudo é símbolo e analogia”, de Fernando Pessoa, e a admiração poética de Roberto Piva ao poeta português presente em seu poema “Ode a Fernando Pessoa”. Para tal, os conceitos de “símbolo”, pela perspectiva de Alfredo Bosi, e de “analogia”, de acordo com Octavio Paz, servem como bússola que nos levam para dentro dos poemas citados. A partir da leitura parafrástica, caminhamos com os poetas por seus versos e nos aproximamos de afinidades que, por sua vez, revelam a “Grande Vida”, suas questões e desdobramentos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Roberto Piva. Fernando Pessoa. Poesia. Símbolo. Analogia.

Há nomes que simbolizam uma impossibilidade atraente, uma condição aparentemente tão inacessível que desperta nossa curiosidade, fazendo-nos avançar nas trilhas da existência, na busca pelo extraordinário. Histórias imprecisas, alegações fantasiosas e explorações irregulares parecem direcionar nossa atenção para uma luz que nem todos enxergam a olho nu e, mesmo assim, mesmo com o perigo de nos cegar, a investigamos com um misto de prazer e zelo.

Um desses nomes é Johann Georg Faust (1491-1540). Alquimista, feiticeiro, adivinho, astrólogo. As atividades atribuídas ao alemão provocam um fascínio. Como se fosse pouco,

---

<sup>1</sup> Professor do Estado do Rio de Janeiro, poeta, doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (UERJ/2020). Autor Correspondente: diocosta.livros@gmail.com

mais do que suas atuações, são outras narrativas que constroem a figura do mito: pacto com o demônio, invocação de espíritos, morte misteriosa. Charlatão para uns, bruxo para outros, as especulações sobre Faust – cheias de superstição, misticismo e perseguição – elevaram sua vida ao ponto de inspirar contos populares (alguns impressos primeiramente na cidade de Frankfurt em 1587 e que logo se espalharam por toda Europa), peças de teatro (como A Trágica história do Doutor Fausto, de Christopher Marlowe, encenada em 1604) e outras obras (destaque para Fausto, de Johann Wolfgang Von Goethe, publicado em 1808).

Poucos “mortais” se aventuraram a seguir os rastros de Faust: Marlowe, Goethe, Valéry. Menos ainda foram aqueles que se atreveram a trabalhar em sua própria versão da lenda.

Leitor dos autores citados e conhecedor/admirador do passado complexo de Faust, Fernando Pessoa – também influenciado por William Shakespeare, Lord Byron e Edgar Allan Poe, por exemplo – projetou uma trilogia dramática, ainda pouco conhecida pelo grande público – acostumado aos heterônimos e desdobramentos dos “eus” do poeta – intitulada Fausto: tragédia subjectiva. A obra inacabada e, por isso mesmo fragmentada com “truncadíssimos excertos” (1991, p. 1), segundo Teresa Sobral Cunha, não chegou a ser publicada em vida pelo autor. Nela, Pessoa retoma a longa tradição europeia de Fausto – o Doutor Fausto – e sua busca por conhecimento. Tomado pelo mistério da existência e do pensamento, Fausto se torna um pária entre os homens que seguem indiferentes com suas vidas regulares. Não há laços que o mantenha distante da maldição que se descortina, do infinito que se anuncia, do abismo que se apresenta. O mito da revelação se avista justamente nas entrelinhas não-ditas das analogias, no símbolo que é o próprio Fausto, a consciência humana conduzida às sombras de sua busca.

No poema “Ah, tudo é símbolo e analogia!” que abre a primeira parte da trilogia, Primeiro Fausto, o poeta-personagem de Fernando Pessoa inicia sua saga cuja “intenção fáustica” (1991, p. 3) tem os seguintes versos:

Ah, tudo é símbolo e analogia!

O vento que passa, a noite que esfria

São outra coisa que a noite e o vento –

Sombras de vida e de pensamento.

Tudo que vemos é outra coisa.

A maré vasta, a maré ansiosa

É o eco de outra maré que está

Onde é real o mundo que há.

Tudo que temos é esquecimento.

A noite fria, o passar do vento  
São sombras de mãos cujos gestos são  
A ilusão mãe desta ilusão.  
(PESSOA, 1991, p. 5)

Antes de analisarmos o poema, é preciso relembrar o quanto “a presença de Fausto começou a habitar Pessoa no limiar dos vinte anos [...] e prosseguiu numerosa” (1991, p. 3), pois, ainda nas palavras de Cunha, “estaria muito aceso em Pessoa um primeiro fascínio por Goethe” (1991, p. 3). O poeta português – assim como seus heterônimos – também está, por sua vez, presente até hoje no imaginário dos poetas que o admiram. Um deles é Roberto Piva.

Antes de surgir com *Paranoia* – sua obra de estreia – em 1962, Piva já era figura fácil de se encontrar nos becos e bares da vida noturna de uma cidade de São Paulo em pleno desenvolvimento. Estava sempre envolvido em algum episódio – fosse como protagonista ou não – ao flunar pela capital paulistana com um livro na mão, lendo-o e comentando-o para os amigos mais próximos ou com algum poema pronto para ser falado em alto e bom som. Um desses poemas era *Ode a Fernando Pessoa*. De acordo com Cláudio Willer, trata-se de uma obra...

*publicada por Massao Ohno como panfleto, em uma extensa tira de papel, no final de 1961 [...]. Pela liberdade vocabular de uma poesia urbana em versos longos, corresponde a um primeiro encontro (grifo nosso) do Pessoa – Álvaro de Campos já lido e assimilado com o recém-descoberto Allen Ginsberg. Fala de Pessoa através do vocabulário e do verso longo de Uivo e América” (2005, p. 148).*

Alcir Pécora é outro estudioso da obra de Piva que apresenta um vasto número de referências do poeta prontas para novos “encontros” poéticos:

*Um levantamento sem qualquer intuito de exaustividade encontra [...] Mário de Andrade, Dostoiévski, Lantréamont, Rilke, Garcia Lorca, Machado, Rimbaud, Murilo Mendes, Jorge de Lima, Dante, Whitman, Leopardi, Tolstói, Oscar Wilde, Gide, Kierkegaard, Artaud [...], Maiakóvski, Nietzsche, Blake, Mary e Pery Shelly, Sade, Baudelaire, Issac Asimov, Villon, Apollinaire, Michaux, Byron, Swift, Jarry etc. (2005, p. 14).*

E no meio dessa “confraria” de poetas está Fernando Pessoa. Vamos ao poema em questão:

O rádio toca Stravinsky para homens surdos e eu recomponho na minha imaginação  
a tua vida triste passada em Lisboa.  
Ó Mestre da plenitude da Vida cavalgada em Emoções,

Eu e meus amigos te saudamos!  
Onde estarás sentindo agora?  
Eu te chamo do meio da multidão com minha voz arrebatada,  
A ti, que és também Caeiro, Reis, Tu-mesmo, mas é como Campos que vou  
saudar-te, e sei que não ficarás sentido por isso.  
Quero oferecer-te o palpitar dos meus dias e noites,  
A ti, que escutaste tudo quanto se passou no universo,  
Grande Aventureiro do Desconhecido, o canto que me ensinaste foi de libertação.  
Quando leio teus poemas, alastra-se pela minh'alma dentro um comichão de  
saudade da Grande Vida,  
Da Grande Vida batida de sol dos trópicos,  
Da Grande Vida de aventuras marítimas salpicada de crimes,  
Da grande vida dos piratas, Césares do Mar Antigo.  
Teus poemas são gritos alegres de Posse,  
Vibração nascida com o Mundo, diálogos contínuos com a Morte,  
Amor feito a força com toda Terra.  
  
Sempre levo teus poemas na alma e todos os meus amigos fazem o mesmo.  
Sei que não sofres fisicamente pelos que estão doentes de Saudade, mas de  
Madrugada; quando exaustos nos sentamos nas praças, Tu estás conosco,  
eu sei disso, e te respiramos na brisa.  
Quero que venhas compartilhar conosco as orgias da meia-noite, queremos ser  
para ti mais do que para o resto do mundo.  
Fernando Pessoa, Grande Mestre, em que direção aponta tua loucura esta noite?  
Que paisagens são estas?  
Quem são estes descabelados com gestos de bailarinos?  
  
Vamos, o subúrbio da cidade espera nossa aventura,  
As meninas já abandonaram o sono das famílias,

Adolescentes iletrados nos esperam nos parques.  
Vamos com o vento nas folhagens, pelos planetas,  
cavalgando vaga-lumes cegos até o Infinito.  
Nós, tenebrosos vagabundos de São Paulo, te ofertamos em turíbulo para uma  
bacanal em espuma e fúria.  
Quero violar todas as superfícies e todos os homens da superfície,  
Vamos viver para além da burguesia triste que domina meu país alegremente  
Antropófago.  
Todos os desconhecidos se aproximam de nós.  
Ah, vamos girar juntos pela cidade, não importa o que façás ou quem sejas,  
eu te abraço, vamos!  
Alimentar o resto da vida com uma hora de loucura, mandar à merda todos os deveres,  
chutar os padres quando passarmos por eles nas ruas, amar os  
pederastas pelo simples prazer de traí-los depois,  
Amar livremente mulheres, adolescentes, desobedecer integralmente uma ordem  
por cumprir, numa orgia insaciável e insaciada de todos os propósitos-Sombra.  
Em mim e em Ti todos os ritmos da alma humana, todos os risos, todos os olhares,  
todos os passos, os crimes, as fugas, Todos os êxtases sentidos de uma vez,  
Todas as vidas vividas num minuto Completo e Eterno,  
Eu e Tu, Toda a Vida!  
Fernando, vamos ler Kierkegaard e Nietzsche no Jardim Trianon pela manhã,  
enquanto as crianças brincam na gangorra ao lado.  
Vamos percorrer as vielas do centro aos domingos quando toda a gente decente  
dorme, e só adolescentes bêbados e putas encontram-se na noite.  
Tu, todas as crianças vivazes e sonolentas,  
Carícia obscena que o rapazito de olheiras fez ao companheiro de classe  
e o professor não vê;  
Tu, o Ampliado, latitude-longitude, Portugal África Brasil Angola Lisboa São  
Paulo e o resto do mundo,

Abraçado com Sá-Carneiro pela Rua do Ouro acima,  
de mãos dadas com Mário de Andrade no Largo do Arouche.  
Tu, o rumor dos planaltos, tumulto do tráfego na hora do rush,  
repique dos sinos de São Bento,  
hora tristonha do entardecer visto do Viaduto do Chá,  
Digo em sussurro teus poemas ao ouvido do Brasil,  
adolescente moreno empinando papagaios na América.  
Vamos ver a luz da Aurora chispando nas janelas dos edifícios,  
escorrendo pelas águas do Amazonas,  
batendo em chapa na caatinga nordestina,  
debruçando no Corcovado,  
Ouçamos a bossa-nova deitados na palma da mão do Cristo  
e a batucada vinda diretamente do coração do morro.  
Tu, a selvagem inocência nos beijos dos que se amam,  
Tu o desengajado, o repentino, o livre.  
Agora, vem comigo ao Bar, e beberemos de tudo nunca passando pela caixa,  
Vamos ao Brás beber vinho e comer pizza no Lucas,  
para depois vomitarmos tudo de cima da ponte,  
Vem comigo, eu te mostrarei tudo: o Largo do Arouche à tarde, o Jardim da Luz  
pela manhã, veremos os bondes gingando nos trilhos da Avenida,  
assaltaremos o Fasano, iremos ver as luzes do Cambuci pelas noites de crime,  
onde está a menina-moça violada por nós num dia de Chuva e Tédio,  
Não te levarei ao Paissandu para não acordarmos o sexo do Mário de Andrade  
(ai de nós se ele desperta!),  
Mas vamos respirar a Noite do alto da Serra do Mar:  
quero ver as estrelas refletidas  
em teus olhos.  
Sobre as crianças que dormem, tuas palavras dormem;  
eu deles me aproximo e

dou-lhes um beijo familiar na face direita.  
Teu canto para mim foi música de redenção,  
Para tudo e todos a recíproca atração de Alma e Corpo.  
Doce intermediário entre nós e a minha maneira predileta de pecar.  
Descartes tomando banho-maria,  
penso, logo minto, na cidade futura, industrial e inútil.  
Mundo, fruto amadurecido em meus braços arqueados de te embalar,  
Resumirei para Ti a minha história:  
Venho aos trambolhões pelos séculos,  
Encarno todos os fora da lei e todos os desajustados,  
Não existe um gangster juvenil preso por roubo e nenhum louco sexual  
que eu não acompanhe para ser julgado e condenado;  
Desconheço exame de consciência, nunca tive remorsos, sou como um lobo  
dissonante nas lonjuras de Deus.  
Os que me amam dançam nas sepulturas.  
Da vidraça aberta olho as estrelas disseminadas no céu;  
onde estás, Mestre Fernando?  
Foste levar a desobediência aos aplicados meninos do Jardim América?  
Dás um lírio para quem fugir de casa?  
Grande indisciplinador, é verdade?  
  
Vamos ao norte amar as coisas divinamente rudes.  
Vamos lá, Fernando, dançar maxixe na Bahia e beber cerveja  
até cair com um baque surdo no centro da Cidade Baixa.  
Sabes que há mais vida num beco da Bahia  
ou num morro carioca do que em toda São Paulo?  
São Paulo, cidade minha, até quando serás o convento do Brasil?  
Até teus comunistas são mais puritanos do que padres.  
Pardos burocratas de São Paulo, vamos fugir para as praias?



Ó cidade das sempiternas mesmices, quando te racharás ao meio?  
Quero cuspir no olho do teu Governador  
e queimar os troncos medrosos da floresta humana.  
Ó Faculdade de Direito, antro de cavalgadas eloqüentes da masturbação transferida!  
Ó mocidade sufocada nas Igrejas, vamos ao ar puro das manhãs de setembro!  
Ó maior parque industrial do Brasil, quando limperei minha bunda em ti?  
Fornalha do meu Tédio transbordando até o Espasmo.  
Horda de bugres galopando a minha raiva!  
Sei que não há horizontes para a minha inquietação sem nexos,  
Não me limitem, mercadores!  
Quero estar livre no meio do Dilúvio!  
Quero beber todos os delírios e todas as loucuras,  
mais profundamente que qualquer Deus!  
Põe-te daqui para fora, policiamento familiar da alma dos fortes:  
eu quero ser como um raio para vós!  
Violência sincopada de todos os “boxeurs”!  
Brasileira do Chiado em dias de porre de absinto.  
Arcabouço de todas as náuseas da vida levada em carícias de Infinito.  
Tudo dói na tua alma, Nando, tudo te penetra,  
e eu sinto contigo o íntimo tédio de tudo.  
Realizarei todos os teus poemas,  
imaginando como eu seria feliz se pudesse estar contigo  
e ser tua Sombra.  
(PIVA, 2023, p. 42-47)

Os poemas de Fernando Pessoa e Roberto Piva apresentados podem parecer, em primeira análise, pouco propensos a possíveis diálogos. Afinal, o poema pessoano é marcado, por exemplo, por uma concisão e uma formalidade que são a antítese da escrita piviana. Propomos, entretanto, uma leitura parafrástica dos versos de Pessoa e de Piva na qual passaremos com ambos em suas composições poéticas com um olhar sensível para diálogos

viáveis. Para tal, é necessário usarmos como bússola as palavras-chave que Pessoa nos apresenta em seu poema: “símbolo” e “analogia”.

Em História concisa da literatura brasileira, Alfredo Bosi afirma que o símbolo funciona como um artefato para “transcender” e “reconquistar o sentimento de totalidade” e “integrar a poesia na vida cósmica” (2021, p. 279). Em outras palavras, trata-se de “**ir além (grifo nosso)** do empírico e tocar, com a sonda da poesia, um fundo comum que susteria os fenômenos, chame-se Natureza, Absoluto, Deus ou Nada” (2021, p. 279). Bosi conclui que “o símbolo, considerado categoria fundante da fala humana [...], assume [...] a função-chave de vincular as partes ao Todo universal que, por sua vez, confere a cada uma o seu verdadeiro sentido” (2021, p. 279).

Se para Alfredo Bosi o símbolo almeja “a apreensão direta dos valores transcendentais, o Bem, o Belo, o Verdadeiro, o Sagrado” (2021, p. 280), Octavio Paz, em Os Filhos do Barro, entende a analogia como uma uniformidade equilibrada entre o ser humano e o universo na qual a poesia age como uma prosódia do cosmos e, assim, evidencia uma outra sensibilidade.

*A analogia se apoia numa prosódia. Uma visão mais sentida que pensada e mais ouvida que sentida. A analogia concebe o mundo como ritmo: tudo se corresponde porque tudo ritma e rima. A analogia não é só uma sintaxe cósmica: também é uma prosódia. Se o universo é um texto ou trama de signos, a rotação desses signos é governada pelo ritmo. O mundo é um poema; o poema, por sua vez, é um mundo de ritmos e símbolos (grifo nosso). Correspondência e analogia não passam de nomes do ritmo universal. (2013, p. 71)*

A analogia, pela perspectiva de Paz, não separa os contrários, mas funde-os; não distancia as disparidades, mas aproxima-as, gerando, desta forma, uma simetria à desarmonia do mundo moderno. O instante e a história, o mundano e o divino, o terrível e o fantástico afluem na Beleza plena da eternidade.

Com os termos “símbolo” e “analogia” devidamente apresentados, é chegada a hora de caminhar com os poetas pelos seus poemas. Começemos por “Ah, tudo é símbolo e analogia!”, de Fernando Pessoa.

O primeiro verso – “Ah, tudo é símbolo e analogia!” – é a luz que guia este estudo. O símbolo, pela ótica de Alfredo Bosi, e a analogia, pelo olhar de Octavio Paz, “querem compreender a Vida” (1991, p. 190), como diz Teresa Sobral Cunha – a “Vida” como alegoria para além do literal, do empírico, do sentido inicial, na qual “o mistério do mundo” (1991, p.190) eleva seu panorama.

Se “tudo é símbolo e analogia”, o que seria este “tudo”? “O vento que passa, a noite que esfria”. Elementos que, segundo Marcus Alexandre Motta em “A mão do poeta: signo, símbolo e léxico”, estabelecem conexões, “deslocando a significação para o caminho do altar do símbolo [...], a expressão da ideia de signo absoluto [...], os símbolos crescem. Passam a ser, brotando outros signos” (2011, p. 222).

O vento é outra coisa. A noite é outra coisa. “São outra coisa que a noite e o vento”, mas o quê? A sede de saber, o perigo de conhecer, a impossibilidade de “desver”. O que testemunha se transforma em “sombras de vida e de pensamento”, ou seja, algo que está presente, por perto. A imagem da sombra como fiel companheira que nos segue, não importa aonde a gente vá, está sempre disposta a nos revelar o que nos aguarda do outro lado daquilo que nos acostumamos a chamar de escuridão – escuridão que, de acordo com Elaine Robert Moraes em “A cintilação da noite”, “é sempre repleta de acontecimentos, pessoas, objetos, barulhos, e por vezes até mesmo ostensivamente iluminada [...] onde se cruzam bêbados, artistas, poetas, putas, michês e outros seres estranhos à luz do dia” (2023, p. 456).

Como vimos, símbolo e analogia são ferramentas utilizadas para mostrar que “tudo que vemos é outra coisa”. Há muito mais a ser visto “para tocar o infinito” e “desaguar no silêncio metafísico, única saída válida para o poeta” (2021, p. 282), diz Bosi, em meio a uma “época da aceleração do tempo histórico [...]. Transcorrem mais coisas e todas elas transcorrem quase ao mesmo tempo [...]. Aceleração é fusão: todos os tempos e todos os espaços confluem num aqui e agora” (2013, p. 19), comenta Paz.

A partir dos dizeres de Alfredo Bosi e Octavio Paz, vemos que “a maré vasta, a maré ansiosa / é o eco de outra maré que está / onde é real o mundo que há”. Outra maré. Outro fluxo que nos leva para outro lugar, outro espaço no qual “é real o mundo que há”. O poeta pretende atravessar o terreno e “que o seu saber fique mistério e grafado” (2011, p. 222), completa Motta.

O enigma se mantém. “Tudo que temos é esquecimento”. As pegadas, entretanto, deixam rastros. “A noite fria, o passar do vento / são sombras de mãos cujos gestos são / a ilusão mãe desta ilusão”. O espectro continua pronto para assombrar (ou seria revelar?). As mãos de agora já foram outras. Os gestos de agora já foram outros. Nem por isso deixam de ser irmanar com esta “ilusão mãe”, originária, geradora de outras mãos, outros gestos, outras ilusões, sem cortar os laços afetivos, as proximidades eletivas. Não seriam, por exemplo, as mãos de Fausto? Os gestos de Fausto? A ilusão mãe com a qual Fausto – e tantos outros grandes nomes – dá luz à sua cria e a acompanha como uma... sombra?

Após a travessia pelo poema pessoano, é hora de dar os braços a Roberto Piva e seguir pelos seus versos em “Ode a Fernando Pessoa”. A caminhada, neste caso, é longa. Trata-se de um poema extenso cuja análise de cada verso estenderia este trabalho a níveis exagerados. Por isso, decidimos recortar trechos que mais dialogam com as questões que norteiam a pesquisa. Vamos a eles.

Logo no primeiro verso, notamos uma clara diferença em relação ao poema de Fernando Pessoa. “O rádio toca Stravinsky para homens surdos e eu recomponho na minha imaginação a tua vida triste passada em Lisboa”. Se o primeiro verso de Pessoa, assim como o poema por inteiro, é marcado pela brevidade, no caso do poema piviano vemos versos longos nos quais é revelada uma música que é tocada. Ela está por aí, soando, vibrando para ouvidos que prestam atenção e fazem o silêncio necessário à sua compreensão, não para os surdos cuja audição é comprometida diariamente pelo cotidiano moderno. E neste mesmo verso, o poeta deixa a entender que é preciso reconciliar as ideias antes que o dia a dia as esvazie com

o emprego retrógrado, o capital miserável, o trânsito asfixiante, a fumaça degradante e o barulho ruidoso. É preciso manter a imaginação intacta para lembrar Fernando Pessoa e sua vida triste – se comparada às aventuras que lhe espera nos próximos versos de Piva – em Lisboa.

Fernando Pessoa, para Roberto Piva, é um “Mestre da plenitude da Vida cavalgada em Emoções”, mas o poeta português, a “ilusão mãe” de Piva, não tem apenas a admiração do poeta paulistano, pois “eu e meus amigos te saudamos! / Onde estarás sentindo agora?”.

Se Fernando Pessoa “chama” Piva para “sentir” o seu tempo, o contrário também acontece. “Eu te chamo do meio da multidão com minha voz arrebatada / A ti, que és também Caeiro, Reis, Tu-mesmo, mas é como Campos que vou saudar-te, e sei que não ficarás sentido por isso”. A preferência por Álvaro de Campos – poeta de linguagem ousada e livre, com a emoção falando mais alto – mostra que o alter ego de Pessoa não diminui o “Tu-mesmo”. Ao contrário. “Quero oferecer-te o palpitar dos meus dias e noites / A ti, que escutaste tudo quanto se passou no universo”. A extensão sensível da escuta e da noção de liberdade que atravessa os tempos. “Grande Aventureiro do Desconhecido, o canto que me ensinaste foi de libertação”.

A poesia de Pessoa abre brecha para um intervalo de Beleza na realidade sem cor. “Quando leio teus poemas, alastra-se pela minh’alma dentro um comichão de saudade da Grande Vida”. A alegoria da “Grande Vida” – aquela que complementa o título deste trabalho – expõe uma outra existência. Mais plena, mais absoluta. “Da Grande Vida batida de sol dos trópicos / Da Grande Vida de aventuras marítimas salpicada de crimes”. O “Grande Aventureiro do Desconhecido” leva consigo a “Grande Vida” que Roberto Piva sente saudade. A saudade do que não viveu, mas que é incorporado como parte de si. “Teus poemas são gritos alegres de Posse / Vibração nascida com o Mundo / Diálogos contínuos com a Morte / Amor feito a força com toda Terra”. O perigo da intensidade versus a proteção da comodidade.

Pessoa está presente. Para Piva, o poeta português é poesia que explode as barreiras do livro e ganha vida, a “Grande Vida”, com os amigos que o acompanham. “Sempre levo teus poemas na alma e todos os meus amigos fazem o mesmo”. Pessoa os acompanha pela cidade noturna. “De madrugada, quando exaustos nos sentamos nas praças, Tu estás conosco, eu sei disso, e te respiramos na brisa”. Poesia que habita a alma, que agrupa os desgarrados e que flui na brisa respirável, recebe os convites mais inusitados. “Quero que venhas compartilhar conosco as orgias da meia-noite, queremos ser para ti mais do que para o resto do mundo / Fernando Pessoa, Grande Mestre, em que direção aponta tua loucura esta noite?”. Roberto Piva faz Fernando Pessoa abraçar a radicalidade que nem Álvaro de Campos abraçou. E a São Paulo de Piva – alternativa, caótica e insubordinada – tem participação nisso. “Vamos, o subúrbio da cidade espera nossa aventura / As meninas já abandonaram o sono das famílias / Adolescentes iletrados nos esperam nos parques”. Trata-se de um grande encontro com o “Grande Aventureiro” em direção ao “Desconhecido”. “Vamos com o vento nas folhagens, pelos planetas, cavalgando vaga-lumes cegos até o

Infinito”. A figura do vento, no poema de Pessoa, é outra coisa. Não seria esse vento que Piva nos revela como transporte para o ilimitado?

Roberto Piva radicaliza. Será que Fernando Pessoa abraça a oferta feita pelo poeta transgressor e o segue com seu bando de amigos desordeiros? “Nós, tenebrosos vagabundos de São Paulo, te ofertamos em turíbulo para um bacanal em espuma e fúria”. A ideia é clara. “Quero violar todas as superfícies e todos os homens da superfície / Vamos viver para além da burguesia triste que domina meu país alegremente Antropófago”. A regularidade não tem vez. A poética de Piva é o salto no escuro como saída. Fernando Pessoa, o poeta “Tu-mesmo”, é a centelha para Roberto Piva, o poeta-flâneur, tomar os espaços da metrópole. “Ah, vamos girar juntos pela cidade, não importa o que faças ou quem sejas, eu te abraço, vamos?”

Os versos incendiários de Piva querem “alimentar o resto da vida com uma hora de loucura, mandar à merda todos os deveres, chutar os padres quando passarmos por eles nas ruas, amar os pederastas pelo simples prazer de traí-los depois”. No meio do caos, a vontade de “amar livremente mulheres, adolescentes, desobedecer integralmente uma ordem por cumprir, numa orgia insaciável e insaciada de todos os propósitos-Sombra”. A alegoria da Sombra reaparece para mostrar que orgias, bacanais e desobediências de naturezas diferentes não estão ali sem motivos. “Fernando, vamos ler Kierkegaard e Nietzsche no Jardim Trianon pela manhã, enquanto as crianças brincam na gangorra ao lado”. A luz do dia, acompanhada das leituras, reenergiza para o anoitecer que novamente se aproxima. “Vamos percorrer as vielas do centro aos domingos quando toda a gente decente dorme, e só adolescentes bêbados e putas se encontram na noite”.

Piva entende Pessoa como expansão. “Tu, o Ampliado, latitude-longitude, Portugal África Brasil Angola Lisboa São Paulo e o resto do mundo”. A língua portuguesa não apenas nos países lusófonos. Fernando Pessoa como embaixador da língua de Camões no mundo soa oficial demais para Roberto Piva. “Tu, rumor dos planaltos, tumulto do tráfego da hora do rush”. Pessoa é do mundo e o poeta português está em todos os lugares ao mesmo tempo. “Digo em sussurro teus poemas ao ouvido do Brasil”.

Quanto mais Piva deseja apresentar a cidade para Pessoa, mais as transgressões surgem e ganham vida, a “Grande Vida”. “Agora, vem comigo ao Bar, e beberemos de tudo nunca passando pelo caixa. / Vamos ao Brás beber vinho e comer pizza no Lucas, para depois vomitarmos tudo de cima da ponte”. Piva é insaciável. “Vem comigo, eu te mostrarei tudo: o Largo do Arouche à tarde, o Jardim da Luz pela manhã, veremos os bondes gingando nos trilhos da Avenida / assaltaremos o Fasano”.

A relação que Piva constrói com Pessoa é de uma proximidade que vai dos acontecimentos mais sórdidos aos mais sensíveis. “Vamos respirar a Noite do alto da Serra do Mar: quero ver as estrelas refletidas em teus olhos”. A intimidade é tamanha que Roberto Piva revela: “Resumirei para Ti minha história: / Venho aos trambolhões pelos séculos / Encarno todos os fora-da-lei e todos os desajustados”. Piva assume de maneira direta para Pessoa seu viés maldito, cuja poesia põe abaixo as fronteiras do tempo e assume personas. “Desconheço exame de consciência, nunca tive remorsos, sou um lobo dissonante nas lonjuras de Deus”.

Ao destoar do senso comum, Piva não está só. “Os que me amam dançam nas sepulturas”. E por não estar só, sabe que seu convite a Fernando Pessoa atinge outros poetas, apresenta outros lugares, questiona a vida que levamos em comparação a “Grande Vida” reservada ao submundo. “Vamos lá, Fernando, dançar maxixe na Bahia e beber cerveja até cair com um baque surdo no centro da Cidade Baixa / Sabes que há mais vida num beco da Bahia ou num morro carioca do que em toda São Paulo?”.

E mesmo com toda intensidade, a euforia perde força. Vem a melancolia, o Spleen baudelairiano. “Tudo doi na tua alma, Nando, tudo te penetra, e eu sinto contigo o íntimo tédio de tudo”. A imaginação cede à realidade e os episódios elencados no poema dão lugar a promessas e suposições. “Realizarei todos os teus poemas, imaginando como eu seria feliz se pudesse estar contigo e ser tua Sombra”. Mais uma vez a figura da Sombra, alegoria importante, vem à tona para encerrar o poema como força presente e sempre pronta para agir entre as mazelas dos dias.

Os poemas de Fernando Pessoa e Roberto Piva estão aí para “desencadear uma onda de associações espúrias” (1991, p. 2), como diz Teresa Sobral Cunha. Sua “diversificação de esforços” (1991, p.11), para que se “multipliquem as hipóteses” (1991, p. 2), propagam uma “enorme mancha” (1991, p. 3) de “deslumbrantes estilhaços verbais” (1991, p. 4). De diferentes maneiras, ambos, “na errância do seu próprio itinerário interior” (1991, p. 5) irmanam-se num ser que “constrói e desconstrói sobre o impronunciável” (1991, p. 5) através do “caráter não objectivo do discurso” (1991, p. 6).

Se no poema de Fernando Pessoa percebemos “desvios que no espírito do poeta se foram operando [...] pela ideia dum Fausto superlirico de gosto goetheano e romântico” (1991, p. 6), como nos diz Teresa Sobral Cunha, o texto de Roberto Piva atribui aos “desvios” de Pessoa traços de loucura cujas associações usam e abusam da liberdade para possibilitar delírios pornográficos, forçando os limites literários. Os tabus ganham protagonismo atualizados não como mera blasfêmia, mas “densidade imagética” (2017, p. 13), segundo Sergio Cohn em “Apresentação”. Trata-se de uma “linguagem visionária [...] com uma postura de denúncia e resistência” (2017, p. 17) que propõe “a ampliação das possibilidades” (2017, p. 18), pois “a função de um intelectual, de um poeta, é transmitir cultura, conhecimento, imagens, loucura, alucinação, felicidade, melancolia para o seu povo” (2017, p. 18).

O próprio Roberto Piva afirmou em inúmeras entrevistas confrontar “a visão unidimensional oficial” (2017, p. 137). E “tudo isso se transforma num lastro, numa experiência do passado em que me apoio para fazer frente ao presente e ao futuro [...], as experiências, os filósofos, os artistas plásticos que me influenciaram no decorrer da minha vida” (2017, p. 138). Fernando Pessoa – assim como seu Fausto – participam deste “renascimento do maravilhoso” (2017, p. 138). “As visões poéticas de Fernando Pessoa [...] são muito dionisíacas” (2017, p. 140), revela.

A “Grande Vida” que Piva apresenta em seu poema atua “dentro de uma realidade de mediocridade” (2017, p. 141) como “descoberta permanente, sem etiqueta, sem rótulo” (2017, p. 146), num “posicionamento insurgente” (2021, p. 15) – de acordo com Alex

Januário em “Fogo da noite encarnada” – de “tempestuosas imagens do mistério” (2021, p. 15). A “Grande Vida” piviana abarca os “atos de amar, de respirar, de caminhar à deriva, de combater a opressão moral catastrófica que, imposta ao homem, busca privar seu espírito de liberdade” (2021, p. 16) em meio ao “miserabilismo de uma sociedade enferma em sua impotência amorosa e imagética, moldada pelo homem que, em consonância com os tentáculos do capitalismo, deixou de amar e de buscar o ‘ouro do tempo’” (2021, p. 16).

As conexões assim inúmeras e não caberiam aqui. A poesia de Roberto Piva promove essas afinidades, “encontros revelatórios” (2021, p 17). Seu contato poético com Fernando Pessoa, por exemplo, possibilita “testemunhar os elementos mágicos da vida” (2021, p. 17) através da “recusa às ordens estéticas e morais que nada mais querem senão reduzir o amor a um sistema” (2021, p. 17). Se, portanto, “a imaginação encontra-se a serviço da liberdade e da beleza convulsiva” (2021, p. 17), o aspecto “atemporal é o prisma” (2021, p. 17) que conduz o ser a “um inquietante horizonte de fogo” (2021, p. 17).

## REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira – 53 ed. – São Paulo: Cultrix, 2021.
- COHN, Sergio. “Apresentação”. In: Sombras dançam neste incêndio: antologia poética Roberto Piva. Lisboa: Oca, 2017, pp. 7-23.
- CUNHA, Teresa Sobral. “Nota à Edição”. In: Fausto: tragédia subjectiva: (fragmentos) / Fernando Pessoa; estabelecimento do texto, ordenação, nota à edição e notas Teresa Sobral Cunha – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991, pp. 1-9.
- JANUÁRIO, Alex. “Fogo na noite encarnada”. In: O cometa incandescente – romantismo, surrealismo, subversão / Michael Löwy – 1ª ed – São Paulo: 100/cabeças, 2021, pp. 11-18.
- MORAES, Elaine Robert. “A cintilação da noite”. In: Morda meu coração na esquina: Poesia reunida / Roberto Piva; organização Alcir Pécora – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2023, pp. 455-464.
- MOTTA, Marcus Alexandre. “A mão do poeta: signo, símbolo e léxico”. In: Matraga. Vol. 18, n. 28. – Rio de Janeiro: UERJ, Instituto de Filosofia e Letras, 2011, pp. 220-232.
- PAZ, Octavio. Os Filhos do Barro. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. 2 ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2014.
- PÉCORA, Alcir. “Nota do organizador”. In: Um estrangeiro na legião, obras reunidas volume I / Roberto Piva; organização Alcir Pécora – São Paulo: Globo, 2005, pp. 9-15.
- PESSOA, Fernando. “Tudo é símbolo e analogia”. In: Fausto: tragédia subjectiva: (fragmentos) / Fernando Pessoa; estabelecimento do texto, ordenação, nota à edição e notas Teresa Sobral Cunha – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991, p. 5.

PIVA, Roberto. “Ode a Fernando Pessoa”. In: Morda meu coração na esquina: Poesia reunida / Roberto Piva; organização Alcir Pécora – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2023, pp. 42-47.

\_\_\_\_\_. Sombras dançam neste incêndio – Antologia Poética / Roberto Piva; organização Sergio Cohn – Lisboa: Oca, 2017.

WILLER, Claudio. “Uma introdução à leitura de Roberto Piva”, In: Um estrangeiro na legião, obras reunidas volume I / Roberto Piva; organização Alcir Pécora – São Paulo: Globo, 2005, pp. 144-183.



# Julgamento de Monteiro Lobato: culpado ou inocente?

Uma análise (e um veredito) da obra do escritor tido como patrono” da Literatura Infantil brasileira.

Ana Cristina dos Santos Malfacini<sup>2</sup>

Beatriz Tavares Estevam de Albuquerque Mendes<sup>3</sup>

## RESUMO

O presente ensaio busca discutir se há ou não espaço para o autor Monteiro Lobato manter seu posto de “patrono” da literatura infanto-juvenil brasileira nos dias atuais, quando importantes discussões foram levantadas acerca das inúmeras problemáticas raciais presentes tanto em seus posicionamentos políticos quanto em sua obra. Buscamos analisar um panorama da literatura infantil brasileira antes e depois da publicação de suas obras, entendendo quem o influenciou, quem foi por ele influenciado e discutir a extensão de sua ideologia danosa em sua obra, além de propor abordagens para educadores.

Foi elaborado com base em discussões em sala de aula com a professora Ana Malfacini, no curso de Letras - Português Literaturas na disciplina Práticas de Leitura no Ensino Fundamental e Médio na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O texto base para a nossa discussão foi “Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo” (1993), de Marisa Lajolo.

**PALAVRAS CHAVE:** Literatura Infantil e Infanto-Juvenil Brasileira; Monteiro Lobato; Racismo; História; Educação.

Em 2021, o lançamento do primeiro livro infantil publicado por Monteiro Lobato completou 100 anos. Ao contrário do que muitos pensam, chamar Lobato de “patrono” da literatura infantil brasileira não significa que ele foi o primeiro autor a escrever para esse

---

<sup>2</sup> Doutora em Semiologia (UERJ/UNIFOA)

<sup>3</sup> Graduanda em Letras - Português Literaturas (UERJ). Autora correspondente: [bnbtzeam@gmail.com](mailto:bnbtzeam@gmail.com)

público antes de “*A Menina do Narizinho Arrebitado*” ser lançado em 1921. Das palavras da “própria” Dona Benta:

*“Basta dizer que no meu tempo de menina só havia no Brasil meia dúzia de livros para crianças. Lembro-me muito bem. Um era ‘João Felpudo’, história dum menino que não cortava o cabelo nem as unhas e ficou um bicho; outro era ‘O menino verde’, história dum menino reinador; e havia ainda uns resumos de ‘Robinson Crusó’, ‘Guliver’ e ‘D. Quixote’, só.”*

(Diálogo publicado no jornal *A Voz da Infância*, dez. 1945. Acervo da Seção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca InfantoJuvenil Monteiro Lobato *apud* ALCANFOR, 2010).

A circulação do livro no Brasil era bastante precária durante o século XIX mesmo entre adultos, com livros caros, de edições europeias (quando muito, portuguesas), e restrito às capitais. Como pontua a avó de tão famosas crianças, vemos a publicação de versões adaptadas de narrativas do cânone, em especial as que caberiam na definição de *Aventuras* apesar de seu conteúdo claramente não ter sido pensado para o público infantil, e histórias europeias, como o citado “*Der Struwwelpeter*” (1845), livro infantil alemão com histórias rima de teor moral — todos, certamente, destinados às elites brasileiras, o que nos dá pistas a respeito das condições da família de D. Benta.

É com a proximidade da virada do século em que vemos esforços de se construir uma literatura infantil pensada desde o princípio no contexto brasileiro e mais acessível às demais crianças do país. Tem destaque a obra infantil de Figueiredo Pimentel, sendo o primeiro volume, “*Contos da Carochinha*” (1894), o mais famoso. De estilo simples e direto, o escritor macaense reúne contos de coleções brasileiras e europeias e faz adaptações ao contexto da criança brasileira, com todos os protagonistas ganhando nomes comuns no Brasil e com adaptações de elementos familiares ao universo do jovem público, além dos valores dos exemplares, bem mais acessíveis que a maioria dos livros infantis à época. A linguagem adotada por Pimentel é alvo de críticas de Júlia Lopes de Almeida, também autora de livros infantis, que teria se horrorizado ao supostamente presentear um “rapazinho” com o livro de Pimentel. No mesmo jornal, ele rebate, com outra anedota:

*“Eu também tenho um rapazinho que me pede livros. Dei-lhe uma vez os Contos infantis. (livro que Júlia escreve com a irmã) Logo na primeira história [...] leu ele:*

*‘A rapariguinha narrava-lhe coisas divertidas passadas com as colegas... e o velho silencioso.’*

*Neste ponto o moleque perguntou-me:*

*‘Eh, yoyó, qui é qui zê minina fazia ao véio? Qui cõza divetida é essa?!’ E o meu amigo Chico Botija, um rapaz ‘espírituoso’ que estava a meu lado, retorquiu imediatamente:*

*Cala a boa, tição! São coisas que não podes saber [senão] mais tarde...*

*Já vê a Sr. Julia que seu livro também é pornográfico, porque se presta a interpretações brejeiras e pilbéricas...”*

(PIMENTEL, 1899 *apud* BIGNOTTO, 2021).

Temos a obra infantil de Pimentel como um dos primeiros casos de “sucesso” de um livro destinado ao público infantojuvenil, a julgar pelos anúncios da editora, Biblioteca Quaresma, das avaliações em jornais e pelo fato de que o título do volume mais célebre, “*Contos da Carochinha*”, segue figurando como expressão idiomática mesmo entre quem não teve contato com a obra original. A estilística e os demais fatores que levaram a obra a obter sucesso não foram acidentais; ainda que a história do “moleque” seja obviamente anedótica como é a relatada por Júlia, o público dos livros infantis do Segundo Reinado torna-se cada vez mais diverso, com registros de alunos não-brancos nas escolas datando desde antes da Abolição (WISSEMBACH, 2018 *apud* BIGNOTTO, 2021). As personagens negras seguem praticamente invisíveis, apesar de compor a maioria da população brasileira; quando muito, “as personagens negras são retratadas frequentemente como escravas, e quase sempre como *‘parcerias perniciosas’* que poderiam *‘contaminar com seus vícios’* as personagens brancas.” (BIGNOTTO, 2021). Episódios assim podem ser encontrados nas obras infantis de Olavo Bilac a Pimentel; mesmo ele, preocupado em tornar o texto familiar à criança brasileira, parecia ignorar que a maioria das crianças brasileiras não era branca.

É nesse contexto em que Monteiro Lobato publica em 1921 seu primeiro livro destinado ao público infantojuvenil, “*A Menina do Narizinho Arrebitado*”, e é para esse público que escreve até morrer, com um cânone se estendendo para além dos romances, com rascunhos relatados em cartas de ideias nunca publicadas, histórias inacabadas como as publicadas em seu “*Histórias Diversas*” (1947) e ainda histórias como a que figura no início do presente artigo, publicada num jornal com a colaboração das crianças frequentadoras da Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

Percebemos na obra de Lobato um esforço em tornar a leitura mais direta e palatável aos públicos mais jovens, numa possível influência do estilo de Pimentel, apesar do autor de Taubaté ter caçoado indiretamente de “*Contos da Carochinha*”, tendo feito da própria “*Dona Carochinha*” uma personagem mal humorada em “*Reinações de Narizinho*” (1931). Lobato, que era também prolífico editor e tradutor de livros infantis como “*Alice no País das Maravilhas*” até os romances de Ernest Hemingway, preocupava-se em tornar as obras acessíveis a todos, tanto na logística (uma vez que sua *Companhia Editora Nacional* foi uma das primeiras a levar livros variados para além do eixo Rio-São Paulo) quanto na linguagem. Esses esforços ficam explícitos nas suas versões, adaptadas para o universo do Sítio, de clássicos. Vemos, em “*Dom Quixote das Crianças*” (1936), a ocasião em que D. Benta decide adaptar a linguagem ao vocabulário de seus ouvintes:

*“(...) esta obra está escrita em alto estilo, rico de todas as perfeições e sutilezas de forma, razão pela qual se tornou clássica. Mas como vocês ainda não têm a necessária cultura para compreender as belezas da forma literária, em vez de ler, vou contar a história com palavras minhas.*

*- Isso! - berrou Emília. Com palavras suas e de tia Nastácia, e minhas também e de Narizinho e de Pedrinho e de Rabicó. Os viscondes que falem arrevezado lá*

*entre eles. Nós, que não somos viscondes nem viscondessas, queremos estilo de clara de ovo, bem transparentinho, que não dê trabalho para ser entendido.”*

(LOBATO, 1936 *apud* LAJOLO, 1993)

Percebemos um esforço por parte não apenas do Lobato-autor, como também de Lobato como *editor* em fazer as versões destinadas ao público infantil deixar de ser simplesmente os “resumos” da infância de D. Benta, para tornarem-se obras que busquem capturar a “essência” do original, ainda que de extensão mais reduzida e sem usar das mesmas palavras, e que atraíam a atenção e que, principalmente, respeitem a inteligência dos públicos mais jovens. Há ainda o estímulo à leitura do texto integral no futuro, numa espécie de “promessa” de que a criança que seguir pelo caminho da leitura traçado por Lobato será um dia tão capaz de desbravar os originais como o é D. Benta. É nesse sentido que vemos as editoras de Lobato, *Companhia Editora Nacional* e a posterior, *Brasiliense*, publicando adaptações como *Robinson Crusóe*, *Contos de Fadas*, *Alice no País das Maravilhas* etc, assim como é também numa iniciativa semelhante em que vemos adaptações de clássicos da literatura ganhando outras editoras, como as adaptações da *Ediouro*, e como a elogiada coleção de banca de traduções e adaptações, *Clássicos da Literatura Juvenil*, da Abril Cultural dos anos 1970.

Nos dias de hoje, ainda que haja um esforço maior para impulsionar a leitura e disponibilização de textos integrais, como a coleção pedagógica *Eu Leio*, da Editora Ática, as adaptações ainda figuram de maneira bastante significativa na introdução direcionada à leitura de muitos alunos. Contamos ainda com inúmeras adaptações em quadrinhos, muitas que não buscam ser apenas mero resumo do original para estudantes desesperados lerem em véspera de prova e, sim, releituras que acrescentam à obra e que despertam a curiosidade não apenas para os leitores jovens lerem o texto integral, como também para aqueles que leram o texto integral terem a oportunidade de conferir outra perspectiva daquela mesma obra. Afinal, as versões de La Fontaine não “anulam” as de Esopo e *Romeu e Julieta* não “anula” *Tristão e Isolda*.

“Respeitar a inteligência” dos leitores parece ter sido a receita do sucesso de Lobato. Diferentemente de muitos dos textos da época destinados ao público infantil que pareciam muito se esforçar em não preocupar pais e professores conservadores e excessivamente preocupados, Lobato definitivamente inovou ao trazer personagens questionadores e, por vezes, “desbocados”. Ainda que muito se deva criticar passagens eugenistas de sua “*História do Mundo para as Crianças*” (1933), que é a sua versão para o Sítio de “*A Child's History of the World*” de Virgil M. Hillyer (1924), é notável que Lobato não tenha se intimado a colocar em obras como essa, de cunho educativo, aspectos Darwinistas, sem citar o livro do Gênesis em capítulos de História Natural, não privilegiar (ao menos explicitamente) a narrativa cristã. Não foi à toa que isso lhe atraiu inúmeras críticas, “boicotes” e censuras por parte de organizações cristãs. Em seus livros mais “pedagógicos”, percebemos que Lobato parece ter sido um dos primeiros autores nacionais a introduzir a criança à leitura de não-ficção, área pouco explorada mesmo em leitores mais velhos maduros. Percebemos diversas obras com objetivos semelhantes figurando na literatura nacional, em que podemos citar o bastante influente “*Almanaque Ruth Rocha*”.

Algo que pode passar despercebido para leitores modernos, mas que é um elemento que se enriquece com uma pesquisa histórica, é a presença quase ininterrupta de referências do universo dos mais jovens das décadas em que os livros do Sítio foram originalmente publicados. São eles o “*Gato Félix*”, a presença de artistas de cinema como “*Tom Mix*”, referências aos desenhos dos estúdios Disney etc, elementos que dificilmente eram do interesse de Lobato como indivíduo, mas que figuravam no interesse de seus jovens leitores e ele fazia um esforço em conhecer e referenciar - referências essas de propriedades intelectuais usadas inapropriadamente que um mundo menos globalizado “permitia”, em lugares afastados geograficamente dos EUA. Percebe-se que ocorre uma espécie de *troca* bastante interessante, em que o autor ensina às crianças matérias de escola sem descartar elementos de sua bagagem cultural. Similarmente, vemos várias influências desse aspecto na literatura infantojuvenil brasileira. Inúmeros autores familiarizam-se com a bagagem de seu público para produzir histórias com temas de maior ressonância, de temas leves, como vemos constantemente na longeva *Turma da Mônica*, com inúmeras referências à *cultura pop*, sempre pertinentes à época inserida, até a temas de maior severidade, mas que permeiam as preocupações dos jovens e que podem promover uma orientação que a família não é capaz de entregar, como *Depois Daquela Viagem* (1997), que conta sobre uma adolescente que contrai o vírus HIV do namorado, numa época bastante próxima ao auge da pandemia de HIV.

As crianças brasileiras vão ler a história de Alice por artes de Narizinho. Tanto insistiu esta menina em vê-la em português (Narizinho ainda não sabe inglês), que não houve remédio, apesar de ser, como dissemos, uma obra intraduzível.

— Serve assim mesmo, disse ela ao ler a tradução da primeira parte hoje publicada (a segunda “*Through The Looking Glass*”, inda é mais maluca) (\*). Dá uma idéia, embora “muito pálida”, como diz a Emília . . .

Fig. 1 - Trecho da introdução de “*Alice no País das Maravilhas*” (1933), em que Lobato explica a influência do clássico de Carroll às crianças do Brasil, que nunca antes haviam visto uma tradução da obra ao português brasileiro. (Fonte: CARROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. Adaptação: LOBATO, Monteiro. Coleção Obras Completas de Monteiro Lobato, 3a Série, Vol. 4. São Paulo: Brasiliense, 1960.)

Não podemos, é claro, ignorar o “elefante na sala”: é impossível falar de Monteiro Lobato e sua obra nos dias de hoje sem mencionar as recentes “*re-leituras*” feitas com olhos mais críticos que se espantaram com trechos inaceitáveis para os dias de hoje e da história do autor com a eugenia e o racismo, que inclui suas publicações para públicos adultos. A própria constituição do Sítio, com a senhora branca proprietária do Sítio, D. Benta, frequentemente chamada de “*sinhô*”, detentora do conhecimento formal, da “cultura” e da “civilização”, enquanto os personagens negros são representados, no texto e nas ilustrações da época,

como estereótipos, com “sabedoria popular”, não tão valorizada como a “erudição” de D. Benta. Os trechos mais chocantes são o tratamento punitivo que as crianças e a boneca falante — vista por muitos autores como *alter ego* do próprio Lobato — têm com Tia Nastácia. Apologistas ferrenhos de Lobato irão dizer que o texto condenaria tais tratamentos, já que Emília é frequentemente reprimida após tais falas, mas isso nem sempre acontece e, de qualquer forma, representar tais episódios como alívio cômico é uma escolha narrativa deliberada que gera constrangimento, especialmente nas crianças não brancas, que não se veem na narrativa lobatiana senão nessas figuras.

Os trechos são extensos e difíceis de se simplesmente ignorar já que, como foi dito, a própria *estrutura* do universo do Sítio tem tal problemática. Como com tantos outros elementos da obra de Monteiro Lobato influenciaram obras seguintes da nossa literatura, o *racismo recreativo* não foi diferente e se vê em obras como na série de livros policiais para o público infantojuvenil bastante popular nos anos 1970 “*A Inspetora*”, de Ganymedes José, que tem tratamento extremamente semelhante aos sofridos pela Tia Nastácia com a única personagem negra, a menina Bortolina.

Teriam razão as discussões que condenam Monteiro Lobato e buscam tirar dele seu título de *patrono* da Literatura Infantil Brasileira? Discussões semelhantes ocorrem em diversos países como os Estados Unidos, que têm como um dos maiores nomes nacionais em sua literatura infantojuvenil a obra *Little House on the Prairie* de Laura Ingalls Wilder, publicada contemporaneamente aos livros do Sítio com base nas memórias de infância de sua autora, no *Wild West* do século XIX — a base da obra é, pura e simplesmente, uma apologia ao colonialismo em que se fundou sua nação. Similarmente, quantos outros livros do cânone não foram imensamente inspirados ou influenciados por ideologias extremamente danosas? Como a dos Estados Unidos, a história do Brasil também não é nada “bonita”, e devemos, não apenas à memória de tantos *subalternos* silenciados (SPIVAK, 2010) como também à memória de seus descendentes vivos, que seguem sofrendo com disparidades em razão das dívidas históricas que talvez nunca serão de todo quitadas, buscar contar a história de nosso país como ela é.

É, no entanto, pouco realista a ideia de que Lobato seria “expulso” de vez das estantes — afinal, trata-se de um autor que figurou entre a infância de diversas gerações brasileiras, introduzindo tantos à leitura dos chamados “livros de verdade”, além das já mencionadas influências que se fazem ver até hoje em nossa literatura. Lobato entrou em domínio público em 1º de Janeiro de 2018. A criatura de Frankenstein que tornou-se figura mítica no imaginário coletivo em quase nada se assemelha à do romance de Mary Shelley, sendo uma construção coletiva que a autora contribuiu apenas com a matéria-prima (RUTHVEN, 1976).

Pode ser que seja, sim, o momento de aposentar o posto de Lobato como “patrono” e buscar outros candidatos, como também pode ser que seja o momento de aposentar a leitura integral de seus livros dos currículos escolares. Procuremos privilegiar, então, dar voz a novos autores e resgatar vozes esquecidas e marginalizadas para inaugurar essa nova era do nosso cânone. E quanto ao que já se tinha, podemos fazer como faz a própria D. Benta na seleção do que contar ao seu público nos idos anos 1930 do Sítio, fazendo recortes com o que nos interessa; que pode ser, inclusive, trazer a tona trechos problemáticos, trazendo em conjunto comentários críticos, engajando em discussões que explicitem a problemática do

que é retratado estimulando os jovens leitores a não cair na armadilha do culto à personalidade do autor e a entender como funciona um discurso. Podemos também, sem embaraço algum, buscar retomar, desconstruir e reconstruir aquele ambiente tão familiar para nós, que, estando em domínio público, está livre para, afinal, ser de todos nós.

## REFERÊNCIAS

- ARGUELHO DE SOUZA, Ana Aparecida. A literatura de Monteiro Lobato e a escola nova. Revista HISTEDBR, 2017. (Acesso: [https://www.researchgate.net/publication/318485672\\_A\\_literatura\\_de\\_Monteiro\\_Lobato\\_e\\_a\\_escola\\_nova](https://www.researchgate.net/publication/318485672_A_literatura_de_Monteiro_Lobato_e_a_escola_nova))
- BASTOS, Thiago. A Criança Leitora Nas Obras Literárias De Monteiro Lobato: Uma Perspectiva Antirracista. Rio de Janeiro, UCB, 2021. (Acesso: <https://monteirolobato.com/wp-content/uploads/2022/06/A-Crianca-Leitora-Monteiro-Lobato-Perspectiva-Antirracista.pdf>)
- BIGNOTTO, C. Reescrevendo a narrativa: racismo em livros infantis da época de Monteiro Lobato. Revista Brasileira de Literatura Comparada, 2021. (Acesso: <https://www.scielo.br/j/rblc/a/cQnMN7HBKNpcxwkGjZRspwK/?lang=pt>)
- ALCANFOR, Lucilene. Produção e circulação das obras didáticas de Monteiro Lobato. São Paulo, PUC, 2010. (Acesso: <https://ariel.pucsp.br/jspui/bitstream/handle/10785/1/Lucilene%20Rezende%20Alcanfor.pdf>)
- DE OLIVEIRA, Santos (Pseud. De GANYMEDES JOSÉ). A Inspetora e o Fantasma Dançarino. Rio de Janeiro, 1974. Ediouro.
- PIMENTEL, Figueiredo. Contos da Carochinha. São Paulo: Editora Quaresma, 1958 (1894).
- LOBATO, Monteiro. História do Mundo Para As Crianças. Cia Editora Nacional. São Paulo, 1933.
- LAJOLO, Marisa. Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo. Ática, 1993.
- AFONSO DA SILVA, Raquel. Monteiro Lobato e a Escola nas Décadas de 1930 e 40. UFPR, Curitiba, 2011.
- ABREU, Tâmara. Censura e Eugenia em HISTÓRIA DO MUNDO PARA AS CRIANÇAS, de Monteiro Lobato. Revista Digital da UFRN. Natal, 2014.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010.
- RUTHVEN, K. K. O Mito. São Paulo: Perspectiva, 2010.  
[https://en.wikipedia.org/wiki/Little\\_House\\_on\\_the\\_Prairie](https://en.wikipedia.org/wiki/Little_House_on_the_Prairie)

# O desenvolvimento do letramento literário no Ensino Médio a partir do diálogo entre a poesia tradicional e a instapoesia

Emiliana Angela Magalhães <sup>4</sup>

## RESUMO

O presente trabalho trata do letramento literário, mais especificamente a partir do diálogo entre a poesia tradicional e a instapoesia no Ensino Médio. A pesquisa foi motivada por alguns problemas persistentes no trabalho com a poesia nas escolas, tais como: a utilização do gênero poético como um suporte para a análise gramatical; a dificuldade que os alunos relatam em compreender textos poéticos; a pouca prática de leitura do gênero e a escassez de materiais para o trabalho com literatura e mídias digitais. À vista disto, os alunos demonstram, constantemente, pouco apreço pelo gênero poético, entretanto são apreciadores de instapoesias no universo digital. Nessa perspectiva, a pesquisa tem por objetivo propor a construção de um diálogo entre a poesia tradicional e a instapoesia nas aulas de Literatura a fim de contribuir com a formação da competência leitora literária dos estudantes do Ensino Médio. A fundamentação teórica se baseia nas concepções de linguagem, assim como nas abordagens sobre tecnologia, práticas digitais de leitura e letramento literário. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo seguida de uma proposta acerca de um problema no trabalho com o gênero poético no Ensino Médio. Conclui-se que a instapoesia poderá aproximar os jovens ao universo dos textos poéticos contribuindo, assim, na promoção do letramento literário. Desse modo, a proposta apresentada poderá orientar docentes do Ensino Médio ao que se refere à leitura de poesias em sala de aula.

**PALAVRAS-CHAVE:**Letramento literário. Poesia. Instapoesia.

## Introdução

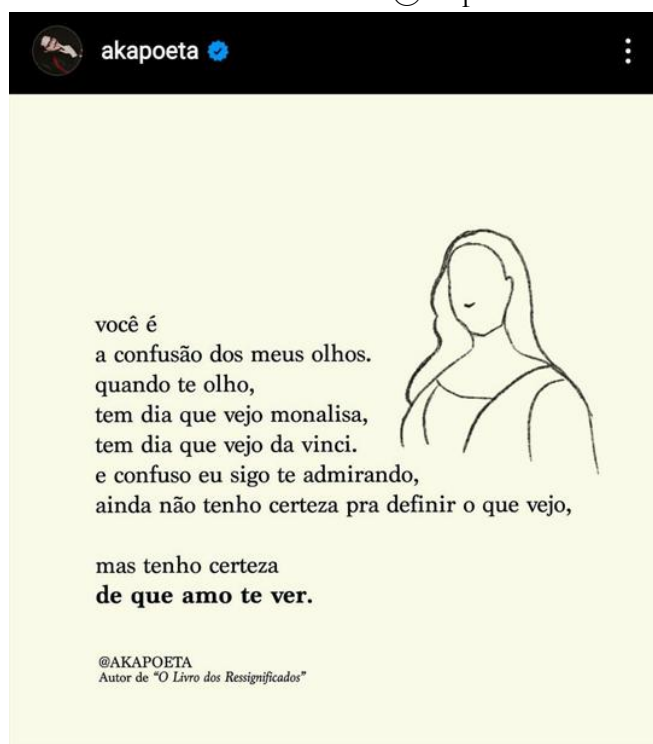
Este artigo relata uma pesquisa acerca do desenvolvimento do letramento literário no Ensino Médio, mais especificamente a partir do diálogo entre a poesia tradicional e a instapoesia. Segundo Snobl (2020), a instapoesia é uma nova mídia digital composta por textualidade, poesia, arte e design. À vista disso, esse gênero digital refere-se a textos poéticos multimodais oriundos das redes sociais, como o que vem a seguir:

---

<sup>4</sup> Mestra em Linguística Aplicada (Unitau). Autora correspondente: [magalhaesemiliana@gmail.com](mailto:magalhaesemiliana@gmail.com)



FIGURA 1 – Perfil @akapoeta



Fonte: <https://www.instagram.com/akapoeta/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

As novas tecnologias digitais afetaram a produção de inúmeros gêneros discursivos, nesse horizonte a poesia é um gênero que vem ganhando a notoriedade em diversas plataformas, aplicativos, sites e redes sociais a partir do fenômeno da instapoesia. Conforme publicado em uma matéria jornalística, a instapoesia tirou “a poeira da poesia” (CARNEIRO; KUSUMOTO, 2018).

Diante disso, os escritores, denominados instapoetas, possuem milhares de seguidores, migraram para o papel e chegaram à lista de best-sellers. Tal fenômeno reavivou no público jovem e adulto, principalmente naqueles que são usuários das redes sociais, a admiração pela poesia.

A pesquisa foi motivada, primeiramente, pelo pouco apreço que os alunos demonstram, nas aulas, pela poesia e como o gênero acaba perdendo o seu protagonismo. Ademais, outros problemas são persistentes no trabalho com a poesia nas escolas. Nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura, o gênero aparece geralmente como um suporte para a análise gramatical, o que causa um desinteresse dos alunos perante a poesia, deixando-os distantes dos belos efeitos de sentido.

Além disso, destacam-se a dificuldade dos alunos na compreensão do gênero poético; a escassez de materiais para o trabalho docente - os livros didáticos, geralmente, propõem atividades que não efetivam o letramento literário - assim como há pouca prática de leitura do gênero nas aulas; como demonstram as pesquisas de Alves (2002), Lopes-Rossi e Renda (2017) e Silva e Testa (2019). Cabe ressaltar, também, a falta de materiais para o trabalho com literatura e mídias digitais, visto que a carência de materiais didáticos

e paradidáticos, bem como a ausência de sala de computadores e de wi-fi em escolas com pouca estrutura são entraves para o desenvolvimento do letramento literário.

A pesquisa foi norteada pelas seguintes perguntas: 1. Como propor a construção de um diálogo entre a poesia tradicional e a instapoesia nas aulas de Literatura a fim de aproximar os estudantes do universo poético e promover o letramento literário? 2. Quais práticas de leitura do gênero poético poderiam ser propostas nas aulas? 3. Em quais aspectos a instapoesia se aproxima ou se distancia da poesia tradicional?

Em função dessas perguntas de pesquisa, este trabalho tem por objetivo propor a construção de um diálogo entre a poesia tradicional e a instapoesia nas aulas de Literatura, a fim de contribuir com a formação da competência leitora e literária dos estudantes do Ensino Médio. Especificamente, a pesquisa buscou apresentar a instapoesia como uma vertente da produção poética em meio digital; comparar a instapoesia com poesias tradicionais em seus aspectos estruturais e expressivos; propor práticas de leitura do gênero poético para estudantes do Ensino Médio, mesclando a poesia tradicional com a instapoesia.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo seguida de uma proposta acerca de um problema no tocante ao trabalho com o gênero poético no Ensino Médio. Dessa forma, utilizou-se como aporte teórico as concepções de linguagem e gênero discursivo, já que o trabalho propõe um dialogismo entre a poesia digital e a poesia tradicional na promoção do letramento literário. Ademais, uma vez que a pesquisa discorre sobre a poesia tradicional e a presença do gênero poético no ambiente digital, as abordagens sobre tecnologia, práticas digitais de leitura, letramento literário, letramento digital e multiletramentos se fazem necessárias; além do referencial acerca da BNCC (BRASIL, 2018), documento oficial que norteia os currículos dos sistemas e redes de ensino do Brasil.

Para fins organizacionais, o artigo está subdividido em quatro seções. Primeiramente, é apresentado um panorama acerca da poesia digital, instapoesia, e como a tecnologia afetou nosso consumo de literatura. Posteriormente, são apresentados os conceitos de letramento literário segundo Cosson (2015); Paulino e Cosson (2009) atrelados ao desenvolvimento da competência leitora dos discentes. Na sequência, seguem propostas de atividades elaboradas por esta pesquisadora a partir de instapoesias e poesias tradicionais que venham a favorecer a promoção do letramento literário em turmas de Ensino Médio. Por fim, são apresentadas a conclusão e as referências.

## 1 Instapoesia: a poesia na era digital

O desenvolvimento da tecnologia tem modificado a nossa relação com o mundo. No âmbito da literatura, não é diferente. A era digital transforma a nossa relação com os textos, os livros, a leitura e, conseqüentemente, com a forma de consumir literatura. Sendo assim, surge um campo vasto que ainda há muito a explorar: a literatura digital. Flores (2021, p. 357) define a literatura eletrônica “como uma arte centrada na escrita que envolve o potencial expressivo da mídia eletrônica e digital”.

Segundo Chartier, e uma entrevista a Díaz (2020, p. 2), a invenção de Gutenberg, no

século XV, revolucionou “o modo de reprodução dos textos e de produção dos livros”. Porém, uma grande revolução ocorreu na era digital. O historiador afirma que tal revolução consiste na fusão de três transformações profundas: “uma nova técnica de composição, inscrição e comunicação dos textos, impõe um novo suporte aos textos (a tela dos computadores quaisquer que sejam) e, impõe ou sugere novas maneiras de ler: descontínuas, fragmentadas, segmentadas” (DÍAZ, 2020, p. 2).

Ao ter uma experiência de leitura na tela do computador ou do smartphone, percebe-se que os textos são apresentados a partir de inúmeros recursos além do verbal, tais como imagens, sons, movimentos, cores, entre outros.

De acordo com Cosson (2020), a literatura eletrônica compreende obras que se valem dos recursos digitais para compor textos nos quais a escrita se mistura a imagens e sons numa convergência de mídias. Sendo assim, o pesquisador destaca que as marcas mais presentes na literatura são: “a fragmentação tal como possibilitada pelo hipertexto; a interação, que aproxima o texto literário do jogo e da criação conjunta; a construção textual em camadas superpostas e multimodais, como exploração dos muitos recursos disponibilizados pelo meio digital” (COSSON, 2020, p. 18).

Nota-se que a instapoesia é publicada na forma de uma imagem, já que a proposta do Instagram é a publicação de fotos e vídeos. Essa é característica de tal rede social, logo o apelo visual da rede impacta na publicação dos textos poéticos. Nesse sentido, uma das marcas da instapoesia são os versos livres e curtos, visto que “a mídia dita o formato do texto, provando que ela tem influência direta no processo criativo do autor. Ao produzir um poema a ser veiculado pelas redes sociais, o poeta o faz pensando em como adaptá-lo para seus seguidores” (DOMINGOS, 2021, p. 46).

Outro aspecto a destacar às instapoesias são os recursos semióticos utilizados para compor esse texto no formato digital. Oliveira e Dias (2016) afirmam que a diversidade de recursos semióticos nos textos - tanto impressos quanto digitais - é denominada multimodalidade. Os textos multimodais estão presentes nos quadrinhos, charges, propagandas, infográficos, sites, vídeos, blogs entre outros.

Nesse horizonte, Oliveira e Dias (2016) expõem que, no conjunto de textos multimodais, estão as páginas virtuais compostas de imagens, cores, sons, vídeos, animações e ícones. Logo, a instapoesia explora tais recursos semióticos, configurando-se em um texto multimodal, de maneira que impacta o leitor na recepção desse texto. No meio digital, a multimodalidade está presente de forma mais intensa. A utilização dos recursos tecnológicos para a produção dos textos multimodais intensificou a exploração de recursos semióticos, assim, os textos digitais não ficam focalizados apenas no aspecto verbal.

Para Cani e Coscarelli (2016, p. 18), a escola possui um grande desafio na criação de oportunidades para o trabalho com textos multimodais para mostrar aos “alunos que há um propósito comunicativo na associação da linguagem verbal à não verbal”.

Assim, é de grande relevância para o desenvolvimento do letramento dos estudantes a utilização de textos multimodais. A instapoesia sendo um texto multimodal é um caminho a fim de que o professor promova o letramento em suas aulas, bem como possibilite a leitura de um gênero em um suporte digital; diferente dos suportes que predominam nas

aulas.

## 2 O Letramento literário por intermédio da poesia tradicional e da instapoesia

Este trabalho propõe a construção de um diálogo entre a poesia tradicional e a poesia digital, instapoesia, a fim de aproximar os estudantes do universo poético e possibilitar a promoção do letramento literário. Sendo esse diálogo construído a partir da mediação do professor com os alunos nas aulas de literatura, espera-se que os alunos desenvolvam o gosto pelo poético, sejam humanizados por essa arte na construção de sentidos a partir da poesia.

Cosson (2015) afirma que o termo letramento é polissêmico, assim como o termo adjetivado - letramento literário; já que inúmeras são as definições para a literatura. Desse modo, o autor propõe três concepções diferentes para o letramento literário e assinala que cada pesquisador ou professor deverá apresentar as razões do emprego do termo buscando tornar o conceito mais produtivo para todos os usuários. A primeira concepção de letramento literário tende a privilegiar o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita através dos textos literários.

Nessa vertente, Cosson (2015, p.181) explica que:

Trata-se de uma concepção essencialmente escolar não só do letramento, pensado como a aquisição da escrita ou seu domínio, como também do literário, que é identificado com o cânone ou os textos rotulados pela escola como literários. É ainda a concepção que rege grande parte da defesa da disponibilização de obras de literatura infantil para as crianças bem pequenas, como se pode observar na bem conhecida afirmação de que mesmo que não saibam ler, devem ter acesso aos livros infantis porque por meio deles entrarão em um contato prazeroso com o mundo da escrita. A grande questão desse modo de conceber o letramento literário não é que em alguns casos apenas recubra com um novo termo práticas escolares usuais, nem mesmo que tenda a reforçar concepções conservadoras tanto do letramento quanto da literatura, mas sim que retire do adjetivo a sua autonomia de sentido, ou seja, que coloque a aprendizagem da literatura como ancilar ao ensino da escrita. (COSSON, 2015, p.181)

Na segunda concepção, Cosson (2015) expõe que existem duas maneiras de se compreender o conceito de letramento literário. Na primeira, o termo refere-se à literatura como uma prática social da escrita consoante os New Literacy Studies. Já a segunda forma de compreender o letramento literário foi proposta por Paulino e Cosson (2009, p. 67), sendo o “processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”. Cosson afirma que nessa vertente:

o letramento é menos uma prática social da escrita do que um processo de construção de sentidos que se efetiva individual e socialmente; e o literário deixa de ser aplicado apenas a um conjunto de textos, para ser reconhecido como um repertório cultural constituído por uma grande variedade de textos e atividades que proporciona uma forma muito singular –literária – de construção de sentidos (COSSON 2015, p. 182).

Na terceira concepção de letramento literário, Cosson (2015, p. 183) declara que o letramento literário “se faz presente no desenvolvimento da habilidade de ler os textos literários buscando verificar questões ideológicas ou relativas às identidades de gênero, etnia/raça, sexo, entre outras identificações sociais”. Logo, essa concepção volta-se para a perspectiva crítica ultrapassando a simples associação da literatura com a aprendizagem da escrita apresentada na primeira concepção, mesmo que permaneça na perspectiva escolar.

Em suma, a primeira concepção de letramento literário engloba a utilização do texto literário como auxiliar ao ensino de leitura e no desenvolvimento de habilidades escritas; a segunda concepção traz o letramento como uma prática para a construção literária de sentidos no texto e a terceira como uma concepção que focaliza questões ideológicas ampliando a consciência crítica do leitor. Tais concepções apontam caminhos para o desenvolvimento do letramento literário, pois não há um caminho único, assim como não há uma única definição.

No que se refere à BNCC (BRASIL, 2018), não se encontra no documento o termo letramento literário. Apesar de trazer termos como “novos letramentos, multiletramentos e letramentos digitais” ao tratar especificamente da literatura (que nomeia de campo-artístico literário no ensino médio), o documento fala – superficialmente – apenas em “leitura literária” (AMORIM et al 2022, p. 97).

Ademais a BNCC (BRASIL, 2018) apresenta o termo “apropriação das obras literárias” consoante a definição de letramento literário apresentada por Paulino e Cosson (2009, p. 67) como um “processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”. Sendo assim, no campo artístico literário, a BNCC (BRASIL, 2018) afirma que a apropriação do texto literário deve ser intensificada no Ensino Médio.

Segundo Amorim e colabradres

O letrar literariamente na BNCC, assim como o tornar-se leitor, dialoga, dessa forma, com a ideia de leitor-fruidor, crítico e ideologicamente guiado, sem que nenhum desses termos seja amplamente debatido ou relacionado à questão literária. (AMORIM et al, 2022, p. 97)

Nesse horizonte, apesar do apagamento do termo letramento literário na BNCC (2018), é essencial a mediação docente na vivência literária dos estudantes. Paulino e Cosson (2009) propõem algumas práticas a fim de que o letramento literário seja concretizado na escola:

- A criação de uma comunidade de leitores na escola a partir de grupos de estudo, clubes

de leitura entre outros para que compartilhem leitura e outras atividades acerca do universo literário.

- A exploração dos textos literários com textos da comunicação oral, com meios de comunicação de massa e a partir de outras manifestações artísticas.
- O alargamento da “manifestação literária para além do objeto livro [...] alcançando outros veículos como a Internet” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 75).
- A construção de repertório literário do aluno acerca do conhecimento da literatura como sistema cultural. Nesse sentido, é de suma importância a “interferência crítica do professor para que os alunos ampliem sua competência de leitura, lendo textos culturalmente significativos e entendendo o que os faz significativos” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 76).
- O oferecimento aos alunos de oportunidades para escreverem a partir da interação com a literatura (paráfrases, paródias, estilização, entre outros).

Em vista disso, Paulino e Cosson (2009) afirmam que essas e outras práticas podem ser desdobradas em inúmeras atividades tendo como objetivo a formação de um leitor competente na interação com a literatura, na seleção de obras, na identificação de intertextualidades e no vínculo de contextos pertencentes aos seus interesses pessoais e da sua comunidade. Nesse sentido,

Acima de tudo, deve ter como objetivo último a interação verbal imensa e o (re) conhecimento do outro e do mundo que são proporcionados pela experiência da literatura. É isso que torna a literatura tão importante para o desenvolvimento cultural do ser humano. É isso que significa apropriar-se da literatura como construção literária de sentido. (PAULINO; COSSON, 2009, p. 75).

A sequência didática proposta nesta pesquisa visa à promoção do letramento literário acerca do trabalho docente com a poesia em turmas de Ensino Médio, visto que o trabalho com textos poéticos tem ficado à margem na escola. Contudo, muitos jovens têm se aproximado da leitura poética através das redes sociais. Em minha experiência de sala de aula, percebo que alguns jovens apresentam esses textos aos colegas e a mim, fazem relações com outros textos literários lidos em sala, compartilham as instapoesias nas redes sociais, compram livros desses autores e se interessam mais por poesias nas aulas.

Por esta razão a mediação docente é extremamente importante no que diz respeito à promoção do letramento literário a partir de experiências poéticas. Buscar as experiências que os alunos já trazem de poesia e principalmente das instapoesias para as aulas de literatura pode ser um caminho para esse aluno ampliar o seu repertório e buscar a leitura de outros poetas sejam eles contemporâneos ou tradicionais. Além disso, a promoção do letramento literário como um “processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67) se efetivará a partir das experiências individuais e sociais compartilhadas em sala e além da escola.

### 3 Proposta de trabalho com a instapoesia no ensino médio a partir de uma sequência didática

O letramento literário é um grande desafio na contemporaneidade. Os jovens da geração digital, da leitura instantânea e em telas carecem de desenvolver habilidades de proficiência leitora, a fim de que se transformem em leitores competentes de textos literários. Em se tratando do estudo da literatura no Ensino Médio, as habilidades apresentadas pela BNCC (BRASIL, 2018) realçam a proficiência das práticas digitais de leitura do texto literário, a ampliação dos conhecimentos culturais, do pensamento crítico, da reflexão e sensibilidade.

De acordo com a BNCC, a cultura digital

envolve aprendizagens voltadas a uma participação mais consciente e democrática por meio das tecnologias digitais, o que supõe a compreensão dos impactos da revolução digital e dos avanços do mundo digital na sociedade contemporânea, a construção de uma atitude crítica, ética e responsável em relação à multiplicidade de ofertas midiáticas e digitais, aos usos possíveis das diferentes tecnologias e aos conteúdos por elas veiculados, e, também, à fluência no uso da tecnologia digital para expressão de soluções e manifestações culturais de forma contextualizada e crítica (BRASIL 2018, p. 474).

Diante do exposto, esta proposta didática apresenta uma sequência de atividades a fim de que se estabeleça um diálogo entre a poesia tradicional e a instapoesia nas aulas de Literatura no Ensino Médio. Tal proposta estrutura-se não apenas na obrigatoriedade de um ensino sistemático e didático, mas na sensibilização para o aspecto estético, agregador e humanizador da literatura. Nesse sentido, a aproximação do jovem com a cultura digital, valendo-se da instapoesia, é extremamente favorável. Sendo assim,

o texto literário deixa de ser peça de museu, deixa de se assemelhar a obituário, ou a álbum velho de fotografias para transformar-se em desafio, conquista, em conhecimento significativo, que faz o adolescente compreender melhor o mundo em que vive (CEREJA, 2005, p. 200).

A sequência de atividades sugerida é uma proposta de leitura de poemas de Lopes-Rossi e Renda (2017). Consoante as autoras, a proposta didática

abre os caminhos do leitor, mostrando-lhe a situação de produção e de fruição da poesia, bem como as camadas fonológica, morfológica, sintática, semântica, a criarem efeitos de sentidos

diversos. A percepção dos recursos utilizados na criação dos poemas conduz o leitor ao espetáculo da vida, também em sua complexidade, e à riqueza da expressão possível. Reconhecer o trabalho da forma – a forma do sentido – pela qual o poeta seleciona, atribui valores, arranja, reordena as coisas do mundo pode dar oportunidade ao jovem leitor de conhecer, reconhecer, vivenciar e dialogar com a riqueza da linguagem poética (LOPES-ROSSI; RENDA, 2017, p. 294).

Nessa direção, a proposta de leitura de poemas das autoras baseia-se “em três conjuntos de pressupostos teóricos” (LOPES-ROSSI, RENDA, 2017, p. 289). O primeiro conceito pauta-se na perspectiva do conceito bakhtiniano de gênero discursivo.

A esse respeito, toda e qualquer atividade humana está relacionada à utilização da língua em forma de enunciados concretos, orais ou escritos, inseridos em um contexto da atividade humana. Segundo Bakhtin (2003), “qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2003, p. 280).

Bakhtin (2003) expõe que é através dos gêneros do discurso, ou seja, dos enunciados concretos, que podemos refletir a individualidade de quem fala ou escreve, ou seja, seu estilo. Além disso, o gênero discursivo se constitui a partir de um tema e de sua forma composicional que se materializa linguística e expressivamente.

Destarte, pode-se afirmar que há uma infinidade de gêneros discursivos, visto que

a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (BAKHTIN, 2003, p. 280).

A proposta deste trabalho acerca da leitura de poesias e instapoesias conduz os estudantes a desenvolverem o seu letramento literário mediado por ferramentas digitais a partir de um diálogo colaborativo entre a turma e o professor. O objetivo das propostas de atividades é focalizar o gênero discursivo como um instrumento para o desenvolvimento de atividades de leitura, análise linguística e a assimilação das características discursivas do gênero. Logo, tal proposta proporcionará aos estudantes a leitura como prática humanizadora, um direito humano (CANDIDO, 2011); ou seja, além de letrar, humanizar.

### 3.1 A leitura de textos poéticos a partir de uma sequência didática para leitura de poemas



Lopes-Rossi e Renda (2017, p. 301) apresentam quatro procedimentos de leitura de poemas organizados em quadros. A fim de que o professor desenvolva atividades de leitura de poemas, os procedimentos apresentados propiciarão a ampliação das habilidades leitoras dos alunos “até um nível mais complexo, considerando as características ensináveis do gênero”, assim como a fruição e a construção de sentidos. Logo, a proposta didática apresentada abaixo é direcionada para turmas do 1º ao 3º ano do Ensino Médio e o número de aulas de cada procedimento para o desenvolvimento das atividades é sugerido, podendo ser flexível dependendo da turma.

As habilidades da BNCC (2018) a serem desenvolvidas na sequência didática são: (EM13LP06) Analisar efeitos de sentido decorrentes de usos expressivos da linguagem, da escolha de determinadas palavras ou expressões e da ordenação, combinação e contraposição de palavras, dentre outros, para ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de uso crítico da língua. (EM13LP46) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.

(EM13LP49) Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

(EM13LP50) Analisar relações intertextuais e interdiscursivas entre obras de diferentes autores e gêneros literários de um mesmo momento histórico e de momentos históricos diversos, explorando os modos como a literatura e as artes em geral se constituem, dialogam e se retroalimentam.

#### Primeira etapa

A primeira etapa da sequência didática proposta por Lopes-Rossi e Renda (2017) promove a ativação e ampliação de conhecimentos prévios sobre o gênero discursivo poema. Nela, a partir de alguns exemplos de poemas mostrados aos alunos ou lidos pelo professor, são ressaltadas algumas perguntas sobre os aspectos sociocomunicativos e composicionais do poema

Dessa forma, primeiramente, o professor promoverá um diálogo com a turma sobre poesia. Assim, os alunos vão expondo seus conhecimentos acerca do gênero, bem como suas experiências enquanto leitores ou não de poesias. Após, o professor propõe à turma a leitura de diversos instapoemas no Instagram de João Deordelein - @akapoeta.

O docente poderá utilizar, de acordo com o seu contexto, a leitura na rede social. Dessa forma, caberá realizar a projeção desses poemas para os alunos ou, em duplas, os alunos entrarem na conta dos instapoetas com seus smartphones e realizarem a leitura.

Outra sugestão seria utilizar o laboratório de informática, caso a escola possua, para realizar a leitura dos textos.

Atividades orais - Duração: 1 aula

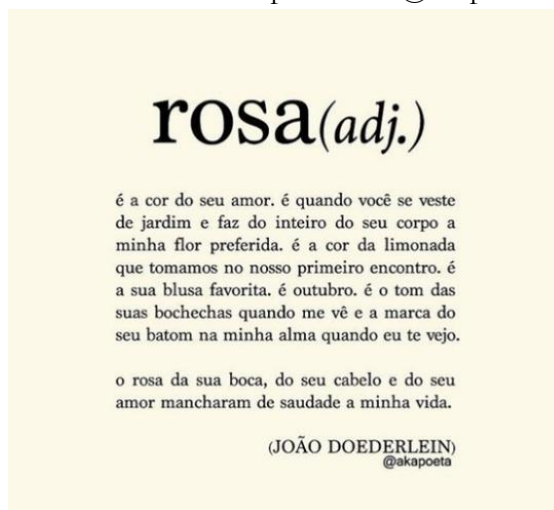
- 1) Realizar a leitura de diversos instapoemas no perfil do instapoeta João Deoderlein, @akapoeta.
- 2) Solicitar à turma que indique as características multimodais da instapoesia que eles observaram (formato, extensão, versos livres, animações, músicas, imagens, entre outros).
- 3) Observar os temas que aparecem recorrentemente na poesia de @akapoeta: temas relacionados a sentimentos (amor, paixão, desilusão amorosa, ansiedade, entre outros).
- 4) Solicitar também aos alunos que observem a função dos poemas nas redes sociais, quais sejam evasão no tempo e espaço e catarse.

Segunda etapa

A segunda etapa focaliza a leitura completa silenciosa e em voz alta de poemas. Lopes-Rossi e Renda (2017) indicam que a leitura do poema deve acontecer a partir da fruição proporcionando o encantamento daquele que tiver contato com o texto. Nesta etapa, os alunos realizarão a leitura de dois textos e posteriormente, atividades orais acerca dos poemas.

Texto I: Rosa, de @akapoeta.

FIGURA 3 – Instapoema de @akapoeta



Fonte: Instagram de @akapoeta. Acesso em: 29 out. 2022.

Texto II: Rosa de Hiroshima, de Vinicius de Moraes.

Pensem nas crianças

Mudas telepáticas  
Pensem nas meninas  
Cegas inexatas  
Pensem nas mulheres  
Rotas alteradas  
Pensem nas feridas  
Como rosas cálidas  
Mas oh não se esqueçam  
Da rosa da rosa  
Da rosa de Hiroshima  
A rosa hereditária  
A rosa radioativa  
Estúpida e inválida  
A rosa com cirrose  
A antirrosa atômica  
Sem cor sem perfume  
Sem rosa sem nada.

Disponível em: <https://www.culturagenial.com/rosa-de-hiroshima/>. Acesso em: 19 out. 2022.

Atividades orais - Duração: 2 aulas

Nesta etapa, será realizada a leitura dos poemas de @akapoeta e Vinicius de Moraes a partir das seguintes estratégias:

1) Para o primeiro contato com o texto, convidar os alunos a lerem o poema silenciosamente.

O professor realizará a leitura explorando recursos expressivos e sonoros para que os alunos possam começar a construir os sentidos dos poemas.

2) Convidar alguns alunos que leiam para os colegas os poemas.

3) Realizar na lousa um brainstorm acerca da palavra “rosa”.

4) Perguntar à turma se alguém conhece o fato marcante acontecido em Hiroshima e explicá-lo brevemente.

5) Em 2022, o bombardeio em Hiroshima completou 77 anos. Realizar a leitura de um texto informativo acerca do acontecimento no site da CNN Brasil. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/hiroshima-77-anos-do-bombardeio-que-matou-mais-de-70-mil-pessoas/>. Acesso em 29 out. 2022.

6) Assistir a um vídeo no YouTube com cenas da tragédia em Hiroshima e com a música “Rosa de Hiroshima”, interpretada por Ney Matogrosso.

Disponível em: Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=j11OYO0abGo>. Acesso em 30 out. 2022.

7) Dialogar com a turma sobre as impressões que tiveram durante a leitura dos poemas: os versos que mais chamaram a atenção, aqueles de que mais gostaram ou que os deixaram intrigados.

### Terceira etapa

Na terceira etapa, Lopes-Rossi e Renda (2017) propõem a leitura detalhada e certas partes do poema. Nela, os alunos realizarão exercícios orais e escritos acerca dos textos. Aspirase a exploração dos sentidos atribuídos a determinados versos e estrofes; os recursos utilizados para causar efeitos de sentido, exploração de significados de palavras, entre outros.

Atividades orais - Duração: 1 aula

1) Releitura do instapoema de @akapoeta e do poema Rosa de Hiroshima, de Vinicius de Moraes.

2) Ler com a turma o verbete “rosa” no dicionário e observar quais sentidos no dicionário aproximam-se dos sentidos explorados no texto de @akapoeta.

- São eles: “Tom rosado das faces”. “Tom vermelho bem claro”. “Da cor original da rosa”. “Sentimento de bem-estar”. Dicionário Michaelis on-line. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/rosa>. Acesso em: 2 nov. 2022.

3) O instapoema de @akapoeta tem a forma de verbete. Como podemos comprovar essa afirmação?

- Comprova-se a partir da entrada da palavra, a classe gramatical entre parênteses e as definições acerca da palavra presentes no poema.

4) O instapoeta define “rosa” a partir de diversas frases. Ler cada uma das definições e seus possíveis sentidos; tais como:

- “é a cor do seu amor”: metáfora para definir a alegria, o bem-estar, a felicidade acerca do relacionamento amoroso.
- “é quando você se veste de jardim”: a cor rosa que a amada utiliza em suas roupas.
- “é a cor da limonada”: a limonada rosa que saboreou no primeiro encontro.
- “é outubro”: refere-se à campanha “outubro rosa” realizada no Brasil e no exterior a fim de promover a conscientização e prevenção precoce do câncer de mama.
- “é o tom das suas bochechas”: a timidez que a pessoa sente ao se encontrar com o amado.
- “a marca do seu batom na minha alma quando eu te vejo”: refere-se não à marca física do batom, mas à sensação de bem-estar que a visão da amada proporciona.

5) Relacione o título do poema de Vinicius de Moraes, “Rosa de Hiroshima”, com a imagem presente em: <https://br.pinterest.com/pin/573434965024689582/>. Acesso em 30 out. 2022.

- Espera-se que os alunos indiquem chamada de “rosa” em referência ao formato da fumaça da bomba que ficou no céu da cidade de Hiroshima.

6) Após a leitura do verbete rosa no dicionário e o verbete poético de @akapoeta, há algum sentido parecido no poema de Vinicius, ao mencionar a “rosa”? Possivelmente, os

alunos indicarão que não, pois no poema de Vinicius de Moraes “rosa” está associado à destruição numa perspectiva totalmente negativa.

Atividades escritas - Duração: 2 aulas

1) No instapoema, de @akapoeta, a definição de rosa acontece na forma de verbete. Explique como você entendeu as imagens poéticas construídas pelo eu-lírico em:

- a) “é a cor do seu amor”:
- b) “é quando você se veste de jardim”:
- c) “é outubro”:
- d) “é o tom das suas bochechas quando me vê”:
- e) “é a marca do seu batom na minha alma quando te vejo”:
  - As possibilidades seriam:
    - a) “é a cor do seu amor”: metáfora para definir a alegria, o bem-estar, a felicidade acerca do relacionamento amoroso.
    - b) “é quando você se veste de jardim”: a cor rosa que a amada utiliza em suas roupas. A beleza que o eu-lírico vê na amada quando ela está de rosa.
    - c) “é outubro”: refere-se à campanha “outubro rosa” realizada no Brasil e no exterior a fim de promover a conscientização e prevenção precoce do câncer de mama.
    - d) “é o tom das suas bochechas”: a timidez que a pessoa sente ao se encontrar com o amado.
    - e) “a marca do seu batom na minha alma quando eu te vejo”: refere-se não à marca física do batom, mas à sensação de bem-estar que a visão da amada proporciona.

2) Você assistiu ao vídeo e viu imagens acerca da bomba de Hiroshima. Explique os sentidos criados na associação da bomba a uma rosa.

- A referência da bomba atômica a uma rosa deve-se ao formato da fumaça da bomba no céu de Hiroshima, já que a fumaça da explosão ficou no formato de uma rosa.

3) Explique a diferença entre a imagem da rosa no texto de @akapoeta e de Vinicius de Moraes.

- As respostas esperadas são: a rosa no texto de @akapoeta tem um sentido positivo (amor, beleza, paixão); já no texto de Vinicius, rosa tem um sentido negativo (bomba atômica, morte, dor e destruição).

4) No poema de @akapoeta, a palavra “rosa” é um adjetivo. No poema de Vinicius de Moraes “rosa” é também, morfologicamente, classificada como adjetivo? Justifique.

- É substantivo porque nomeia a bomba atômica.

5) A sinestesia caracteriza-se pela mistura de sensações. Explique a presença desse recurso expressivo no verso 8 do poema “Rosa De Hiroshima”, de Vinicius de Moraes.

- Espera-se que o aluno perceba que as “feridas como rosas cálidas” são feridas que ardem e queimam. Há uma associação entre a representação visual e olfativa da rosa à temperatura ardente percebida pelo tato “cálidas”.

6) A aliteração é uma figura de som que consiste na repetição de sons consonantais. Indique o verso em que aparece essa figura e explique o efeito presente nele.

- Trata-se do verso 15. A aliteração do fonema /r/ e do fonema /z/ é evidente em

“rosa com cirrose”. A aliteração nos versos relaciona-se à “Rosa” (vida e beleza que nela há); como também à “ciRRose” que se representa a doença, a morte e a explosão da bomba.

7) Sabendo que exortação é um conselho ou uma advertência do eu lírico, note que o poeta traz algumas exortações no início do poema “Rosa de Hiroshima”. Explique os sentidos delas.

“Pensem nas crianças / Mudadas telepáticas”

“Pensem nas meninas / Cegas inexatas”

“Pensem nas mulheres / Rotas alteradas”

“Pensem nas feridas / Como rosas cálidas”

• Os sentidos possíveis são:

a) “Pensem nas crianças / Mudadas telepáticas”: Refere-se às crianças que ficaram mudas de tanta dor, mesmo sem expressar essa dor e sofrimento, como por telepatia.

b) “Pensem nas meninas / Cegas inexatas”: Refere-se às meninas que ficaram cegas e conseqüentemente inexatas (sem a integridade, não mais inteiras).

c) “Pensem nas mulheres / Rotas alteradas”: Refere-se às mulheres alteradas em virtude da radiação.

d) “Pensem nas feridas / Como rosas cálidas”: Refere-se às feridas causadas pelas queimaduras e que se tornam “cálidas”, quentes.

8) O que você entende das expressões “a rosa radioativa” e a “rosa hereditária”?

• Possivelmente, os alunos dirão que a rosa radioativa refere-se a radioatividade que a bomba de Hiroshima transmitiu e que é hereditária, pois foi transmitida para gerações futuras.

9) No verso “A anti-rosa atômica” qual é o sentido do prefixo “anti”. Explique a imagem construída acerca do verso.

• Os estudantes, certamente, explicarão que o prefixo “anti” tem valor de ausência, pois foi utilizado para indicar que a rosa de Hiroshima representa morte e destruição. Tal “rosa” não possui cor, perfume, nada.

#### Quarta etapa

Nesta etapa, Lopes- Rossi e Renda (2017) sugerem estratégias voltadas para a reflexão e apreciação pessoal e crítica dos poemas. Sendo assim, são propostas algumas atividades orais a fim de que os alunos realizem após as três etapas de leitura dos poemas.

Atividades orais - Duração: 1 aula

1) Formar uma roda de conversa no pátio da escola, se for possível. Caso não seja, realizar em sala de aula.

2) Solicitar aos alunos que manifestem a opinião acerca das poesias; o que mais chamou a atenção nos textos, o que gostaram ou não.

3) Para finalizar, o/a professor/a, fará uma comparação com a turma acerca dos textos lidos e os aspectos presentes em cada um deles, bem como as funções social, cultural e estética presentes nos poemas.

• Como função estética, destaca-se o despertar do prazer estético a fim de que o leitor

experimente diversos sentimentos em contato com o texto. Já a função cultural trata-se da apresentação, por meio da literatura, de características ligadas à organização cultural e à identidade de um grupo social. Por fim, a função social refere-se a textos literários os quais são ferramentas de análise de um contexto social, denunciando situações de marginalização e promovendo reflexões sobre a organização da sociedade.

#### 4 Considerações finais

Considerando a dificuldade que os alunos relatam em compreender textos poéticos, a pouca prática de leitura do gênero poesia nas aulas, bem como a escassez de materiais para o trabalho com literatura e mídias digitais, o presente trabalho teve como objetivo geral propor a construção de um diálogo entre a poesia tradicional e a instapoesia nas aulas de literatura, a fim de contribuir com a formação da competência leitora literária dos estudantes do Ensino Médio.

Dessa forma, é possível afirmar que o objetivo geral da pesquisa foi atingido, já que o estudo bibliográfico apresentado, bem como as propostas de atividades, podem oferecer repertório aos docentes que desejam promover a inserção da instapoesia em sua prática escolar. À vista disso, o desenvolvimento do letramento literário como uma prática de construção de sentidos (PAULINO; COSSON, 2009) visa à ampliação do repertório linguístico e cultural dos discentes.

Nesse horizonte, espera-se que esta pesquisa possa contribuir com os professores de Literatura e Língua Portuguesa no que tange à prática de leitura de poesias e instapoesias, tendo em vista o letramento literário e, conseqüentemente, o digital. A proposta, sendo adotada por um professor, deverá ser adaptada ao seu contexto de ensino, promovendo novas possibilidades de trabalho com o gênero poesia que são inesgotáveis e extremamente significativas.

Sendo assim, a poesia carregada de significados, sensibilidade, conotação e originalidade possibilita inúmeras formas de trabalho que nunca se esgotarão. A cada aula, a cada momento, a cada experiência com o texto poético, novas possibilidades serão construídas pelos estudantes e docentes.

#### Referências Bibliográficas

ALVES, José Hélder Pinheiro. Poesia para jovens leitores. *Revista do GELNE*, v. 4, n. 1, p. 1–7, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9111>. Acesso em: 1 out. 2022.

AMORIM, Marcel. et al. *Literatura na escola*. São Paulo: Contexto, 2022.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. (Trad. Paulo Bezerra), 1ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BIN, Margarete Maria Soares. Poemas na rede. Estudos linguísticos e literários, Salvador, n. 70, p. 598-613, jan./jun, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC/SEB, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_sit e.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_sit e.pdf). Acesso em: 02 mar 2021.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CANI, Josiane Brunetti; COSCARELLI, Carla Viana. Textos multimodais como objetos e ensino: reflexões em propostas didáticas. In: KERSCH, D. F; COSCARELLI, C. V. ; CANI, J. B. (Org.). Multiletramentos e Multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à linguagem. Campinas, SP: Pontes, 2016.

CARNEIRO, Raquel; KUSUMOTO, Meire. Instapoetas, o fenômeno que tirou a poeira da poesia Jovens autores impulsionam o gênero na internet - e na lista de best-sellers. Veja, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/especiais/instapoetas-o-fenomeno-que-tirou-a-poeira-dapoesia/>. Acesso em: 21 abr 2022.

CEREJA, W. R. Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura. São Paulo: Atual, 2005.

COSSON, R. Letramento Literário: uma localização necessária. Letras & Letras, [S. l.], v. 31, n. 3, p. 173–187, 2015.

COSSON, Rildo. Círculos de Leitura e Letramento Literário. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

DÍAZ, Manuel Peña. Revoluções do livro e da leitura: do códice ao hipertexto. Entrevista com Roger Chartier. Revista de Educação, Linguagem e Literatura, v.12, p.1-5, 2020.

DOMINGOS, Ana Karla de Souza Pimenta. Fenômeno instapoesia: ativismo e poesia em Ryane Leão e Rupî Kaur. Dissertação. Mestrado em Letras (Literaturas de Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: [http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras\\_AnaKarlaDeSouzaPimentaDomingos\\_19380\\_Textocompleto.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_AnaKarlaDeSouzaPimentaDomingos_19380_Textocompleto.pdf). Acesso em: 12 fev 2022.

FLORES, Leonardo. Literatura Eletrônica de Terceira Geração. DATJornal, v. 6, n. 1, 2021. Disponível em: <https://datjournal.anhemi.br/dat/article/view/346/265>. Acesso em 07 out. 2022.



LOPES-ROSSI, M. A. G; RENDA, V. L. B. de S. Sequência didática para leitura de poema como contribuição ao ensino de Língua Portuguesa. *Diálogo das Letras, Pau dos Ferros*, v. 06, n. 01, p. 287-303, jan./jun. 2017.

OLIVEIRA, Tâmara Lyz Milhomem de; DIAS, Reinilde. Multimodalidade ontem e hoje nas homepages do Yahoo: trilhando uma análise diacrônica de textos multimodais. . In: KERSCH, D. F; COSCARELLI, C. V. ; CANI, J. B. (Org.). *Multiletramentos e Multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à linguagem*. Campinas, SP: Pontes, 2016.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. (org.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009. p. 61-79.

SILVA, Rubens M. da; TESTA, Eliane C. Análise de propostas do ensino de poesia no livro didático *Português Linguagens*. *Travessias, Cascavel*, v. 13, n. 1, p. 100 – 118, jan./abr. 2019. Disponível em: <http://www.unioeste.br/travessias>. Acesso em 12 ago. 2020.

SNOBL, Rae Elizabeth, *Between the Lines: Reflexive Misogyny and Remediated Forms in a Secret Online Group of Women Poets*. MSU Graduate Theses, 2020. Disponível em: <https://bearworks.missouristate.edu/theses/3582/>. Acesso em 17 nov. 2023.

# Reflexões acerca das atividades de leitura propostas em materiais didáticos do 8º ano do Ensino Fundamental

Gustavo Calvano Cyrino<sup>5</sup>

Ana Cristina dos Santos Malfacini<sup>6</sup>

## RESUMO

Na intenção de estabelecer perspectivas críticas e responsivas à instituição do livro didático na prática escolar de leitura, elegem-se as obras Gramática reflexiva: Oitavo ano e Interpretação de textos 8: Desenvolvendo a competência leitora para a análise, frente a paradigmas pedagógicos, linguísticos e literários, de suas atividades propostas. O desenvolvimento do artigo abrange especialmente nas contribuições de Rildo Cosson (2015) e Marisa Lajolo (2001) ao tópico, autores a partir dos quais se formula ótica que une estética, política e ética.

PALAVRAS-CHAVE: Livro didático; Leitura escolar.

Un livre, dans notre main, s'il énonce quelque idée auguste, supplée à tous les théâtres, non par l'oubli qu'il en cause mais les rappelant impérieusement au contraire. – Stéphane Mallarmé

## 1 Introdução

Não é senão pelo reconhecimento das bases teóricas que baseiam o processo de ensino-aprendizagem que se projeta a formulação de perspectivas críticas da prática docente, cuja contestação ou afirmação afasta-se da arbitrariedade e, mais contundentemente, da reprodução alienada de padrões hegemônicos. Devendo debruçar-se na intelectualidade sob as perspectivas da aplicabilidade e da transmissão, cabe ao professor munir-se de paradigmas que o capacitem para a proteção de suas atribuições, o

---

<sup>5</sup> Bacharel e licenciando em Letras – Português e Suas Literaturas na UERJ. Autor correspondente: [calvanogustavo@gmail.com](mailto:calvanogustavo@gmail.com)

<sup>6</sup> Professora adjunta do Departamento de Língua Portuguesa, Literatura Portuguesa e Filologia do curso de Letras da UERJ. Doutora em Língua Portuguesa pela mesma instituição.

que se configura como condição para a preservação do sentido de seu ofício.

Com isso, sendo a leitura um tópico especialmente focalizado em meio às demais competências escolarizadas, pretende-se discutir a potencial concentração de sua prática em torno do livro didático, em lógica aplicada em série que afasta a responsabilidade do professor do trinômio planejamento-execução-avaliação. Nesse sentido, após e com base no reconhecimento das intercorrências históricas e críticas ligadas ao tema, será analisada a estrutura capitular de Gramática reflexiva: Oitavo ano e de Interpretação de textos 8: Desenvolvendo a competência leitora, ambos materiais voltados ao penúltimo ano do Ensino Fundamental, publicados pelo consórcio editorial Saraiva e assinados por Cereja em parceria, respectivamente, com Vianna e Cleto.

## 2 Desenvolvimento histórico-crítico da questão

No que respeita especificamente à literatura, Cosson (2015, p. 20) recorre à recolha histórica para registrar que, em parte da visão especializada, sua permanência no currículo escolar deve-se à força da tradição do século XIX, período em que esse fazer artístico empregava-se na construção homogeneizadora da identidade que embasaria o Estado moderno. Identificamos, a partir desse reconhecimento, que “a multiplicidade dos textos, a onipresença das imagens, a variedade das manifestações culturais, entre tantas outras características da sociedade contemporânea” (Idem), dadas como concorrentes na economia do autor, são apaziguadas sob o sema do livro didático.

A esse raciocínio soma-se o de Lajolo (2001, p. 65), que argumenta que

Como *linguagem* e como *mercadoria*, obras didáticas identificam-se à fina malha social pela qual circulam e por via da qual se transformam em discurso e interação socialmente. Também como *linguagem*, material didático tem refolhos e avessos, silêncios e entrelinhas [...]. (grifos da autora).

Esses pressupostos, inscritos a partir da consideração de posicionamentos díspares tanto em teor, quanto em prática epistêmica e cronológica – tomem-se como exemplos os relatos de Rui Barbosa e Patativa do Assaré transcritos no decorrer do trabalho da autora, recolhido no volume *Do mundo da leitura para a leitura do mundo* –, revelam que a tipologia dos materiais aqui debatidos deixa entrever, no que respeita ao manejo dos textos<sup>7</sup>, o atendimento a imperativos externos. Se, ao longo do século XX, aplicou-se na construção do Estado republicano a perspectiva de pedagogia das massas, em regime de participação que apoiava a expansão industrial e a construção das cidades cosmopolitas, o cenário pós-globalização exhibe a dissimulação desses pressupostos em prol de uma existência comum, fluida e desterritorializada, construído que entendemos, a partir de ótica marxista, ampliar o cenário de alienação. Se considerado, ainda a esse respeito, o livro

---

<sup>7</sup> Entenda-se por manejo o paradigma que corresponde desde a seleção textual até as indicações do trabalho em sala de aula, em dinâmicas socialmente reguladas.

didático afastado das potências libertadoras do processo ensino-aprendizagem, verifica-se que este participa de rede subjugadora do proletariado, já que

[...] ao considerar o homem como ser prático e social e a práxis como a totalidade das objetivações do ser social, construída e constituinte, Marx funda a alternativa para situar a alienação como fenômeno e problema prático-social. (Netto, 1981, p. 60).

Tomando como factível a dominação da leitura sob um paradigma instrumental e esterilizador, passemos à interpretação da realidade, prática tão cara ao método de Marx, para entender os procedimentos materiais com que os processos aqui criticados ocorrem.

### 3 A respeito de Gramática reflexiva

Já de antemão, é possível perceber, apesar da integração entre leitura e metalinguagem gramatical no mesmo componente na maior parte dos currículos, a segmentação promovida no material em questão a partir da existência de sua contraparte, analisada doravante neste ensaio. Desse modo, ainda que apresentados sob a mediação do mesmo profissional, os textos escolhidos tendem a tomar rumos de apreciação diferentes; neste caso, servem como pretexto para a explanação de classes gramaticais.

Esse ímpeto de separação responde, tendo em vista que as obras são adotadas especificamente na rede privada, à sensação de exclusividade a que as famílias aspiram mediante ao pagamento de mensalidades e materiais. Sob essa ótica, é preferível que os livros não promovam a leitura crítica e profunda, mas que abarquem características funcionais, ou ainda conhecimentos descontextualizados, tidos como úteis tão somente na própria economia da escola e de seus exames. Isso se prova materialmente na página reproduzida na Figura I do Anexo A, na qual o texto proposto serve tão somente ao reconhecimento terminológico, subtraído de sua interface significativa em prol de perspectiva técnica.

Vale ressaltar que, ao longo da obra, pouco aparecem textos literários. Afinada aos juízos próprios da Linguística Textual, a constituição do material revela a concepção de que outros gêneros, como reportagens e artigos, seriam mais apropriados para a discussão da argumentatividade, tendo em vista que esse tópico mescla-se a recursos estéticos no fazer literário, causando certa oposição à objetividade pretendida.

A condução do ensino de língua deve pautar-se pela averiguação dos três níveis que compõem o texto e pela ênfase no fato de que esses níveis [lógico-cognitivo, linguístico e contextual] são integrados e harmonizados pela força *argumentativa* da linguagem. (Gregolin, 1993, p. 25, grifos nossos).

Em última instância, é aplicada, em consonância com os ideias da classe média dissociada de sua condição proletária, a simplificação de que aprender = dominar e, assim, capacitar-se para as demandas externas do mercado de trabalho, exigente apenas da função prática da língua, e os tecnicismos cobrados no exame vestibular, veículo de entrada para

o maior foco de ascensão social horizontal: a universidade.

#### 4 A respeito de Interpretação de textos

Este volume apresenta, por sua vez, maior enfoque no texto literário. As atividades de leitura recaem sobretudo na exploração de autores canônicos, em sua maioria homens brasileiros; as exceções surgem nos textos “O lado efêmero da vida”, de Marina Colasanti, e “Raízes”, de Mia Couto. Na maior parte dos capítulos, seguem-se às propostas textuais iniciais, as quais desembocam em **trabalho tutelado pelo docente em sala de aula**, duas outras seções práticas: **uma atividade de cunho individual**, composta única ou primordialmente de questões objetivas, e outra, afinada à Literatura Comparada, com a **introdução de texto, geralmente de caráter não verbal, cotejada com o primeiro texto apenas no que respeita à temática**. As porções marcadas em negrito estão exemplificadas, respectivamente, nas Figuras 1, 2 e 3 do Anexo B.

Mais detidamente, pode-se perceber, sob a égide da centralidade do papel docente, a transgressão a dois paradigmas: o da colaboração e o da autonomia. Quanto ao primeiro, é necessário considerar que o professor, atarefado pelo excesso de conteúdo a ser abordado, paradigma do qual possui pouco ou nenhum poder de decisão, assume ritmo acelerado de trabalho nas turmas que assume. Entendendo que o livro didático alinha-se com esse modelo de reprodução, similar a padrões industriais e afastado de sistemas artesanais e autênticos de aprendizagem, há primazia da realização individualizada das atividades pelos discentes, o que se confirma com correções apressadas, nas quais a discussão acerca de diferentes pontos de vista é frequentemente substituída pela prática de “dar as respostas”.

Já a respeito do segundo, dê-se como verdadeiro que as hipóteses de leitura, estimuladas principalmente pelas questões dissertativas propostas em sala, são propostas para o teste e julgamento imediatos do professor, que deve ser categórico em classificá-las nos arbitrários de erro e acerto, necessariamente opostos e inconciliáveis. A maior implicação desse processo, na economia de Interpretação de textos, reside na concentração da seção individual em torno de questões objetivas, estando as dissertativas, exigentes de maior destreza e articulação de informações e perspectivas, restritas à tutela imediata docente já mencionada. Tem-se, portanto, bem como em Gramática reflexiva, um panorama de leitura defasado, que, em prol do cumprimento de tecnicismos, deixa de explorar as potencialidades do alunado.

#### 5 Considerações Finais

Tornou-se claro, em face da argumentação empreendida, que os volumes analisados priorizam pressupostos mercadológicos em detrimento de orientações de ensino que reconheçam e aproveitem o caráter profundo da leitura como meio de negociação de sentidos e subjetividades. Distanciando-nos de apaziguar e homogeneizar as experiências, sendo estas fulcrais ao próprio estatuto da comunicação e da arte e, conseqüentemente, à educação informacional e estética, prega-se aqui o paradigma poético de Haroldo de

Campos descrito abaixo.

o que mais vejo aqui neste papel é o vazio do papel se redobrando escorpião de palavras que se reprega sobre si mesmo e a cárie escancárie que faz quando as palavras vazam de seu vazio o escorpião tem uma unha aguda de palavras e seu pontação ferra

o silêncio unha o silêncio uno [...] (Campos, 2004, s.p.)

Não é senão na valorização da esfera intelectual do magistério que se podem criar condições materiais – englobadas aí questões econômicas, relacionais, simbólicas etc. – que se pode estabelecer condições de ensino que valorizem a riqueza das diversas manifestações da cultura escrita e oral, enviesadas sob uma miríade de gêneros e modalidades de veiculação. Trata-se do emprego pleno da leitura na construção da cidadania: a vitória sobre o tédio homogeneizante próprio do capitalismo neoliberal, em construção que não necessariamente rejeita o instrumento do livro didático, mas o considera criticamente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPOS, Haroldo de. Galáxias. São Paulo: 34, 2004. 3. ed.
- CEREJA, William Roberto; CLETO, Ciley. Interpretação de textos 8: Desenvolvendo a competência leitora. São Paulo: Saraiva/Atual, 2017. 2. ed.
- CEREJA, William Roberto. VIANNA, Carolina Dias. Gramática reflexiva: Oitavo ano. São Paulo: Saraiva/Atual, 2019. 5. ed.
- COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2015. 2. ed.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Lingüística textual e ensino de língua: construindo a textualidade na escola. ALFA: Revista de Linguística, Araraquara, v. 37, 1993.
- LAJOLO, Marisa. Livro didático e Língua Portuguesa: parceria antiga e mal resolvida. In: LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Ática, 2001. 6. ed. p. 52- 65.

## ANEXO A: IMAGEM DE GRAMÁTICA REFLEXIVA: OITAVO ANO

Figura 1 - Exploração do tópico de fonética e fonologia

**DE OLHO NA ESCRITA**

**C/ç ou SS?**

Leia o texto:

**E se os neandertais ainda estivessem vivos?**

[...]  
Eles viveram aproximadamente entre 400 e 30 mil anos atrás, principalmente em regiões das atuais Inglaterra, Espanha e França. A principal teoria sobre sua extinção diz que os neandertais foram eliminados pelas mudanças climáticas da última era glacial. Mas há estudos que dizem que guerras com o *Homo sapiens* os extirparam do planeta. Houve uma época em que seis espécies de homínidos habitaram a Terra: *Homo sapiens* ( nós ), *Homo neanderthalensis*, *Homo erectus*, *Homo floresiensis*, *Homo heidelbergensis* e o ainda pouco conhecida *hominídeo de Denisova*. Alguns fósseis de neandertais têm instrumentos de armas foram pacíficos. Se eles ainda existissem, é provável que se fossem com o preconceito. Mas também se relacionariam conosco (o que aconteceu de fato). Isso indica como seria a convivência entre as espécies hoje.

(Espetaculoso, n. 316, p. 54)

1. Responda oralmente: Nas duas primeiras frases do texto, que palavras apresentam o fonema /s/ (som "sá")?
2. Identifique no texto uma ou mais palavras em que o fonema /s/ é representado pelas letras:
  - a) s: \_\_\_\_\_
  - b) ss: \_\_\_\_\_
  - c) c: \_\_\_\_\_
  - d) ç: \_\_\_\_\_
  - e) x: \_\_\_\_\_
  - f) z: \_\_\_\_\_
3. Identifique no texto uma palavra em que a letra s tem som de /z/.
4. Forme uma família de palavras a partir das seguintes palavras do texto:
  - a) pacíficos: \_\_\_\_\_
  - b) espécies: \_\_\_\_\_
  - c) relacionaram: \_\_\_\_\_
  - d) preconceito: \_\_\_\_\_

30 CAPÍTULO 1

ANEXO B: IMAGENS DE INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS 8: DESENVOLVENDO A COMPETÊNCIA LEITORA

Figura 1 - Perguntas direcionadas ao trabalho mediado pelo professor

**capítulo 7**

1. O tema central do texto é:
  - A) a importância das redes sociais na atualidade.
  - B) a velhice e os fatos que habitam a memória.
  - C) a valorização das coisas simples e transitórias da vida.
  - D) a passagem do tempo, que transforma as pessoas e a natureza.
2. Os três primeiros parágrafos estabelecem uma oposição entre diferentes formas de ver e de se relacionar com os fatos da vida.
  - A) Como geralmente as pessoas agem em relação a esses fatos?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
  - B) Em que aspecto o comportamento da narradora difere do comportamento das outras pessoas?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
3. Observe este trecho do texto:
 

**Entre cada gesto consignado às redes sociais ou flagrado pelas câmeras onipresentes, restam ainda largos espaços livres, e frinças, fressas, portais por onde se pode escapar.**


  - A) Que sensação a narradora tem em relação ao modo como vivemos atualmente, cercados pela tecnologia?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
  - B) Que expressões ou palavras do texto justificam a resposta do item anterior?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

96

Figura 2 - Questionário voltado à realização individual

**EXERCÍCIOS**

Leia a tira a seguir, de Luis Fernando Veríssimo, e responda às questões 1 a 3.



(O Estado de S. Paulo, 28/10/2007.)

- No comentário do pai, a palavra ou expressão que sugere que o filho está tendo algum tipo de desenvolvimento é:
  - vocabulário.
  - aumentando.
  - pelo menos.
  - menos o vocabulário.
- A palavra **obsoleto** causa certo estranhamento na fala do garoto. Isso ocorre porque seu emprego é mais comum no registro:
  - informal.
  - formal.
  - regional.
  - das gírias urbanas.
- Na frase "Me chamam de obsoleto", a colocação do pronome oblíquo **me**:
  - está em desacordo com a norma-padrão da escrita, mas de acordo com o português brasileiro coloquial.
  - está de acordo com a norma-padrão da escrita e com contextos que exigem maior formalidade do discurso.
  - está de acordo com o registro oral e formal da língua portuguesa.
  - está em desacordo com o registro informal da língua portuguesa, mas de acordo com o português escrito formal.

103

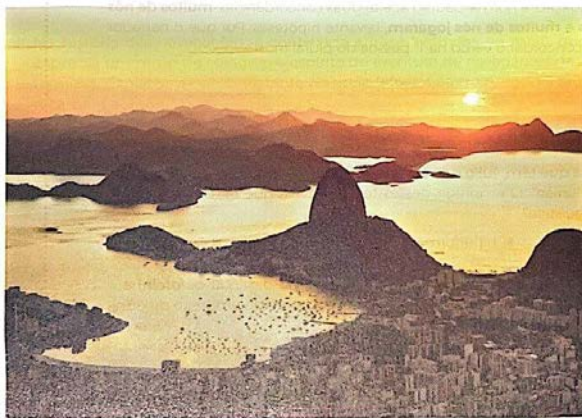
Figura 3 - Seção dedicada à Literatura Comparada, com a introdução de imagens



CAPÍTULO  
6

**Texto e Intertexto**

Observe, a seguir, duas imagens: a primeira é da instalação denominada *Paisagem*, feita pelo artista plástico Vik Muniz; a segunda é uma fotografia da Baía de Guanabara.



86

# A Literatura como formadora crítica: uma análise da implementação do livro *O avesso da pele* nas escolas brasileiras

Victória Presto Nunes Mendes Claudino<sup>8</sup>

Ana Cristina dos Santo Malfacini<sup>9</sup>

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir a implementação de uma literatura política nas salas de aula do Ensino Fundamental e Médio, com foco especial no livro *O Avesso da Pele* de Jeferson Tenório. Para contextualizar e fundamentar essa discussão, serão utilizados dois capítulos do livro *Do Mundo da Leitura Para a Leitura do Mundo* de Marisa Lajolo, intitulados *A Leitura Literária* e *As Aventuras de Ngunga, na Escola e na Leitura*. Ao integrar a perspectiva teórica de Lajolo com a análise da recente polêmica envolvendo o livro *O Avesso da Pele*, pode-se ter uma compreensão mais profunda do papel da literatura nas escolas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura, escola, *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*, *O Avesso da Pele*, Plano Nacional do Livro Didático.

## 1 Introdução

O livro *Do Mundo da Leitura para a leitura do Mundo*, escrito pela autora Marisa Lajolo, explora a importância e os desafios da leitura literária no contexto educacional brasileiro. Ao longo do livro, a teórica oferece uma visão abrangente e reflexiva sobre como a literatura pode ser integrada de maneira significativa no ambiente escolar, promovendo uma educação que vá além do ensino tradicional e contribua para a formação crítica dos estudantes.

No primeiro capítulo do livro, chamado *A Leitura Literária*, Lajolo argumenta que, embora a leitura literária tenha um papel central na formação dos alunos, muitas vezes ela é tratada de maneira inadequada nas escolas. Entre os problemas apontados estão a seleção

---

<sup>8</sup> Licencianda em Letras – Português e Suas Literaturas e na UERJ. Autor correspondente: [victoriapresto21@gmail.com](mailto:victoriapresto21@gmail.com)

<sup>9</sup> Professora adjunta do Departamento de Língua Portuguesa, Literatura Portuguesa e Filologia do curso de Letras da UERJ. Doutora em Língua Portuguesa pela mesma instituição.

limitada e pouco diversificada de obras literárias, que muitas vezes não dialogam com o universo dos alunos, e as práticas pedagógicas que não incentivam uma leitura prazerosa e significativa, mas sim uma abordagem técnica e fragmentada dos textos. O problema da escolha das obras literárias é complexo, e merece atenção:

“[...] talvez o professor seja peça secundária na escola de hoje e, conseqüentemente, sua voz se faça ouvir com timidez no que respeita aos destinos do texto literário em classe. Não parece que o que fazer com o texto literário na sala de aula seja ainda de sua competência. Já faz alguns anos que decidir isso é da competência de editoras, livros didáticos e paradidáticos, muitos dos quais se afirmaram como quase monopolizadores do mercado escolar”  
(Lajolo, 1993, p.14-15)

O trecho acima faz uma crítica à mercantilização da educação promovida por editoras de livros didáticos e paradidáticos, uma vez que os critérios desses setores são mercadológicos, e não pedagógicos. Esses atores do mercado educacional ganharam um grande poder e influência na determinação do currículo escolar e no conteúdo educacional, nesse contexto, os professores não têm a liberdade para escolher as ferramentas adequadas para trabalhar a leitura na sala de aula, ocupando um papel secundário na estrutura escolar.

No oitavo capítulo, intitulado *As Aventuras de Ngunga*, na escola e na leitura, Marisa Lajolo examina a obra *As Aventuras de Ngunga* do autor angolano Pepetela e discute sua importância e utilização nas escolas. O livro de Pepetela narra a história de um menino que se torna um herói ao lutar pela liberdade de seu país durante a guerra de independência de Angola. A narrativa é rica em elementos culturais e históricos, oferecendo aos leitores uma compreensão mais profunda das lutas e dos valores do povo angolano.

Lajolo explora como "*As Aventuras de Ngunga*" pode ser introduzido e trabalhado no ambiente escolar, destacando a relevância de usar obras literárias que abordam contextos históricos e sociais diversos para enriquecer a experiência educacional dos alunos. A autora propõe diversas metodologias para abordar o livro em sala de aula, sugerindo atividades que vão além da simples leitura, como debates, pesquisas sobre a história de Angola e projetos interdisciplinares que conectem a literatura com outras áreas do conhecimento. Ela enfatiza a importância de uma abordagem pedagógica que incentive a reflexão crítica e a empatia dos alunos em relação aos temas tratados na obra.

Ambos os capítulos apresentados acima discutem os critérios essenciais para a escolha de obras literárias no ambiente escolar, enfatizando a importância de considerar a diversidade cultural e a relevância temática para os alunos. Marisa Lajolo, em "*As Aventuras de Ngunga, na Escola e na Leitura*", destaca que a seleção de textos literários deve refletir a pluralidade de experiências e realidades vividas pelos estudantes, promovendo uma identificação e engajamento mais profundos.

Com este panorama posto, poder-se-ia pensar na recente polêmica envolvendo a inclusão do livro "*O Avesso da Pele*" no currículo escolar. A controvérsia em torno do livro ilustra um conflito maior sobre os objetivos da educação literária. Por um lado, há

aqueles que defendem uma educação que perpetua a neutralidade e evita confrontar temas sociais sensíveis, preferindo textos que mantenham os alunos em uma posição de passividade. Por outro lado, há uma crescente demanda por uma educação que reconheça e aborde as complexidades da sociedade, utilizando a literatura como ferramenta para despertar a consciência crítica e promover a justiça social.

## 2 Desenvolvimento

O *Avesso da Pele* é um romance de Jeferson Tenório que explora questões de racismo, identidade e relações familiares no Brasil contemporâneo. A história é narrada por Pedro, que reconstrói a vida de seu pai, Henrique, um professor negro assassinado pela polícia. Ao mergulhar nas memórias e vivências do pai, Pedro revela a complexa realidade enfrentada pelos negros no Brasil, marcada por preconceito, violência e luta por reconhecimento.

Jeferson Tenório utiliza uma narrativa sensível e profunda, intercalando lembranças e reflexões de Pedro com episódios da vida de Henrique. A escrita é marcada pela riqueza de detalhes e pela construção cuidadosa dos personagens, que ganham vida através de suas experiências e emoções. *O Avesso da Pele* é uma obra poderosa e necessária, que não apenas conta uma história pessoal, mas também oferece uma reflexão crítica sobre as injustiças sociais e raciais no Brasil.

O romance "*O Avesso da Pele*" conquistou o Prêmio Jabuti em 2021 e, no ano seguinte, foi selecionado para integrar o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), o que mostra uma iniciativa crucial do Estado para ampliar o debate sobre o racismo na sociedade brasileira. A inclusão de obras que abordam essa temática, no PNLD, desempenha um papel fundamental na formação de jovens mais conscientes e capazes de analisar criticamente a realidade em que vivem, munindo-os para enfrentar e combater o racismo em suas múltiplas manifestações.

Pensando nos apontamentos de Lajolo, a leitura de obras como *O Avesso da Pele* na escola oferece aos estudantes acesso a vozes e perspectivas dissonantes, que são, muitas vezes, marginalizadas nos currículos tradicionais. Isso contribui para um ambiente educacional mais inclusivo e representativo, onde os alunos podem não apenas explorar diferentes narrativas literárias, mas também podem se identificar com as vivências narradas, tornando a leitura mais significativa. Lajolo argumenta que a identificação com as histórias lidas é essencial para a formação de uma consciência crítica e para o desenvolvimento de empatia e compreensão entre os estudantes.

Apesar da importância e urgência dos temas que atravessam a narrativa do romance, uma parcela significativa da sociedade considerou a implementação da obra inapropriada por sua linguagem, classificada por uma diretora do Rio Grande do Sul como "de baixo nível". Algumas das críticas traziam cenas sexuais retiradas de seu contexto original para justificar a censura ao livro. É importante pontuar, no entanto, que a implementação do livro seria, unicamente, para os alunos do Ensino Médio, e, portanto, as crianças pequenas não teriam acesso a ele. Os trechos, cuja avaliação fosse negativa, seriam retirados e

adaptados ao contexto escolar, o que não provocaria mudanças significativas na narrativa, como está previsto nas diretrizes do MEC.

A maneira clara e densa com que Jeferson Tenório retrata situações cotidianas de racismo choca e incomoda uma parcela da população que não deseja confrontar a realidade brasileira. Essa resistência pode ser entendida à luz das ideias de Patrícia Hill Collins e Paulo Freire sobre a formação de um pensamento crítico.

Freire, em sua crítica à educação bancária, argumenta que esse modelo exige que os alunos aceitem acriticamente e, assim, reproduzam o lugar que lhes foi atribuído na hierarquia social. Collins (2021) complementa essa visão ao afirmar que a manutenção do status quo muitas vezes depende de uma educação que desencoraja o pensamento crítico. A leitura de "O Avesso da Pele" desafia essa dinâmica ao encorajar os estudantes a questionarem as estruturas racistas da sociedade brasileira, algo que contraria os interesses de quem se beneficia dessas estruturas.

A tentativa de proibição do livro pode ser vista, portanto, como uma estratégia para evitar o desconforto e o confronto com uma realidade dolorosa, mas necessária de ser enfrentada. A obra de Tenório não apenas expõe as injustiças e desigualdades presentes no cotidiano, mas também promove uma educação que empodera os jovens a serem agentes da transformação. Esse potencial transformador da literatura é precisamente o que torna a sua inclusão no currículo escolar tão crucial, e simultaneamente, tão ameaçadora para aqueles que preferem a perpetuação de um sistema desigual.

Assim, a resistência à implementação de "O Avesso da Pele" no plano educacional reflete uma disputa maior sobre que tipo de educação queremos promover: uma que perpetua a passividade e a aceitação das desigualdades, ou uma que desperta a consciência crítica e a luta por justiça social. Portanto, a inclusão de "O Avesso da Pele" no PNLID vai além de uma simples escolha curricular; é uma declaração de compromisso com uma educação que busca a transformação social. Ela desafia a perpetuação da passividade e da aceitação das desigualdades, promovendo uma educação que desperta a consciência crítica e encoraja a luta por justiça social. Em alinhamento com as ideias de Marisa Lajolo, essa iniciativa representa um passo significativo em direção a uma educação mais inclusiva, diversificada e comprometida com a transformação da sociedade.

### 3 Conclusão

Para concluir, a adoção do livro "O Avesso da Pele" nas escolas brasileiras representa não apenas uma expansão do repertório literário dos estudantes, mas também um avanço na promoção de uma educação que valoriza a diversidade, a crítica social e a consciência histórica. Marisa Lajolo, em seu trabalho seminal, ressalta a importância de uma educação literária que vá além da simples instrução formal, estimulando os alunos a refletirem profundamente sobre as questões que permeiam suas vidas e suas comunidades.

Ao trazer "O Avesso da Pele" para o ambiente escolar, as instituições educacionais não apenas oferecem aos estudantes uma narrativa rica e complexa sobre as realidades contemporâneas do Brasil, mas também os desafiam a confrontar questões como o racismo, a marginalização e as lutas por identidade e reconhecimento. A obra de Jeferson

Tenório não apenas conta uma história, mas também proporciona um espaço para que os alunos possam explorar diferentes perspectivas, ampliando sua compreensão do mundo ao seu redor.

Além disso, a inclusão de "O Averso da Pele" no Programa Nacional do Livro Didático demonstra um compromisso com uma educação inclusiva e plural, que reconhece a importância de representar a diversidade cultural e social do Brasil. Isso não apenas enriquece o aprendizado dos estudantes, mas também os prepara para se tornarem cidadãos críticos e engajados, capazes de contribuir positivamente para uma sociedade mais justa e equitativa.

Portanto, ao relacionar essa adoção com as ideias de Marisa Lajolo, podemos afirmar que a literatura, quando escolhida criteriosamente e incorporada de maneira significativa no currículo escolar, se torna uma poderosa aliada na formação integral dos alunos. Ela não só desperta o interesse pela leitura e pela reflexão crítica, mas também fortalece o senso de empatia e entendimento das complexidades do mundo contemporâneo. Assim, a inclusão de "O Averso da Pele" não é apenas uma decisão pedagógica, mas um passo afirmativo na construção de uma educação que prepara os jovens para enfrentar os desafios e contribuir para um futuro mais justo e inclusivo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Lajolo, Marisa. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1993.

Collins, Patricia Hill. *Interseccionalidade*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

Tenório, Jeferson. *O avesso da pele*. 1ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2020

Santos, Emily. 'O avesso da pele', livro que debate racismo, é censurado em escolas de 3 estados por reação equivocada ao conteúdo, alertam especialistas. G1, São Paulo, 08 mar. 2024. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/03/08/o-avesso-da-pele-livro-que-debate-racismo-e-censurado-em-escolas-de-3-estados-por-reacao-equivocada-ao-conteudo-alertam-especialistas.ghtml>> Acesso em: 08 jul. 2024.



*Relatos Historiográficos*

# Poesia: Resistência e conquista de espaços em Volta Redonda

Regina Vilarinhos<sup>10</sup>

## RESUMO

Este texto é um relato pessoal sobre a produção poética na cidade de Volta Redonda sob a ótica de quem vivenciou os movimentos de poesia descritos.

**Palavras-chave:** Poesia; Volta Redonda; Monumento; Praça Brasil; Volta Redonda.

A arte poética nos oferece a negativa da dor, nos dá o bálsamo para a alma. A poesia emite um grito coletivo. Quem a ouve se delicia como um vinho na taça. Quem a declama faz oração, conecta com o belo e proclama sua arte. Para que a poesia seja elemento presente, o poeta tem que se fazer presente ao seu tempo. Somos responsáveis e precisamos escrever, declamar, gravar e expor nossos poemas, em todos os suportes que nos forem oferecidos. Se não nos oferecem o espaço, nós o abrimos seja através de sarau, sites colaborativos, panfletos poéticos, antologias, produção independente e tantas outras maneiras que temos de divulgar-nos.

Volta Redonda é um celeiro de escritores e escritoras, poetas e apaixonados pela escrita. Já disse isso uma vez. Temos talentos mil. Desde que comecei a divulgar as minhas poesias e de outros poetas locais, eu juntei o sobrenome SARAU ao meu Vilarinhos.

Sei que na década de 80, tínhamos eventos do GLAN- Grêmio Literário de Autores Novos, eventos do grupo da Professora Emiliana Casagrande e alguns sarau feitos no improviso, por poetas do mimeógrafo. Minha disposição se evidenciou no começo de 2004, quando ainda existia a Galeria do Sendas e o Cyber Café, que nos deu espaço para um sarau às quartas-feiras. Um começo tímido, junto com Anielli Carraro, feito aos trancos e barrancos, pedindo licença aos músicos que ali tocavam para inserir poesia naquelas noites. Joe Sany e Serginho Brothers, mais Eliton e André foram os primeiros a nos ceder microfones e, assim, começamos o Fábrica do Poema.

Dali, partimos para o bar do Genner e firmamos as noites de quarta-feira como Sarau Fábrica do Poema, junto com o poeta e jornalista Rastero. Fizemos um momento único na cidade,

---

<sup>10</sup> Poeta, membro efetivo da AVL, ocupa a cadeira número 04. Contato [reginavilarinhos@yahoo.com.br](mailto:reginavilarinhos@yahoo.com.br)



movimentando muitos músicos, poetas, escritoras, amantes do livro, intelectuais e operários, em torno da poesia. Tiveram outros eventos paralelos, por ali e no Aterrado, feitos por outros poetas, mas que não tinham um calendário fixo.

Eu deixei o movimento e fui fazer faculdade; algumas vezes, fazendo parte de feiras como a FLIP, e outras pela nossa região.

Já em 2012, com a Toca do Arigó, o Poesia em Volta veio para dizer que poesia é arte sim senhor! Felipe Fox me convidou para usar o espaço e eu amo as quartas-feiras (Yansã sempre me abençoou). Chamei de volta Anielli e juntamos o Giglio, formando o Poesia em Volta. Sempre temático, nós apresentávamos nossos escritos e abríamos o microfone para o que passou a se chamar a Fila da Poesia, dada a quantidade de pessoas que se dispunham a abrir o coração e expandir o universo de poetas ali presentes. Isso se fez até meados de 2013. Depois o Giglio se juntou com o Dio Costa e começou o Cirkunlóquios, ali mesmo na Toca. O Sarau à Moda da Casa é mais recente e eles faziam no Café Premium, de volta ao Beco da Cultura. Quando o Giglio foi para Angra, o Dio tocou o sarau sozinho, chamando mais poetas para o evento.

Era o ano de 2016. No Literarte Café, tinha os saraus comandados pela Valéria Rezende, às quintas-feiras. Ela juntava Giglio, Lianto Segreto, Dio Costa, Vinícius Brandão e um grande grupo de estudantes universitários. Ficava sempre movimentado. A poeta Renata Orlandi, fez o “Sarau da Rê”, no Resenha Beer, em 2023. Reunia música e poesia. Ambos os bares no Aterrado.

O Aterrado é bairro boêmio, bairro caminho, bairro ponte. Na década de 80, a concentração de bares era conhecida como Baixo Aterrado. Isso tudo acabou, a cidade cresceu e o público dos bares também. Acho que por isso não é tão fácil de termos saraus hoje.

Como falar de poesia e arte na nossa Cidade do Aço, cercadas de chaminés, asfalto, pó cinza e desinteresse imenso pelo livro e leitura? Como ser poeta no caos urbano de hoje? Como falar de leitura, quando se fala em censuras de livros, escolas fechadas em dias de conflitos polícia x milícia x tráfico nas comunidades urbanas?

Temos um novo conceito de informação hoje que nos favorece a procura e a oferta de todo tipo de arte. Dessa forma, colocamos o leitor e o editor integrados do que fazemos. Construimos nosso caminho e vamos alimentado, uma hora ele poderá nos levar além do que imaginávamos. E não serão as críticas despreparadas que derrubarão o trabalho de quem quer que seja.

# Hildegardo, o escultor do monumento da Praça Brasil: uma breve introdução

Wilson César T. Pinto<sup>11</sup>

## RESUMO

Quem foi Hildegardo? Este breve escrito tem por objetivo jogar luz sobre o escultor, cujo nome encontra-se “esquecido” no pedestal das estátuas que habitam a Praça Brasil, em Volta Redonda (RJ), bem como na história da escultura brasileira. Trata-se de um artista que nos convida a olhar para a cidade, pouco pesquisado, de biografia rasa, refém da equivocada atribuição à sua participação na Semana de Arte Moderna de 1922 como sendo suficiente para classificá-lo. Espera-se contribuir para não incorreremos no erro de reduzi-lo a isso ou àquilo, pois sempre haverá descobertas nos meandros da trajetória de um artista.

**Palavras-chave:** Hildegardo Velloso; Monumento; Praça Brasil; Volta Redonda.

## UM INÍCIO PROMISSOR

Quem chega à Rua Primeiro de Março, na Praça XV, no Rio de Janeiro, não consegue se esquivar do encanto e da beleza do Palácio Tiradentes, inaugurado em 1926. Encontra-se nele uma parte significativa da memória política do país.<sup>1</sup> Superando sua função original, o objeto reserva ao leitor-observador o consumo de sua arquitetura e as tantas obras de arte que compõem a edificação. Em vista de erguê-lo, à época, com redução de custos, “toda a estrutura é de concreto e tijolo. Até as estátuas são de massa”.<sup>2</sup> Sobre essas últimas, há dois conjuntos que residem na parte superior da fachada frontal, cada qual em uma extremidade. Trata-se da estatuária que representa a Independência, à esquerda de quem se coloca de frente para o Palácio; e, à direita, aquela que representa a República. Produzidas entre 1922 e 1926, a feitura é creditada a Hildegardo Leão Velloso (1899–1966).<sup>3</sup> Pode-se considerá-las como duas das principais obras realizadas por ele, então com 27 anos (ou pelo menos, ao que parece, como integrante do projeto, já que há outros dois artistas envolvidos nele),<sup>4</sup> e das principais para o Estado, em termos de visibilidade pública e importância histórica. O consumo de cada estátua que integra o conjunto é afetado pela distância do observador. Se

---

<sup>11</sup>Designer gráfico, licenciado em Artes Visuais. Contato: cesarwilsonpinto@gmail.com

não fosse pelos recursos fotográficos e as narrativas que nos aproximam, a experiência estética não se prolongaria ali. Em Volta Redonda (RJ), Hildegardo está bem mais “próximo” de nós. Veremos isso mais adiante.

Na escultura *Marinheiro*,<sup>5</sup> de 1929, de apenas 28 cm, Hildegardo Leão Velloso, então com 30 anos, mostrava uma dramaticidade bem distante da monumentalidade que o notabilizou e que o fez ser “esquecido”. Um jovem com a cabeça baixa e inclinada, ombros caídos, quadril levemente jogado para a direita onde é possível visualizar o chapéu (caxangá) logo abaixo da cintura, próximo a romper com a ponta dos dedos que o mantêm preso à lateral da perna. A postura é de quem vai se distanciando — no instante capturado pelo escultor — dos princípios e costumes da tradição militar, num movimento posterior a uma missão cumprida ou tristeza, talvez. Um marinheiro se entregando ao cansaço. Velloso exerceu grata liberdade na feitura dessa pequena obra, revelando sentimentos num corpo que “fala” por meio da vulnerabilidade. Desprovido do imperativo conservador que o acompanharia, rompia ali com a rigidez formal acadêmica e a imponência heroica exigidas pelas encomendas que recebia do Estado, ao compará-la, por exemplo, ao monumento em homenagem ao patrono da Marinha do Brasil, o Almirante Tamandaré,<sup>6</sup> de 1937, residente na praia de Botafogo, no Rio de Janeiro.

#### O ARTISTA E SUAS ESCOLHAS

As duas obras citadas acima nos permitem refletir sobre escolhas. O que leva um artista a seguir por esse ou aquele caminho estético? À época do falecimento do escultor, o crítico de arte e também artista Quirino Campofiorito (1902-1993),<sup>7</sup> em sua coluna no periódico *O Jornal*, ressaltou que a obra de Velloso “[...] apesar de se filiar a uma corrente que agora diríamos acadêmica, [...] tem, dentro do panorama brasileiro [...] uma medida de contemporaneidade”.<sup>8</sup> Ele ainda aponta mudanças identificáveis na obra do escultor:

[...] Até a década de trinta, aparecia entre aquelas dispostas a diferenciar-se muito da rotina que caracterizava nossa escultura até então, muito agarrada a formulários escolares. [...] Também rompe no grupo comum, para aparecer com intenções marcadamente dispostas a chegar a novas possibilidades para a expressão escultórica, embora sem desejo algum de abandonar o que se pode denominar de concepção figurativa.<sup>9</sup>

Com essa crítica, Campofiorito nos dá pistas de que Velloso

[...] com o tempo [...] teve amortecido seu maior e decidido entusiasmo inicial, mas assim mesmo se conservou numa linha adiante daquele carrancismo conservadorista que se atirou contra a revolução modernista da década de vinte [...].<sup>10</sup>

Isso alimenta a teoria de que o jovem prodígio discípulo de Rodolfo Bernardelli (1852-1931),<sup>11</sup> que participou da Semana de Arte Moderna de 1922, se distanciara de uma possível liberdade autoral de início de carreira para seguir o rigor técnico e estético acadêmico, imerso em uma “memória oficial”.<sup>12</sup> Seu nome é visto em diversos concursos promovidos pelo Estado. Essa relação subordinada nos remete ao período medieval, onde se via a Igreja fazendo uso da arte como veículo edificador. O papa Gregório Magno, no século VI, dizia que “a pintura poderia fazer pelo analfabeto o que a escrita fazia pelos que sabiam ler”.<sup>13</sup> Fins didáticos para “ensinar” o sagrado e seus preceitos ao povo. Um processo de domesticação? Ainda que haja beleza e potência no encontro entre técnica e matéria, o artista está a serviço de um ideal (seja dele ou de terceiros). Pode ser de matriz religiosa, política, econômica, social, um manifesto ou ativismo. Tal ideal influencia a solução estética, a mensagem, o modo de expor e a percepção da obra. Aproximar-se do artista é, portanto, analisar a ênfase dessa subordinação. No caso de Velloso, a produção monumental evidencia sua fidelidade.

#### ENTRE O TRADICIONAL E O MODERNO

Permitir-se “novas possibilidades” ou abdicar-se delas? Nas obras abordadas aqui prevaleceu a segunda, embora haja em algumas delas um prenúncio do que se pode chamar de “transição”. Isso porque, segundo Annateresa Fabris, em *Fragmentos urbanos: representações culturais*,<sup>14</sup> ao confrontar o Monumento a Pinheiro Machado, de 1931, com o Monumento ao Almirante Tamandaré, de 1937, ela os insere num período que chamou de “transição da escultura brasileira”. Ou seja, entre o estilo tradicional e o moderno. A autora diz que, a partir da década de 1930, é possível observar outras soluções para o uso do pedestal, de modo que este permitiu formas mais lineares aos monumentos, embora não em sua totalidade. Isso imputa ao período um caráter de “transição”, já que o uso de alegorias como suporte ao protagonismo da figura humana ainda era recorrente, o que impedia um rompimento com o “classicismo”.<sup>15</sup> Fabris credencia o uso desses “elementos heterogêneos nos monumentos”<sup>16</sup> como os responsáveis pela “[...] impossibilidade da existência de uma concepção moderna de escultura no Brasil da primeira metade do século XX”,<sup>17</sup> pois o apego pelos “[...] estilos e formas do passado [...] continua sendo um dos fundamentos de uma concepção tradicional”.<sup>18</sup> Ela aponta para um “novo classicismo”.

Ainda que tenha participado da alvorada do “modernismo” no Brasil, Velloso não pode ser classificado como um de seus fiéis representantes. É possível observar essa “transição” em Volta Redonda. A horizontalidade do conjunto escultórico e o rebaixamento do pedestal são duas características, dentre outras, que nos aproximam não somente das estátuas, mas também da história da escultura brasileira. Por tais qualidades, podemos considerar o monumento da Praça Brasil uma das principais obras de arte em espaço público do país.

Se a Igreja não afetava Velloso, a prevalência do Estado seria evidenciada com cada vez mais ênfase, como no baixo-relevo em que representa a Glória Militar e a Apoteose à Bandeira,<sup>19</sup> vencedor do concurso para ornamentação do Palácio Duque de Caxias, em 1942, segundo o site “O Rio que o Rio não vê”.<sup>20</sup> Em 1943, também no Rio de Janeiro, foi inaugurado na Esplanada do Castelo, o Monumento ao Barão do Rio Branco.<sup>21</sup> Concebido pelo escultor francês Félix Charpentier, e em virtude do seu falecimento, uma comissão foi instituída pelo

Governo para concluir e adaptar o projeto que se encontrava parado por décadas. Em 1939, Velloso foi nomeado como escultor responsável, reproduzindo em bronze a escultura do Barão, já criada em mármore por Charpentier.<sup>22</sup> Há um fato interessante aqui que aproxima Velloso de Getúlio. Segundo o Diário de Notícias, em “[...]11 de novembro de 1939, o chefe do Governo [...] visitou no atelier do escultor Leão Velloso as seis ‘maquetes’, escolhendo o modelo do monumento [...]”.<sup>23</sup> Tal “encontro” se repetiria anos depois ao ser escolhido para ser o escultor responsável pelo monumento em homenagem a Getúlio Vargas e aos Metalúrgicos, em Volta Redonda.

A última obra dessa breve introdução reside na cidade de Laguna (SC). Trata-se do Monumento aos Trabalhadores do Carvão,<sup>24</sup> de 1944. Valmir Guedes, escritor local, coloca que “a homenagem foi também ao presidente Getúlio Vargas, que havia assinado em [...] 1939 [...] a criação do Porto Carvoeiro da Laguna”.<sup>25</sup> Há conexões com Volta Redonda. Guardadas as devidas proporções, além do uso de componentes semelhantes (obelisco, baixo-relevo, representação de Getúlio, alegorias), o Porto alimentava os “navios carvoeiros ligados principalmente à Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) [...]”.<sup>26</sup>

#### UM HOMEM DE INSTITUIÇÕES

Hildegardo Leão Velloso<sup>27</sup> fora fiel ao “classicismo”, segundo o acadêmico Peregrino Júnior, em nota de falecimento do escultor.<sup>28</sup> Entusiasta do bronze, Velloso exaltou essa forma de produzir na tese “A técnica e a matéria na escultura”,<sup>29</sup> para o concurso da cadeira de escultura da Escola Nacional de Belas Artes, em 1949, no Rio de Janeiro, ao dizer que o bronze “[...] oferece a possibilidade de variar a fatura [...] desde o monumental até o do mais delicado labor. Seu campo é vasto para a sensibilidade do artista”.<sup>30</sup> Pode-se variar a “fatura”, entretanto, para onde essa “sensibilidade” o levará? Ou, talvez, quanto lhe será permitido avançar além da técnica e do bronze?

Homem de instituições, acadêmico com presença constante em círculos da alta sociedade carioca,<sup>31</sup> é evidente que se notabilizou a serviço do Estado. Casou-se aos 25 anos com Lygia Darcy,<sup>32</sup> filha de James Darcy (à época presidente do Banco do Brasil).<sup>33</sup> Foi professor de Ensino Técnico;<sup>34</sup> ocupou cargo na Secretaria de Educação do Rio de Janeiro;<sup>35</sup> foi Livre-Docente na Escola Nacional de Belas Artes;<sup>36</sup> membro da Comissão Nacional de Belas Artes;<sup>37</sup> dirigente da Academia Brasileira de Artes<sup>38</sup> e professor do Instituto Municipal de Belas Artes da Guanabara.<sup>39</sup> Manteve residência e ateliê na rua Gen. Polidoro, 284, no bairro Botafogo, Rio de Janeiro, cidade que o adotara e para a qual produziu e deixou um significativo legado. Autor de 80 mausoléus de Presidentes da República e de Ministros de Estado, encerrou sua jornada aos 67 anos, no dia 20 de outubro de 1966.<sup>40</sup>

Ao “encontrar” este escultor, não incorra no erro de reduzi-lo a isso ou àquilo, pois sempre haverá descobertas nos meandros de sua trajetória. Cada deslocamento, cada aproximação é um movimento em direção a novas leituras a respeito de sua obra.

## NOTAS:

- 1 PALÁCIO TIRADENTES. Através da história. Disponível em: <<https://www.palaciotiradentes.rj.gov.br/>>. Acesso em: 03 maio 2024.
- 2 PALÁCIO TIRADENTES. Linha do Tempo. Disponível em: <<https://www.palaciotiradentes.rj.gov.br/>> . Acesso em: 03 maio 2024.
- 3 PALÁCIO TIRADENTES. Detalhes de um Palácio: a Independência e a República. Disponível em: <<https://www.palaciotiradentes.rj.gov.br/>>. Acesso em: 03 maio 2023; Por Dentro do Palácio — Carros Alegóricos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qkUcpgR9utQ>> . Acesso em: 03 maio 2024.
- 4 “O EDIFÍCIO da Camara e a arte nacional”. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 19 ago. 1924, p. 5. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015\\_04&pagfis=31169](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_04&pagfis=31169)>. Acesso em: 03 maio 2023; ver também Por Dentro do Palácio — Semana de Arte Moderna de 1922. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=bkEsi952\\_gM](https://www.youtube.com/watch?v=bkEsi952_gM)> . Acesso em: 03 maio 2023.
- 5 ESCRITÓRIO DE ARTES MIGUEL SALLES. Hildegardo Leão Velloso: escultura Marinheiro, 1929. Disponível em: <<https://www.miguelsalles.com.br/peca.asp?ID=2412359>> . Acesso em: 20 ago. 2021.
- 6 INVENTÁRIO DOS MONUMENTOS RJ. Almirante Tamandaré. Disponível em: <<https://monumentos.rio.br/id/E337/>>. Acesso em: 26 jul. 2024.
- 7 QUIRINO Campofiorito. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa146/quirino-campofiorito>>. Acesso em: 13 jun. 2023. Verbete da Enciclopédia. Campofiorito, Quirino.
- 8 CAMPOFIORITO, Quirino. “O escultor Hildegardo Leão Veloso”. O Jornal, Rio de Janeiro, 25 out. 1966. 2º Caderno, p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523\\_06&Pesq=%22Hildegardo%20Le%20a3o%20Veloso%22&pagfis=54563](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&Pesq=%22Hildegardo%20Le%20a3o%20Veloso%22&pagfis=54563)> . Acesso em: 22 ago. 2021.
- 9 Ibid.
- 10 Ibid.
- 11 RODOLFO Bernardelli. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22066/rodolfo-bernardelli>>. Acesso em: 13 jun. 2023. Verbete da Enciclopédia.

12 FERNANDES, Marlene. Volta Redonda: imaginários, memórias e identidades. 2001. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) — Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2001, pp. 82-84. A “[...] obra foi iniciada em 2 de fevereiro de 1954, sob a coordenação de Hildegardo Leão Velloso [...]. O monumento foi inaugurado em 27 de janeiro de 1957 com a presença do presidente Juscelino Kubitschek [...]. As placas de inauguração registram a data de 24 de janeiro de 1957”.

13 PERIGO, Katiucya. Artes visuais, história e sociedade: diálogos entre a Europa e a América Latina. 1a . ed. Curitiba: Intersaberes, 2020, p. 46.

14 FABRIS, Annateresa. Fragmentos urbanos: representações culturais. São Paulo: Studio Nobel, 2000, p. 149.

15 Entende-se como retorno aos elementos estéticos da Antiguidade Clássica.

16 FABRIS, op. cit.

17 Ibid.

18 Ibid.

19 LEITE, Luiz Eugenio. “Ornamentação Arquitetônica na cidade do Rio de Janeiro: baixos-relevos do Palácio Duque de Caxias”. O Rio que o Rio não vê, 2013. Disponível em: <<https://orioqueorionaove.com/2013/01/25/baixos-relevos-do-palacio-duque-de-caxias/>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

20 Ibid.

21 “MONUMENTOS da Cidade”. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 23 jul. 1944, p. 03. Disponível em: <[https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=093718\\_02&Pesq=%22Monumento%20ao%20Bar%20do%20Rio%20Branco%22&pagfis=19462](https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=093718_02&Pesq=%22Monumento%20ao%20Bar%20do%20Rio%20Branco%22&pagfis=19462)>. Acesso em: 01 set. 2021.

22 “MONUMENTOS da Cidade”. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 23 jul. 1944, p. 04. Disponível em: <[https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=093718\\_02&Pesq=%22Monumento%20ao%20Bar%20do%20Rio%20Branco%22&pagfis=19463](https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=093718_02&Pesq=%22Monumento%20ao%20Bar%20do%20Rio%20Branco%22&pagfis=19463)>. Acesso em: 01 set. 2021.

23 Ibid.

24 GUEDES, Valmir. “O Monumento aos Trabalhadores — Lugar de memória”. Blog do Valmir Guedes, 2021. Disponível em: <<http://www.valmirkuedes.blogspot.com/2021/03/o-monumento-aos-trabalhadores-lugar-de.html>>. Acesso em: 01 set. 2021.

25 Ibid.

26 Ibid.

27 HILDEGARDO Velloso. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa284290/hildegardo-veloso>>. Acesso em: 13 jun. 2023. Verbete da Enciclopédia.

28 “PEREGRINOS dão adeus a escultor”. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 22 out. 1966. 1º Caderno, p. 9. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842\\_07&pesq=HILDEGARDO%20LE%C3%83O%20VELOSO&pagfis=75839](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_07&pesq=HILDEGARDO%20LE%C3%83O%20VELOSO&pagfis=75839)>. Acesso em: 22 ago. 2021.

29 VELLOSO, Hildegardo Leão. A técnica e a matéria na escultura. 1949. Tese (Livre Docência) — Escola Nacional de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1949. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/10805>>. Acesso em: 26 fev. 2021.

30 Ibid, p. 13.

301 “VIDA Social. Aniversários”. O Paiz, Rio de Janeiro, 17 out. 1925, p. 7. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691\\_05&pagfis=22965](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_05&pagfis=22965)>. Acesso em: 25 ago. 2021.

32 “NOTICIÁRIO Elegante”. Revista da Semana, Rio de Janeiro, 05 abr. 1924, p. 26. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=025909\\_02&pesq=%22Hildegardo%20Le%C3%A3o%20Velloso%22&pasta=ano%20192&pagfis=6766](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=025909_02&pesq=%22Hildegardo%20Le%C3%A3o%20Velloso%22&pasta=ano%20192&pagfis=6766)>. Acesso em: 25 ago. 2021.

33 “NOTAS Sociais. Baptisados”. O Imparcial, Rio de Janeiro, 17 out. 1926. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=107670\\_02&pesq=%22Hildegardo%20Le%C3%A3o%20Velloso%22&pasta=ano%20192&pagfis=28466](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=107670_02&pesq=%22Hildegardo%20Le%C3%A3o%20Velloso%22&pasta=ano%20192&pagfis=28466)>. Acesso em: 25 ago. 2021.

34 “PREFEITURA. Padrão ‘O’ para os professores de ensino técnico”. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 10 maio 1950. 2ª Secção, p. 3. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842\\_06&Pesq=%22Hildegardo%20Le%c3%a3o%20Velloso%22&pagfis=2523](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_06&Pesq=%22Hildegardo%20Le%c3%a3o%20Velloso%22&pagfis=2523)>. Acesso em: 23 ago. 2021.

35 “PREFEITURA. Hoje o início do pagamento (Secretaria Geral de Administração)”. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 19 jan. 1950, p. 5. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842\\_06&pesq=%22Hildeg](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_06&pesq=%22Hildeg)



ardo%20Le%C3%A3o%20Velloso%22&pasta=ano%20195&pagfis=337>. Acesso em: 23 ago. 2021.

36 “ESCOLA Nacional de Belas Artes”. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 25 jun. 1950.

3º Caderno, p. 9. Disponível em:

<[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842\\_06&Pesq=%22Hildegardo%20Le%20c3%a3o%20Velloso%22&pagfis=3515](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_06&Pesq=%22Hildegardo%20Le%20c3%a3o%20Velloso%22&pagfis=3515)>. Acesso em: 23 ago. 2021.

37 “NOTICIÁRIO. Comissão Nacional de Belas Artes”. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 07 fev. 1952. 1º Caderno, p. 5. Disponível em:

<[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842\\_06&Pesq=%22Hildegardo%20Le%20c3%a3o%20Velloso%22&pagfis=15227](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_06&Pesq=%22Hildegardo%20Le%20c3%a3o%20Velloso%22&pagfis=15227)>. Acesso em: 23 ago. 2021. Em 1952, numa pequena nota, é possível observar o “encontro” de Hildegardo Leão Velloso e Bruno Giorgi ao serem designados para a função de membros da tal comissão.

38 “QUATRO cantos. Artes”. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 8 maio 1965. 1º Caderno, p. 9. Disponível em:

<[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842\\_07&Pesq=%22Hildegardo%20Le%20c3%a3o%20Velloso%22&pagfis=64431](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_07&Pesq=%22Hildegardo%20Le%20c3%a3o%20Velloso%22&pagfis=64431)>. Acesso em: 23 ago. 2021.

39 PEREGRINOS, op. cit.

40 “ATOS religiosos. Escultor Leão Velloso (falecimento)”. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 21 out. 1966. 2º Caderno, p. 4. Disponível em:

<[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842\\_07&pesq=%22Hildegardo%20Le%C3%A3o%20Velloso%22&pasta=ano%20196&pagfis=75824](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_07&pesq=%22Hildegardo%20Le%C3%A3o%20Velloso%22&pasta=ano%20196&pagfis=75824)>. Acesso em: 23 ago. 2021. Ver também “LEÃO Velloso, autor de 80 mausoléus, é sepultado em campa simples de artista”. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 22 out. 1966. 1º Caderno, p. 16.

Disponível em:

<[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_08&pesq=HILDEGARDO%20LE%-C3%83O%20VELOSO&pagfis=91167](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pesq=HILDEGARDO%20LE%-C3%83O%20VELOSO&pagfis=91167)>. Acesso em: 22 ago. 2021.

*Uma publicação da*  
*Academia Volta-redondense de Letras*  
*[www.avl.org.br](http://www.avl.org.br)*